

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

ÉRIKA LICHY LOPES

**HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM CONTEXTO DE
ISOLAMENTO FÍSICO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19
NA CIDADE DE SÃO PAULO**

São Paulo
2021

ÉRIKA LICHY LOPES

HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM CONTEXTO DE
ISOLAMENTO FÍSICO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19
NA CIDADE DE SÃO PAULO

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, na área de concentração Hospitalidade e na linha de pesquisa Dimensões e Contextos da Hospitalidade, sob a orientação do Profa. Dra. Sênia Bastos e coorientação do Prof. Dr. Airton José Cavenaghi.

São Paulo
2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca UAM
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

864h Lopes, Érika
 Hospitalidade e dádiva em contexto de isolamento físico
 durante a pandemia de covid-19 na cidade de São Paulo /
 Érika Lopes. - 2021.
 144f. : il.; 30cm.

 Orientador: Sênia Bastos.
 Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em
Hospitalidade); co-orientador Airton Cavenaghi -
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2021.
 Bibliografia: f.78

 1. Hospitalidade. 2. Dádiva. 3. Pandemia de COVID-19.

CDD 647

DEDICATÓRIA

**À Regina Helena Lichy Lopes
e Bruno Vieira Carvalho.**

AGRADECIMENTOS

Aos três orientadores, que me acompanharam, ensinaram e apoiaram durante este período: Profa. Dra. Sênia Bastos, Prof. Dr. Airton Cavenaghi e Profa. Dra. Rafaela Cordeiro. À Prof. Dra. Roseane Barcellos Marques, que participou da banca de qualificação da presente dissertação, a toda equipe do programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, que me auxiliou e incentivou ao longo do curso de mestrado e à Universidade Anhembi Morumbi pela concessão de bolsa de estudos institucional.

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade compreender as relações de hospitalidade no processo de ruptura e posterior restabelecimento do ciclo da dádiva, derivados do processo de distanciamento físico decorrente da pandemia de COVID-19. As vivências sem precedentes, consequentes do contexto de necessidade de contenção da propagação da doença são entendidas por intermédio de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, realizada por meio de entrevistas com moradores da cidade de São Paulo que experienciaram o processo de isolamento. Os dados foram tratados mediante análise de conteúdo e a principal limitação do estudo é a impossibilidade de sua generalização. Esta pesquisa contribui com a área de hospitalidade ao refletir sobre suas relações em um momento histórico para a sociedade contemporânea, caracterizado por abruptas alterações das relações sociais. Como resultado, obteve-se que as relações de hospitalidade se perpetuam, mesmo em momentos de ruptura de valores sociais, como é o caso de um cenário pandêmico, por intermédio da adaptação e restabelecimento da circularidade da dádiva ao novo contexto. Observou-se também a importância da virtualidade para as relações de hospitalidade e a vulnerabilidade emocional decorrente da inviabilidade do encontro físico.

Palavras-chave: Hospitalidade. Dádiva. Distanciamento físico. COVID-19. Cidade de São Paulo.

ABSTRACT

The present study aims to understand the hospitality relations in the process of rupture and subsequent restoration of the donation cycle, derived from the physical distancing process established due to the COVID-19 pandemic. The unprecedented experiences resulting from the context of the need to contain the spread of the disease are understood through qualitative, exploratory and descriptive research, conducted through interviews with citizens of the city of São Paulo who experienced the process of isolation. The data were treated through content analysis and the main limitation of the method is the impossibility of its generalization. This research contributes to the hospitality area by reflecting on its relationships at a historic moment for contemporary society. As a result, it was obtained that the hospitality relations are perpetuated, even in moments of rupture of social values, as is the case of a pandemic scenario, through the adaptation and reestablishment of the circularity of the donation to the new context. Unexpected findings were also reached, which may encourage future studies, such as the importance of virtuality for hospitality relations and the emotional vulnerability resulting from the infeasibility of physical encounters.

Keywords: Hospitality. Gift. Physical distance. COVID-19. Sao Paulo City.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Olhar sobre a COVID-19.....	11
Figura 2: “Morning sun”.....	16
Figura 3: “Sterile creation”.....	30
Figura 4: Os domínios da hospitalidade.....	32
Figura 5: Lentes conceituais de hospitalidade.....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro de conexões	27
Quadro 2: Categorias de análise	29
Quadro 3: Tempos e espaços da hospitalidade.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
2.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	16
2.2 TIPO DE PESQUISA	17
2.3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	18
2.4 OBJETIVOS.....	18
2.5 SUJEITOS APTOS	18
2.6 SELEÇÃO DOS SUJEITOS	18
2.7 COLETA DE DADOS	19
2.8 TRATAMENTO DOS DADOS	21
2.9 LIMITAÇÕES DO MÉTODO.....	22
2.10 INSTRUMENTO DE COLETA.....	22
2.10.1 Instruções para o entrevistador:	22
2.10.2 Condições da entrevista	22
2.10.3 Aspectos importantes	23
2.10.4 Introdução da entrevista	23
2.10.5 Assuntos tratados na entrevista	24
2.10.6 Roteiro da entrevista	24
2.10.7 Quadro de conexões	26
2.11 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	27
2.12 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	28
2.12.1 Primeira categoria de análise: circularidade da dádiva	28
2.12.2 Segunda categoria de análise: hospitalidade	28
2.12.3 Terceira categoria de análise: interrupção da circularidade da dádiva	28
2.12.4 Quarta categoria de análise: restabelecimento da circularidade da dádiva	29
2.12.5 Quinta categoria de análise: hostilidade	29
3. HOSPITALIDADE, CIRCULARIDADE DA DÁDIVA E DISTANCIAMENTO FÍSICO	30
3.1 HOSPITALIDADE.....	30
3.2 A DÁDIVA, SUA CIRCULARIDADE E MOMENTOS DE RUPTURA	37
3.3 DISTANCIAMENTO FÍSICO: ISOLAMENTO SOCIAL, QUARENTENA E SEUS IMPACTOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS	42

3.3.1 Pandemias: situações históricas	44
3.3.1.1 Peste bubônica	45
3.3.1.2 Gripe espanhola	47
3.3.2 A pandemia de COVID-19	48
3.4 O DISTANCIAMENTO FÍSICO DERIVADO DA PANDEMIA DE COVID-19: UM MOMENTO DE RUPTURA	50
4. PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA	56
4.1 CIRCULARIDADE DA DÁDIVA	56
4.2 HOSPITALIDADE.....	60
4.3 INTERRUÇÃO DA CIRCULARIDADE DA DÁDIVA	62
4.4 RESTABELECIMENTO DA CIRCULARIDADE DA DÁDIVA.....	67
4.5 HOSTILIDADE	71
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1	88
APÊNDICE B -TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2	93
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3	102
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 4	109
APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 5	117
APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 6	125
APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 7	132
APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 8	139

1. INTRODUÇÃO

Figura 1: Olhar sobre a COVID-19



Fonte: Renata Scafuro (2020).

O dia 11 de março de 2020, dia no qual a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a proliferação do vírus causador da COVID-19 (*Corona Virus Disease* do ano 2019) como pandemia, marcou o início de um momento sem precedentes na história mundial. O primeiro alerta emitido para a nova doença foi dado no último dia de 2019, em Wuhan, na China, devido a diversos relatos de uma doença pulmonar, até então caracterizada como misteriosa. Após procedimentos básicos de isolamento dos indivíduos doentes, análise e sequenciamento primário do novo vírus, no dia 9 de janeiro de 2020, a OMS, em conjunto com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças Chinês, anunciou sua identificação como uma nova evolução do Coronavírus, a partir de então, denominado COVID-19. Este dia

também foi marcado pela primeira morte em decorrência da doença, na própria cidade originária da pandemia.

A família viral que afeta vias respiratórias foi isolada pela primeira vez em 1937, nomeada em 1960 e tem seu nome derivado da semelhança estética entre o vírus e uma coroa. Surtos de doenças causadas por Coronavírus foram vivenciados na história recente, como a SARS e a MERS que aconteceram em 2002 e 2012, respectivamente, mas não são plausíveis de comparação com a pandemia de COVID-19, sob nenhum aspecto. A atual crise supera de maneira espantosa todas as pandemias anteriormente enfrentadas pela humanidade, seja em números de contágios, amplitude de território afetado e principalmente quebra de paradigmas sociais, demandando drástica adaptação das populações afetadas.

A rápida disseminação do vírus pelo planeta, e o relevante aumento do número de infectados apontou holofotes dos governos, bem como das mídias de diversos países, para a necessidade de urgentes medidas de contingência. O primeiro trimestre de 2020 foi pautado pela comprovação da chegada da COVID-19 em todos os continentes e decorrentes ações objetivando mitigar a propagação do contágio, consistindo em sua maioria, medidas de distanciamento físico. A partir de então, o que era entendido como habitual e cotidiano deu lugar a uma maneira completamente diferente de se viver.

Novos hábitos de higiene, paralisação e postergação dos mais diversos eventos, desde missas no Vaticano, até as Olimpíadas de 2020 no Japão, orientação para a permanência em domicílio, suspensão do comércio e de todas as atividades consideradas não essenciais, diminuição do transporte público, rodízio de veículos, multidões de desempregados, colapso dos sistemas de saúde, hospitais de campanha lotados, velórios apressados de caixões lacrados, noticiários diários com números relacionados à pandemia cada vez mais preocupantes e a impossibilidade do encontro. Esse é o contexto da pandemia de COVID-19, bem como dessa dissertação.

A cidade de São Paulo, local no qual a presente dissertação, foi realizada, teve seu primeiro caso do novo coronavírus confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020 e início de medidas substanciais de distanciamento físico em 24 de março de 2020. Medidas essas que, em razão da importância mundial da cidade, com uma grande concentração de habitantes, entre outros fatores sociopolíticos, não impediram que ela terminasse o segundo trimestre do mesmo ano como o maior epicentro da doença do país. Consequentemente, o Brasil adentrou o segundo semestre de 2020 como segundo país em número de contágios e mortes por COVID-19, seguindo os Estados Unidos.

A principal motivação da pesquisa se deu porque, enquanto residente da cidade de São Paulo e mestranda em hospitalidade, que entende suas leis e a circulação da dádiva como um grande instrumento de coesão social, estuda a importância do encontro humano e das suas relações de troca, não se pode deixar de observar uma ruptura significativa de valores previamente estabelecidos, derivada da imposição e na verdade, da necessidade do distanciamento físico.

Pareceu-nos impossível não observar o impedimento de visitas e recepções, de festas e eventos sob as lentes da hospitalidade (LASHLEY *et al.*, 2007), atentando às suas relações, em um novo contexto social que impede anfitrião e hóspede de encenarem seus papéis. Tal contexto, fomenta, por outro lado, uma busca por adaptações e maneiras de permitir ao homem ser o que é, segundo Rousseau (2018), um ser social que nasce livre, mas logo se depara com a necessidade do outro e do coletivo para a sua sobrevivência.

A percepção de que existem relações de troca entre os seres sociais e de que essas relações são de imensurável valia para a construção e manutenção de vínculos, são a premissa para a realização dessa pesquisa. Uma das maneiras de se entender a organização em que essas trocas acontecem, muito trabalhada na área de hospitalidade, é a circularidade e a obrigatoriedade do “dar-receber-retribuir”, ou, circularidade da dádiva. De maneira simplista e geral, pode-se observar um ciclo, previamente estabelecido, por meio do qual as mais diversas dádivas transitam em uma sociedade, colaborando para seu equilíbrio social. (MAUSS, 1925; GODBOUT, 1998).

A imposição do distanciamento físico derivada da pandemia de COVID-19 rompe esse ciclo quando impacta o fluxo habitual do “dar-receber-retribuir”, ao impedir que as pessoas recebam ou visitem amigos e familiares, frequentem seus espaços de trabalho e lazer, não possam comparecer à festas e eventos, estes vitais para a manutenção da teia da vida, segundo Bueno (2006). Ocorrem também diversas outras modificações do cotidiano, que influenciam de maneira relevante os tempos (receber, hospedar, alimentar e entreter) e espaços (doméstico, público, comercial e virtual) da hospitalidade (CAMARGO, 2004). Todos esses aspectos geram necessidade de adaptações, de maneira a restabelecer a circularidade da dádiva, que segundo Godelier (2001), jamais se extingue, mas transmuta de acordo com os novos contextos sociais.

Baseada em tais observações, surge a pergunta problema da pesquisa: como as relações de hospitalidade se manifestam em uma situação de ruptura do ciclo cotidiano da dádiva, como em casos de necessidade de distanciamento físico por pandemia? Isto

considerando que não houve uma ruptura generalizada das relações, visto que palavras, gestos e imagens continuam circulando.

A partir disso, o objetivo geral dessa pesquisa é compreender as relações de hospitalidade em uma situação de ruptura do ciclo cotidiano da dádiva, como em casos de necessidade de distanciamento físico derivados da pandemia. Isto, de acordo com Gotman (2013), que considera a hospitalidade como um mecanismo de retorno ao equilíbrio após momentos de ruptura de valores, ou como a mesma coloca, uma luz no fim do túnel que auxilia o retorno à normalidade. O objetivo geral desdobra-se em dois objetivos específicos: esclarecer o que é o ciclo da dádiva e entender como o ciclo da dádiva é impactado pelo distanciamento físico.

A fundamentação teórica deste trabalho é composta por Mauss (1925), ao buscar conceituar a dádiva e sua circularidade. Godbout (1998), ao visar entendê-la enquanto relação social. Por Godelier (2001), ao evidenciar a transmutação e adaptação da dádiva a novos contextos. Gotman (2013), é utilizada para a compreensão da dádiva enquanto mecanismo de retorno ao equilíbrio. Buscou-se Lashley e outros (2007) para o entendimento da hospitalidade como fundamental para a existência humana.

Bueno (2006) é adotada para a compreensão da importância dos encontros físicos e festas para a manutenção dos vínculos sociais; Camargo (2004; 2015) é aplicado com o propósito de conceituar a hospitalidade enquanto encontro e a relação interpessoal como inerente à existência humana. Para salientar a existência das leis e regras não escritas da hospitalidade, cujo objetivo é evitar a hostilidade, e entender a própria hostilidade, utilizou-se Montandon (2011). E para compreendê-la como a ponte entre o lado de fora e o lado de dentro, utilizou-se Grassi (2011).

Após a descrição do contexto de distanciamento físico, que caracteriza o momento histórico daqueles que o vivenciam, tem-se início a conceituação teórica de hospitalidade e dádiva. A apresentação desses conceitos almeja permitir a compreensão de relações de hospitalidade durante a ruptura, restabelecimento, adaptação e transmutação do ciclo da dádiva, representados pelo contexto da pandemia de COVID-19 (MAUSS, 1925; GODBOUT, 1998; GODELIER, 2001; GOTMAN, 2013; BUENO, 2006).

A dimensão trágica que, sem dúvida, envolve todos os aspectos do contexto pandêmico, desde as fatalidades até as quebras da bolsa de valores, não impede, contudo, a observação da oportunidade de estudos que a vivência de um momento como esse proporciona. Tal vivência permite o vislumbre de um contexto que dificilmente pode ser compreendido sem imersão, bem como possibilita entrevistar pessoas que nele estão imersas.

A partir disso, entender como a hospitalidade se manifesta em situações de distanciamento físico e como pode minimizar a vulnerabilidade daqueles que o vivenciam será a contribuição prática desse estudo. A contribuição desta dissertação com a área de hospitalidade se dá pela reflexão que ela propõe acerca de suas relações durante um momento social tão singular.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Os dados foram tratados através de análise de conteúdo e coletados mediante entrevistas semiestruturadas com roteiro. O *corpus* da pesquisa é formado por oito entrevistas, que foram transcritas na íntegra (apêndices A ao H).

Estruturalmente, essa dissertação é composta pelo capítulo de procedimentos metodológicos, que elucida os principais aspectos da pesquisa, como sua abordagem e tipo, os sujeitos aptos e os sujeitos selecionados para a coleta de dados, como ela foi realizada e como esses dados foram tratados, bem como apresenta o instrumento de pesquisa utilizado e a tabela de conexões, que justifica e embasa cada um de seus aspectos.

Segue-se ao capítulo denominado “Hospitalidade, circularidade da dádiva e distanciamento físico”, que é dedicado em um primeiro momento à conceituação da hospitalidade enquanto encontro e relação humana. Busca-se, por intermédio de autores seminais da área, compreender a dádiva e sua circularidade, tangenciando momentos de ruptura e posterior restabelecimento desse ciclo. A seção conta também com a caracterização do processo de distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19, e descrição de conceitos relacionados ao tema, acompanhada pela contextualização de situações históricas análogas.

Por fim, o capítulo “Perpetuidade das relações em tempos de pandemia” consiste na análise dos resultados obtidos por meio dos relatos dos sujeitos entrevistados. São cinco categorias de análise: circularidade da dádiva, hospitalidade, interrupção da circularidade da dádiva, restabelecimento da circularidade da dádiva e hostilidade. As categorias, respectivamente, aproximam a vivência do distanciamento físico na Cidade de São Paulo, decorrente da pandemia de COVID-19, ao referencial teórico adotado nesta dissertação, permitindo o alcance de seus objetivos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Figura 2: “Morning sun”



Fonte: Edward Hopper (1952)

Neste capítulo são apresentados os aspectos metodológicos do presente estudo, como a definição da abordagem e tipo de pesquisa, seu problema e objetivos, aspectos relacionados aos sujeitos entrevistados, sua seleção, coleta e tratamento de dados, bem como as limitações do método empregado.

2.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

De acordo com Godoy (1995), existem duas abordagens mais comuns de pesquisa científica na área das ciências sociais, a abordagem quantitativa, que busca quantificar resultados de maneira objetiva e mais precisa possível, composta por pesquisas realizadas por intermédio de planos previamente estabelecidos e concretos. E a abordagem qualitativa, caracterizada pela ausência de estrutura rígida para o plano de pesquisa, contato direto do pesquisador com o objeto de estudo e por objetivos relacionados ao entendimento de fenômenos humanos, comportamentos, processos interativos, sem a proposta de apontamentos numéricos.

Para a realização deste estudo, a abordagem escolhida foi a qualitativa, já que o objetivo é compreender a perspectiva dos sujeitos de pesquisa em relação à experiência

estudada. No caso, entender as questões de hospitalidade e hostilidade envolvidas no processo de distanciamento físico devido à pandemia de COVID-19.

Creswell (2010) apresenta algumas características da pesquisa qualitativa:

-Ambiente natural: a pesquisa de campo não acontece em ambientes artificialmente preparados, como laboratórios, e sim no contexto habitual do entrevistado, o que permite interações e observações mais completas por parte do entrevistador.

-Pesquisador como instrumento fundamental: a coleta de dados acontece com o contato pessoal do pesquisador com os entrevistados, ambientes e contextos pesquisados, o que permite maior imersão e riqueza de informações.

-Análise de dados indutiva: a pesquisa qualitativa permite aos pesquisadores o processamento de informação de maneira mais pessoal e abstrata.

-Significados dos participantes: o sentido e a subjetividade que os entrevistados dão à questão pesquisada é de extrema relevância e é o foco do pesquisador na pesquisa qualitativa.

-Interpretativo: os pesquisadores investigam de forma interpretativa seu objeto de estudo, ou seja, as questões passam pela sua subjetividade e individualidade.

-Relato holístico: a pesquisa qualitativa permite a criação de um cenário completo, multissensorial da situação estudada, composto por diversas perspectivas e culminando em um conjunto de dados mais amplo.

-Lente teórica: conceitos teóricos são frequentemente utilizados como lentes para a realização de estudos qualitativos.

Quanto à questão do ambiente de realização das entrevistas, optou-se por locais habituais ao entrevistado, sendo possivelmente sua própria residência ou ambiente de trabalho. Devido ao contexto de distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19 utilizou-se a ferramenta de chamada de vídeo por celular ou computador. Essa forma de entrevista permitiu o contato pessoal entre entrevistador e entrevistado, porém, de forma adaptada ao cenário contemporâneo.

2.2 TIPO DE PESQUISA

Vergara (1997) propõe um critério para a apresentação da categoria de pesquisa, que consiste em uma divisão entre tipo de pesquisa quanto aos fins, podendo ser: exploratória, descritiva, explicativa, metodológica, aplicada e intervencionista. Detém-se sobre o tipo de pesquisa quanto aos meios, que entre outros, contempla as pesquisas de campo, pesquisas de laboratório, pesquisas documentais, pesquisas bibliográficas e pesquisas experimentais.

Quanto aos fins, o desenvolvimento deste trabalho será realizado por meio de pesquisa exploratória e descritiva, que segundo Vergara (1997), são pesquisas com objetivo de exploração do tema, realizadas em áreas com poucos estudos publicados e que visam descrever grupos e fenômenos, respectivamente. A opção por tais tipos de pesquisa se deve ao contexto sem precedentes, que caracteriza o isolamento social derivado da pandemia de COVID-19, e à oportunidade de realizar o estudo durante a ocorrência desse cenário, possibilitando a descrição da experiência dos sujeitos de pesquisa. Quanto aos meios, será realizada a pesquisa de campo, embasada por estudo bibliográfico e documental.

2.3 PROBLEMA DE PESQUISA

A pergunta problema a partir da qual se desenrola este trabalho é: como as relações de hospitalidade se manifestam em uma situação de ruptura do ciclo cotidiano da dádiva, como em casos de necessidade de distanciamento físico por pandemia?

2.4 OBJETIVOS

Com o intento de responder à pergunta problema, estipula-se um objetivo geral: compreender as relações de hospitalidade em uma situação de ruptura do ciclo cotidiano da dádiva. O trabalho desdobra-se também em dois objetivos específicos: esclarecer o que é o ciclo da dádiva e entender como o ciclo da dádiva é impactado pelo distanciamento físico.

2.5 SUJEITOS APTOS

Pessoas que tenham vivenciado ou estejam vivenciando a experiência do distanciamento físico devido à pandemia de COVID-19 na cidade de São Paulo.

2.6 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

A seleção dos sujeitos, de acordo com critérios previamente delineados é fundamental para a realização de uma boa pesquisa e influi diretamente na compreensão do problema que se pretende estudar. Tal grupo permitiu percepções de padrões, símbolos, significados, categorias e a delimitação da quantidade de indivíduos entrevistados foi suficiente para que essas percepções acontecessem (DUARTE, 2002).

Neste estudo, optou-se por indivíduos residentes da cidade de São Paulo – SP, Brasil, que tenham vivenciado as medidas de distanciamento físico impostas à cidade. Utilizou-se dessa restrição, tanto por questões de comodidade, pois a pesquisa foi desenvolvida em São

Paulo, quanto para evitar distorções, já que o avanço da pandemia, bem como as medidas para sua contenção ocorreram de maneiras distintas em diferentes cidades do Brasil, sendo que até o momento da realização deste estudo, São Paulo é a cidade com maior número de infectados.

Com a intenção de inibir percepções distintas, decorrentes de grandes diferenças de idade, optou-se por uma maior homogeneidade de faixa etária entre os sujeitos, são eles: Rodrigo, 22 anos; Camila e Gabriela, ambas com 24 anos; Matheus e Danilo, com 25 anos; Lucas e Giulia, ambos com 26 anos e Miriam, com 39 anos.

2.7 COLETA DE DADOS

Segundo Baker, Gentry e Rittenburg (2005), a única maneira de entender a vulnerabilidade é ouvir e observar aquele que se encontra em situação de vulnerabilidade. A partir disso e do objetivo da pesquisa pautada na compreensão e interpretação do contexto envolvendo distanciamento físico devido à pandemia de COVID-19, optou-se pela coleta de dados através de entrevistas semiestruturadas com roteiro.

Flick (2013) aponta que entrevistas semiestruturadas são compostas por uma ampla variedade de perguntas, que em conjunto abordam o escopo pretendido da entrevista por completo. Tais perguntas estimulam o início de um diálogo entre entrevistador e entrevistado, de maneira que o entrevistador possa captar a visão subjetiva que o entrevistado tem sobre o tema em análise. As entrevistas são amparadas por um roteiro previamente elaborado, que serve como guia, mas não se deve prender a ele, nem à formulação inicial das perguntas, já que a conversa é dinâmica.

Marandola e Hogan (2006) apontam a necessidade de uma postura aberta e dinâmica no momento da tentativa de interpretação das dificuldades que o entrevistado vivencia:

Em muitos casos, problemáticas específicas podem suscitar hipóteses de pesquisa que, ao serem investigadas, revelarão os perigos e os elementos da estrutura causal da vulnerabilidade. Nesse caso, manter uma postura aberta diante do objeto de pesquisa permite que, mesmo que tenham sido definidos os perigos que serão investigados (e a vulnerabilidade a eles) durante o seu desenvolvimento haverá oportunidade de descobrir outros elementos que interferem no desenho da vulnerabilidade daquela população, sociedade ou lugar. Na maioria das vezes, há maior clareza do dano que os perigos causam, tendo dificuldade em definir o risco e a vulnerabilidade. Em vista disso, o profundo conhecimento do perigo (o evento) e dos processos envolvidos num contexto social e geográfico, colocados numa escala adequada para a sua apreensão, é vital para que as estruturas que configuram a vulnerabilidade possam ser elucidadas e compreendidas de forma contextual (MARANDOLA e HOGAN, 2006, p.37).

Duarte (2002) aponta a importância do que denomina situação de contato, o momento no qual entrevistador e entrevistado interagem e que pode influenciar diretamente na

qualidade dos dados obtidos, pois é extremamente rico em informações e significados que devem ser registrados e interpretados pelo pesquisador. A autora sugere que o entrevistador fique atento não somente às respostas do entrevistado, como também aos seus sinais corporais, gestos e atitudes durante a entrevista. O local mais indicado para a realização desse contato é o ambiente doméstico do entrevistado, onde ele estará mais à vontade para expressar seus pensamentos e menos preocupado com fatores externos. Devido à situação de pandemia e conseqüente impossibilidade, ou mesmo medo da aproximação física, as entrevistas foram realizadas por chamada de vídeo.

O *corpus* da entrevista foi constituído a partir de saturação, que segundo Fontanella e outros (2008), consiste em uma ferramenta na qual se interrompe a inclusão de novos sujeitos aptos na pesquisa qualitativa, quando o entrevistador percebe padrões de repetição nas coletas previamente obtidas. É um método bastante utilizado em pesquisas qualitativas da área da saúde, pois permite a captação de ampla variedade de informações, mesmo em um contexto em que costuma haver redundância.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002) a quantidade de entrevistas necessárias para uma boa interpretação dos dados, varia de acordo com diversos aspectos, como ambiente e recursos disponíveis. No entanto, de maneira geral, os autores apontam que, a partir do momento que as entrevistas permaneçam muito parecidas, sem a obtenção de dados que representem novidades, dificilmente a continuidade na coleta de dados trará benefício à pesquisa. Isso porque dado um mesmo ambiente e uma mesma experiência, as percepções dos indivíduos derivam principalmente de um processo social compartilhado e o ponto de saturação, entendido como o momento no qual os relatos começam a se repetir, é o ponto que permitirá ao pesquisador entender o fenômeno estudado.

No caso da presente dissertação, considerando o contexto de pandemia compartilhado pelos habitantes da cidade de São Paulo, a semelhança entre os relatos dos entrevistados foi perceptível desde as primeiras três entrevistas. A última visão que representou uma novidade foi constatada na quinta entrevista e o ponto de saturação foi alcançado na oitava conversa, que por esse motivo tornou-se a última, de maneira a possibilitar uma leitura e interpretação profunda dos dados coletados, colaborando assim para a compreensão do fenômeno, que pode ser prejudicada pelo excesso de dados, os quais interferem no tempo de análise e atenção do pesquisador (BAUER E GASKELL, 2002).

2.8 TRATAMENTO DOS DADOS

Métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, mas, também, muito difíceis de se analisarem. Sempre se lê isso em textos sobre metodologia de pesquisa em ciências sociais, entretanto só se tem ideia da dimensão dessa afirmação quando se está diante de seu próprio material de pesquisa e se sabe que é preciso dar conta dele (DUARTE, 2002, p.151).

A análise dos resultados das entrevistas foi realizada mediante análise de conteúdo interpretativa. Segundo Franco (2005), a análise de conteúdo tem como ponto de partida a mensagem, de todo e qualquer tipo, seja ela verbal ou não-verbal e já era utilizada na tentativa de interpretação “das mensagens de Deus” nos textos bíblicos. Segundo o autor, a análise de conteúdo está atrelada à concepção de linguagem como construção social dinâmica, ou seja, está sujeita a modificações de acordo com o contexto, tempo, espaço, cultura, entre outros.

Toda análise de conteúdo deve ser composta de comparação e classificação de dados. Um dado extraído de uma mensagem precisa necessariamente estar relacionado a outro, seja por semelhança, ou diferença, já que ele não terá relevância se for apenas um dado solto ou isolado, que não possibilita nenhuma criação de significado à análise. É preciso evidenciar o sentido da mensagem para o indivíduo, considerando-o subjetivo (FRANCO, 2008).

“A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem” (BARDIN, 1977, p.38). Segundo Bardin (1977), não existe um instrumento fixo para analisar mensagens, mas uma enorme variedade de técnicas mutáveis adaptáveis conforme a necessidade da pesquisa, que formam um leque de apetrechos, em suas palavras, para auxiliar o pesquisador. Neste aspecto proposto pela autora, considera-se neste estudo “o momento histórico da fala”, ou seja, o distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19, que teve início no começo do ano de 2020 e ainda se estende durante a realização da etapa de defesa desta dissertação, em março de 2021.

A autora propõe uma série de etapas com intuito de decodificar a mensagem, consistindo a primeira etapa na separação do material a ser estudado, bem como escolha de suposições e técnicas de análise correspondentes a essas suposições, a segunda etapa na exploração do material e aplicação das técnicas escolhidas e a terceira etapa na análise dos resultados e conexão com o referencial teórico, permitindo a formulação de conclusões.

2.9 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

A principal limitação do método utilizado é o fato de que os dados não poderão ser generalizados. Bauer e Gaskell (2002) dissertam sobre o fato de que a coleta de dados por meio de entrevistas é válida na interpretação parcial de um contexto, contudo, tal abordagem possui limitações. Além da impossibilidade de entrevistar todos os indivíduos que representam determinado cenário, aqueles entrevistados nem sempre verbalizam suas experiências de maneira correta e completa, o que interfere na inferência de conclusões por parte do entrevistador, que tem as entrevistas como principal fonte de informações.

2.10 INSTRUMENTO DE COLETA

A seguir, são apresentados os principais aspectos do instrumento de coleta utilizado para a reunião de dados deste estudo. Um roteiro de entrevista cuja intenção foi auxiliar o entrevistador na condução de uma conversa aberta com o entrevistado, de maneira a obter o maior número possível de informações verbais e não verbais relacionadas à percepção da experiência que foi alvo desta pesquisa.

2.10.1 Instruções para o entrevistador:

- Declarações de abertura
Apresentação formal da entrevistadora Érika Lichy Lopes.
- Quais são os objetivos da entrevista?
Compreender como o processo de distanciamento físico inerente à pandemia de COVID-19 impactou as relações de troca (das mais diversas) e relações da hospitalidade na vida dos entrevistados. Destacar as relações de hospitalidade observáveis no restabelecimento do ciclo da dádiva.

2.10.2 Condições da entrevista

- Quem foi entrevistado?
Pessoas residentes da cidade de São Paulo que tenham vivenciado o processo de distanciamento físico inerente à pandemia de COVID-19.
- Quando?
As entrevistas serão agendadas conforme agenda do entrevistado.

- Onde?

Devido ao contexto de pandemia, as entrevistas foram realizadas de maneira remota, por meio de plataforma digital.

- Como foi conduzida a entrevista? Gravada? Onde foram feitas as anotações?

As entrevistas foram gravadas em áudio, com autorização do entrevistado e posteriormente transcritas na íntegra, com correção de erros gramaticais, cacoetes e palavras de baixo calão.

2.10.3 Aspectos importantes

- Tendo em vista que os entrevistados em geral não são da área de hospitalidade, portanto, não estão familiarizados com seus termos como “ciclo da dádiva”, por exemplo, o objetivo do roteiro de entrevista foi conduzir uma conversa, com perguntas e respostas abertas. Buscou-se captar como cada indivíduo entendeu o processo de distanciamento físico como fator impactante nas relações de troca e nas relações sociais em seu dia-a-dia, além de entender quais fatores contribuíram para a retomada e/ou adaptação dessas relações. Não foi questionado se os entrevistados sabem ou não sobre hospitalidade, suas dimensões ou caracterizações.

- Considerando que os sujeitos aptos selecionados são residentes da cidade de São Paulo, que vivenciaram o processo de distanciamento físico e que essa pesquisa não busca diferenciar questões de gênero, idade, profissão ou faixa socioeconômica, esses aspectos não foram abordados na entrevista.

2.10.4 Introdução da entrevista

- Olá, tudo bem? Você foi selecionado para essa pesquisa, pois é residente da cidade de São Paulo e vivenciou o processo de distanciamento físico inerente à pandemia de COVID-19.

- Reforço que sua participação é voluntária e muito importante para a presente pesquisa. Os resultados serão compartilhados com o senhor (a) posteriormente. Para auxiliar na análise do conteúdo da entrevista, solicito que a mesma seja gravada, sendo que o senhor (a) poderá

solicitar a interrupção da gravação ou da entrevista em qualquer momento. A gravação será de acesso somente aos pesquisadores envolvidos no processo e quaisquer nomes de pessoas ou empresas citadas não serão repassados ou publicados em nenhum momento. A transcrição será publicada em diversos meios, mas sua identidade será sempre preservada.

2.10.5 Assuntos tratados na entrevista

- a) A vivência do distanciamento físico do entrevistado;
- b) As alterações e/ou impactos em suas relações mais próximas e mais distantes;
- c) Os pontos de hostilidade que o entrevistado identificou nessa vivência;
- d) Percepção do entrevistado sobre as adaptações das relações durante a vivência do processo.

2.10.6 Roteiro da entrevista

Visando um diálogo aberto, no qual seja possível captar as percepções, opiniões e vivências do entrevistado, o roteiro compreende perguntas abertas, com a utilização de expressões como “comente”, “conte mais”, “por que você acredita que isso ocorreu”, de maneira a conduzir uma conversa da qual possam ser extraídas o maior número de informações verbais e não verbais possíveis. Diferentes perguntas são designadas à compreensão de distintos momentos do processo de distanciamento físico e isso é pontuado para o entrevistado. Além disso, os termos referentes à pandemia utilizados durante a entrevista correspondem aos mais utilizados pela mídia, com o objetivo de não confundir o entrevistado e não causar ruídos à percepção da mensagem.

É importante salientar que, após a realização da primeira entrevista, notou-se a importância de reforçar para o entrevistado quais as relações de interesse para a presente pesquisa. Com esse intuito, utilizou-se a estratégia de iniciar a conversa com perguntas como: Você tem relações importantes com pessoas que não moram com você? Qual a importância dessas relações na sua vida? Também foram utilizadas afirmações como: é sobre essas relações que vamos conversar um pouco mais.

A partir da terceira entrevista também foi solicitado ao entrevistado que se apresentasse e falasse um pouco sobre o significado do distanciamento físico na sua vida. Isto com o intuito de entender um pouco mais sobre suas perspectivas e deixá-lo mais descontraído, percebendo que o foco de análise são suas vivências pessoais e que não existem respostas certas ou erradas, o que notou-se ser uma preocupação nas primeiras entrevistas.

Entrevista:

“Neste primeiro momento, gostaria de entender um pouco da sua vida social antes do distanciamento físico derivado da pandemia.”

1) Como eram as principais formas de contato e de constituição de vínculos sociais com pessoas que não moram com você (amigos, família, colegas)?

- Como você manifestava seu interesse na manutenção dos vínculos sociais com as pessoas pertencentes aos seus vínculos sociais? Como você percebia a manifestação de interesse na manutenção dos vínculos sociais por parte das pessoas pertencentes aos seus vínculos sociais? Qual a importância da manutenção desses vínculos?

2) Pensando agora exclusivamente nos encontros físicos com pessoas pertencentes aos seus vínculos sociais, como festas, eventos, recepções e visitas de convidados para refeições ou mesmo para hospedagens. Qual era a frequência e importância deste tipo de vivência na sua rotina? E qual a importância delas para a manutenção dessas relações?

3) Considerando agora uma situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém da sua rede de vínculos sociais. Como você entregaria esse presente? Qual reação esperaria da pessoa que o recebeu? Como você percebia a manifestava a reação ao presente? E qual a importância dessa reação para você?

(Seria interessante entender o que essa pessoa entende como presente).

“Agora gostaria de entender um pouco da sua vida social durante o distanciamento físico derivado da pandemia.”

4) Quais as principais formas de contato e de troca com pessoas importantes pertencentes aos seus vínculos sociais que não moram com você (amigos, família, colegas)? Você notou alguma forma de adaptação para esse novo contexto social? Qual a importância dessa adaptação? [em casos de respostas pouco satisfatórias, foram efetuadas as perguntas abaixo, ainda neste item]:

- Como você manifesta seu interesse na manutenção dos vínculos sociais com as pessoas pertencentes aos seus vínculos sociais? Como você percebe a manifestação de interesse na manutenção dos vínculos sociais por parte das pessoas pertencentes aos seus vínculos sociais?

5) Pensando agora exclusivamente nos encontros físicos com seus vínculos sociais, como festas, eventos, recepções e visitas de convidados para refeições ou mesmo para hospedagens, que se tornaram uma impossibilidade. Qual o impacto desse impedimento para essas relações? Você observou algo que substituiu de alguma forma o encontro físico?

6) Considerando agora uma situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém da sua rede de vínculos sociais. Como você entregaria esse presente? Qual reação esperaria da pessoa que o recebeu? Acredita ser possível perceber a reação ao presente recebido? E qual a importância dessa reação para você?

7) Como se sabe, o distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19 alterou de maneira significativa as regras de boa convivência. Você vivenciou alguma situação na qual precisou agir de maneira menos acolhedora do que lhe seria comum em um momento anterior à pandemia? Descreva.

8) Considerando as diversas alterações nas relações sociais diante o contexto de distanciamento físico, você vivenciou alguma situação na qual as pessoas se sentiram ofendidas, chateadas ou mesmo discriminadas? Qual o impacto dessa vivência na relação dos indivíduos envolvidos?

2.10.7 Quadro de conexões

O quadro a seguir tem como objetivo demonstrar as conexões entre as perguntas realizadas na entrevista e os objetivos da pesquisa, bem como os conceitos que foram utilizados para embasamento teórico.

Quadro 1: Quadro de conexões

Objetivo	Pergunta	Conceito
Esclarecer a existência de um ciclo da dívida cotidiano, previamente estabelecido.	Pergunta 1	Mauss (1925); Godbout (1998); Camargo (2004; 2015); Lashley et al (2007).
	Pergunta 2	Camargo (2004; 2015); Bueno (2006); Lashley et al (2007).
	Pergunta 3	Mauss (1925); Godbout (1998); Lashley et al (2007); Gotman (2013).
Entender como essa circularidade da dívida previamente estabelecida foi impactada pelo distanciamento físico.	Pergunta 4	Mauss (1925); Godbout (1998); Camargo (2004; 2015); Lashley et al (2007); Gotman (2013); Godelier (2001).
	Pergunta 5	Camargo (2004; 2015); Bueno (2006); Lashley et al (2007); Gotman (2013); Godelier (2001).
	Pergunta 6	Mauss (1925); Godbout (1998); Lashley et al (2007); Gotman (2013); Godelier (2001).
Analisar as relações de hostilidade no processo de distanciamento físico derivado de pandemia.	Pergunta 7	Camargo (2004; 2015); Montandon (2011)
	Pergunta 8	Camargo (2004; 2015); Montandon (2011)

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

2.11 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Considerando a especificidade da relação do contexto de distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19 com a possível ruptura do ciclo da dívida, até então vigente, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica de maneira a entender o estado da arte das publicações relacionadas ao tema entre janeiro e dezembro de 2020. O período de busca foi escolhido devido ao fato da pandemia ter iniciado e se desenrolado durante este respectivo ano.

Foram realizadas buscas com os termos “pandemia” e “dívida”, no período 2020-2020, da qual originaram-se 289 artigos. Foi adicionado o filtro de classificação por relevância e então os artigos das dez primeiras páginas tiveram título e referência bibliográfica analisados. Aqueles considerados de interesse para a realização do trabalho por relacionarem-se com o tema proposto tiveram seus resumos analisados e aqueles que, de fato se encaixavam com o objetivo da dissertação foram lidos na íntegra.

2.12 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

A análise teve início com a definição de categorias de análise com base no referencial teórico, visando atingir os objetivos específicos e gerais da presente dissertação. As categorias são: circularidade dádiva, hospitalidade, interrupção da circularidade da dádiva, restabelecimento da circularidade da dádiva e hostilidade. Os termos e expressões a elas relacionados foram sistematizados no Quadro 2. As entrevistas foram cuidadosamente lidas para a identificação de termos, expressões e suas variantes relacionados com as categorias definidas a priori. Trechos das entrevistas foram selecionados e sempre apresentados em fonte itálica, para possibilitar sua melhor identificação. No tópico seguinte prossegue-se com a análise destes relatos, alicerçada no referencial teórico.

2.12.1 Primeira categoria de análise: circularidade da dádiva

Categoria que comporta a análise do conjunto de trechos que fazem alusão à circularidade da dádiva. Entendida neste trabalho como um sistema de prestações e contraprestações de mútua obrigatoriedade entre os atores, no qual as mais diversas tocas ocorrem por meio de cenas que representam a circularidade do dar, receber e retribuir, gerando coesão social.

2.12.2 Segunda categoria de análise: hospitalidade

A hospitalidade é observada nesta dissertação por sua perspectiva relacionada à troca, ao acolhimento, ao encontro e às leis não escritas que os permitem acontecer da melhor maneira possível, culminando no estreitamento de vínculos. Encontram-se nesta categoria as análises referentes às suas cenas e relações.

2.12.3 Terceira categoria de análise: interrupção da circularidade da dádiva

Considera-se nesta pesquisa que houve uma interrupção da circularidade da dádiva, ocasionada pelo distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19, no qual o impedimento do contato físico gerou em um primeiro momento a quebra das formas de troca até então estabelecidas. Os relatos referentes à essa interrupção são examinados nesta categoria.

2.12.4 Quarta categoria de análise: restabelecimento da circularidade da dádiva

Nesta categoria são analisados relatos que evidenciam que a dádiva nunca se extingue e que busca caminhos através da hospitalidade para adaptar-se aos novos contextos sociais.

2.12.5 Quinta categoria de análise: hostilidade

A hostilidade, observada como o contraponto à hospitalidade e inerente a processos de pandemia, geralmente pautados por medo e insegurança, é analisada por intermédio de relatos que apontam para interações negativas em um contexto de distanciamento físico.

Quadro 2: Categorias de análise

Categorias		Termos	Referencial Teórico
Dádiva	Circularidade	abraçar; encostar; conversar; passar mensagem, divertir, relaxar; expressão facial; sentir; presente; estar presente/ se fazer presente; apoio; suporte; relações	Mauss (1925); Godbout (1998); Camargo (2004; 2015); Lashley e outros (2007); Gotman (2013); Godelier (2001)
	Interrupção	relembrar; substituir; nada é igual; não supri; saudade; dificuldade; angústia; vulnerabilidade emocional; depressão; destruição; experiência ruim/ horrível/ estranha/ esquisita;	
	Restabelecimento	mensagem; internet; whatsapp; vídeo-chamada; redes sociais; adaptação; mandar entregar; vídeo; verossímil/ honesto/ realista; diferente; possível/possibilidade; novos hábitos; minimiza a saudade/ distancia/ falta;	
Hospitalidade		receber/convidar/chamar; visitar/ ser convidado/ ser chamado; festa; reunião/ reunir/ reunia; contato físico; encontrar/ encontro.	Camargo (2004; 2015); Montandon (2011); Gotman (2013); Baptista 2005; Lashley 2000, 2007; Bueno 2006
Hostilidade		discriminação; afastamento; julgamento; risco; complexo; preconceito; exclusão; constrangimento.	Camargo (2004; 2015); Montandon (2011); Gotman (2013); Hawryluck e outros (2004)

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O quadro 2 relaciona as categorias de análise (circularidade, interrupção e restabelecimento da dádiva; hospitalidade e hostilidade), bem como os termos derivados das entrevistas realizadas e o respectivo referencial teórico que a suporta. Torna-se importante salientar que, os termos selecionados se inscrevem nas experiências subjetivas dos entrevistados e não possuem significado se analisados isoladamente, já que representam todo um contexto ao qual estão atrelados. Isto se evidencia na categoria “hostilidade”, na qual os termos, de maneira independente, não correspondem necessariamente a um fator hostil, mas à percepção derivada diretamente das vivências dos entrevistados em um cenário de pandemia.

3. HOSPITALIDADE, CIRCULARIDADE DA DÁDIVA E DISTANCIAMENTO FÍSICO

Figura 3: “Sterile creation”



Fonte: Wolf Silveri (2020).

Este capítulo trata algumas perspectivas da hospitalidade e se aprofunda na sua percepção enquanto encontro, abordagem escolhida para a realização do presente trabalho. A dádiva, seu ciclo, momentos de ruptura e posterior restabelecimento desse ciclo também são trabalhados, enquanto o distanciamento físico, com enfoque na pandemia de COVID-19, explicita o processo de ruptura e restabelecimento da circularidade da dádiva.

3.1 HOSPITALIDADE

Muito além de uma área análoga ao turismo, como é frequentemente apontada, a hospitalidade possui diversas frentes de estudo, que comportam desde a tão discutida oferta de

alimento e acomodação, até o entendimento da hospitalidade como elemento de controle e organização social. Tal concepção permite ao ser humano lidar com “o outro” da maneira mais adequada possível, perpassando pela análise das cenas que se sucedem entre hóspede e anfitrião nas mais diversas situações, como os espaços doméstico e virtual. (LYNCH, *et al.*, 2011). Algumas dessas frentes serão apresentadas a seguir.

Grassi (2011) evidencia a hospitalidade como a ponte entre “o fora” e “o dentro”, bem como todo o ritual de acolhida que permeia esse momento de admissão do outro, daquele que vem de fora, do estrangeiro. A autora aponta que a hospitalidade é justamente o rito, o gesto de autorização que permite a ultrapassagem do forasteiro aos limites internos, seja de um grupo, de uma casa, de uma cidade ou de qualquer contexto do qual ele não pertença, sem que haja hostilidade. Em suas obras, esse momento é frequentemente nomeado como “transposição da soleira”.

A autora ressalta a dimensão sagrada da hospitalidade, na qual ela é entendida como uma virtude, um atributo moral a ser ensinado para a sociedade e exemplifica com a mitologia grega, que possui os deuses Hérmes e Héstia como seus representantes. O primeiro é o deus do movimento, da viagem, do ato de não permanecer, portanto, o hóspede, enquanto a segunda é a deusa do lar, da acolhida, a anfitriã. Nesse contexto, passar de Hérmes à Héstia é ser admitido no ritual da hospitalidade. É transpor a soleira.

Em Lashley e outros (2007) observa-se a busca pela origem da hospitalidade ancestral, cujos primeiros signos são observados em civilizações antigas, como na Mesopotâmia, Grécia e Roma, bem como em textos judaico-cristãos. Em comum, tem-se a hospitalidade como pauta para o regimento de boas relações e acolhimento de estrangeiros e indivíduos mais frágeis. Na maioria das vezes por propósitos relacionados ao divino, mas também para o fortalecimento interno dos grupos.

Baptista (2005), que considera a hospitalidade como competência fundamental da cidadania, acredita que ela não está “fora” ou “dentro” de uma casa, morada ou lugar e sim no limiar entre os dois. Ela afirma que cada indivíduo consiste em um próprio universo, composto por significados, experiências e relações únicos e que, portanto, a hospitalidade nada mais seria do que a aceitação da alteridade dos outros indivíduos, configurando um movimento de fora para dentro, no qual um indivíduo acolhe e respeita ao outro.

Segundo a autora uma vivência de relação entre duas ou mais pessoas, só pode acontecer através da hospitalidade. O ponto de contato entre o hóspede e o anfitrião consiste inicialmente em um momento de ruptura, pois interrompe tudo aquilo que é comum e tradicional a cada um dos indivíduos, para o vislumbre de uma existência, um universo

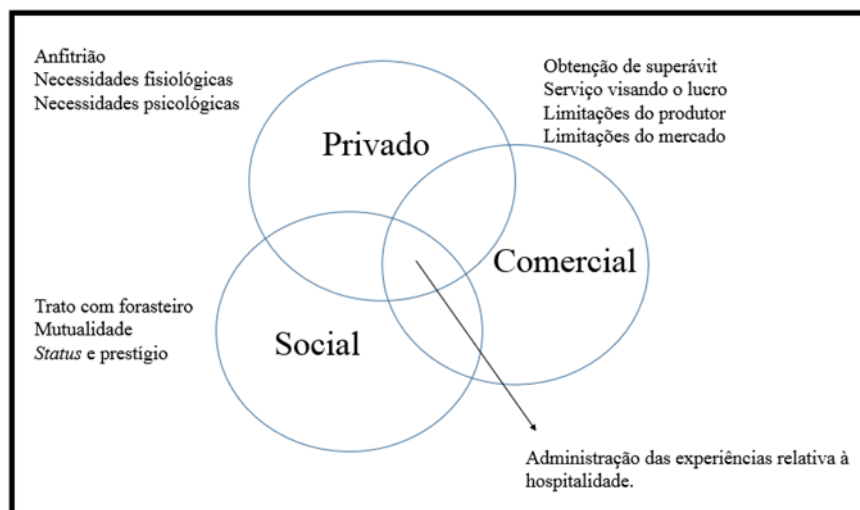
completamente diferente, o outro, para posteriormente transformar-se em um ponto de vinculação, um momento fértil para a criação de uma relação entre esses dois indivíduos.

A hospitalidade também pode ser entendida como o conjunto de regras e leis não escritas, que regem a boa acolhida e destinadas a evitar a hostilidade. Regras essas que regem as mais diversas cenas e variam de acordo com cultura, tempo e local, constituindo desde preceitos sobre como admitir e tratar o estrangeiro, até os esforços que cabem àquele que ocupa o papel de hóspede. Como, por exemplo, o entendimento de que para o bom andamento de uma cena hospitaleira, espera-se que o anfitrião honre seu hóspede, protegendo-o e oferecendo-lhe o que tem de melhor, enquanto o hóspede deve dignificar seu papel, aceitando tudo que a ele for oferecido e jamais usurpando o papel de anfitrião daquele que o recebe. A hospitalidade é inclusive vista como intrusiva, pois, caso tais leis não sejam seguidas, provavelmente haverá constrangimento (MONTANDON, 2011; PITT-RIVERS, 2012).

Segundo O'Mahony (2015), a necessidade de estudo da hospitalidade de maneira holística e multidisciplinar, foi possível a partir da publicação do modelo de Lashley (2000), que permitiu a observação de seus diversos aspectos e frentes, de maneira a expandir seus conceitos. Lashley (2015) afirma que apesar de a hospitalidade ter sido tradicionalmente estudada pela lente comercial, ela advém da matriz social, domínio que contempla as regras, rituais e morais que permeiam a existência dos indivíduos, bem como os regimentos de suas conexões, relações e criações de laços.

Lashley (2000) apresentou um meio de observar o fenômeno da hospitalidade de maneira mais completa, de modo a superar a forma como estava sendo estudada, que enfatizava a hospitalidade como atividade econômica. A abordagem dos três domínios consiste em um diagrama de Venn, apresentado abaixo, que demarca os domínios privado, social e comercial da hospitalidade, cada uma fazendo referência a um aspecto da oferta da hospitalidade, que segundo o autor, consiste em um arcabouço de comportamentos oriundos da base da sociedade.

Figura 4:
da



**Os domínios
hospitalidade**

Fonte: Lashley (2015).

Outro modelo relevante para os estudos de hospitalidade em suas diversas frentes é o de Camargo (2004), no qual o autor elenca e relaciona os diferentes tempos e espaços da hospitalidade (quadro 4). Tem como intuito ilustrar uma das maneiras como entende a hospitalidade, ou seja, como “o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou comercial, que envolve o ato de receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat” (CAMARGO, 2004, p.52).

Quadro 3: Tempos e espaços da hospitalidade

Categoria	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual	Fornecer pouso e abrigo em casa para Pessoas	Receber em casa para refeições e Banquetes	Receber para recepções e festas
Pública	A recepção em espaços e órgãos públicos de livre Acesso	A hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país	A gastronomia Local	Espaços públicos de lazer e eventos
Comercial	Os serviços profissionais de recepção	Hotéis Hospitais e casas de saúde Presídios	A restauração	Eventos e espetáculos Espaços privados de Lazer
Virtual	A <i>net-etiqueta</i> do enviar e receber mensagens por meios eletrônicos	Sites e hospedeiros de sites	A gastronomia eletrônica	Jogos e entretenimento

Font
e:
Ca
mar
go
(200
4).
C
am
arg
o

(2004) demonstra por intermédio de seu quadro que os diferentes tempos da hospitalidade (recepcionar; hospedar; alimentar; entreter) podem ocorrer em qualquer um de seus espaços, que são os ambientes doméstico, público, comercial ou virtual. Por exemplo, o ato de hospedar pode ser observado tanto em uma casa na qual se fornece abrigo para um amigo, quanto em um hotel ou hospital que recebe seus clientes e pacientes. O mesmo ocorre com outros tempos e outros espaços.

Tanto pela inserção do pensamento capitalista nos mais diversos aspectos da vida social, quanto pela forte associação popular da hospitalidade ao setor hoteleiro, muito se discute sobre a comparação entre a hospitalidade e o comércio da hospitalidade. Como em Gotman (2009), quando a autora afirma que essa comparação é apenas de caráter mimético, já que no comércio, o dinheiro acaba por estabelecer equilíbrio entre os atores, removendo a dádiva, a reciprocidade e, portanto, a criação de vínculo, descaracterizando a cena hospitaleira. O que antes evidenciaria um gesto genuíno, passível de retribuição, torna-se uma cena iniciada e finalizada pelo pagamento.

Nas relações comerciais, o contato e o vínculo são substituídos por contratos e pagamentos, que afastam os protagonistas, isentando-os na obrigação de retribuição e garantindo-lhes um alto nível de liberdade para o hóspede em relação aos anfitriões e ao local de acolhida. O comércio propicia, portanto, uma encenação da hospitalidade, mas representa-lhe uma constante oposição, já que sua essência é o contato, a troca, o vínculo humano (GOTMAN, 2009).

É justamente o sentido da hospitalidade enquanto vínculo, encontro, troca e relação humana, a perspectiva que interessa e embasa o presente estudo. Ela será tratada a seguir.

A hospitalidade mais do que um fato observável, é uma virtude que se espera quando nos defrontamos com o estranho (e todo estranho é também um estrangeiro), alguém que ainda não é, mas deve ser reconhecido como o outro (CAMARGO, 2015, p.44).

Entender a hospitalidade como relação humana, encontro e ponto de equilíbrio nas relações de troca é o ponto de partida do presente trabalho. Camargo (2015) compreende o encontro como um ponto de contato humano de extrema importância, que pode culminar em um estreitamento de laços ou em um afastamento entre os indivíduos. Isto de acordo com a presença da hospitalidade, por ele é entendida como o atributo, o ritual que rege as relações humanas, ou de sua ausência, a inospitalidade, pelo autor entendida como o desinteresse do contato, da qual pode derivar uma oposição ainda mais intensiva, a hostilidade.

A hospitalidade emerge entre dois princípios contraditórios: a hospitalidade *versus* a hostilidade e pertence sobretudo a uma natureza intrínseca ao Homem, surgindo e podendo ser observada, portanto, de maneira espontânea em qualquer sociedade, respeitando as diferentes características provenientes das diferentes culturas. O ser humano não vive sem a relação com o outro e essa relação não existe sem a troca, que por sua vez acontece em bons ou maus termos, de acordo com a presença da hospitalidade ou hostilidade, respectivamente (GOTMAN, 2013).

O cerne da hospitalidade é relação interpessoal, inerente à existência humana, visto que Homens são seres sociais e dependem de seus relacionamentos para sobreviver. De acordo com Rousseau (2018), nascem livres, sem obrigações morais, mas logo se vêm amarrados à necessidade do coletivo, o que por um lado revoga sua liberdade natural, mas lhe confere um direito, a ordem social. O ser humano deve saber viver em âmbito de sociedade, pois disso depende seu maior instinto, sua autopreservação.

Das vitais relações sociais e da necessidade de sua manutenção, nutrição e fortalecimento, derivam conceitos como troca, rituais, contato, aproximação, calor humano e acolhimento. Ambientes de encontro como recepções e festas sejam eles de qualquer natureza, tamanho ou modalidade, consistem em um ambiente fértil para essa manutenção, além da criação de novos vínculos e fortalecimento da identidade do ser humano enquanto ser social (BUENO, 2006; CAMARGO, 2015).

Para Lashley e outros (2007), uma das dimensões da hospitalidade é justamente o quanto ela é fundamental para a existência humana, sem a qual os grupos não poderiam se formar, conviver e assim atingir os principais objetivos necessários para a sobrevivência, como obtenção de alimento, abrigo e segurança. Sem a hospitalidade, também não seriam possíveis as relações entre diferentes grupos, que ampliavam as redes de relacionamento, segurança e trocas de benefícios.

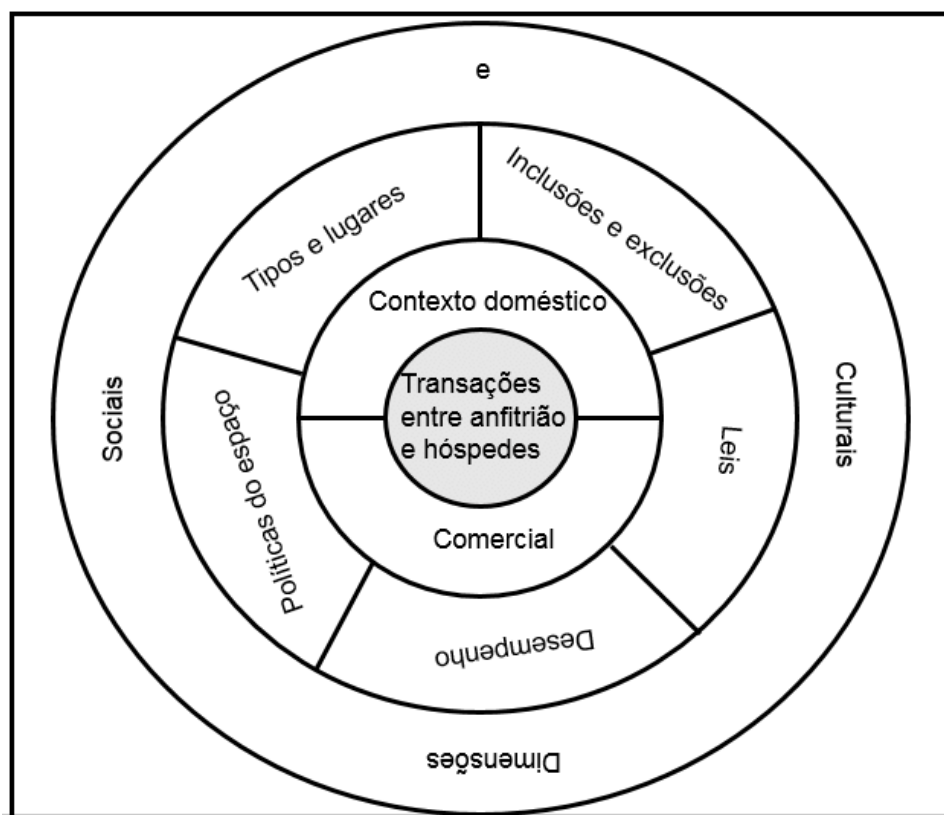
As relações sociais e, portanto, primeiras relações da hospitalidade na vida de um indivíduo se dão por intermédio da convivência com amigos e familiares, com os quais se busca nutrir e manter o vínculo de maneira recíproca (LASHLEY ET AL., 2007). Em uma situação de distanciamento físico, torna-se interessante observar como essa manutenção se dá, pois, a priori, o contato presencial se extingue, mas o vínculo não.

Lashley e outros (2007) apontam que o avanço dos estudos de hospitalidade em direção a uma perspectiva multidisciplinar, que englobe diferentes variáveis sociais é de grande importância para as organizações comerciais. A partir das percepções derivadas desse tipo de literatura, poderão oferecer aos seus clientes serviços e experiências cada vez mais pautados pela hospitalidade e, por consequência, mais satisfatórios.

Este aprofundamento mais holístico nas questões da hospitalidade permite o entendimento de diferentes perspectivas sociais que, por sua vez culminam em diferentes formas de praticar cenas hoteleiras, como por exemplo, a recepção de forasteiros, que pode divergir em distintas comunidades e apresentar aspectos intimamente relacionados à sua respectiva cultura (LASHLEY et al. 2007).

De acordo com esta linha de raciocínio, Lashley e outros (2007) afirmam que hospitalidade pode ser inclusive entendida como uma lente por meio da qual se pode visualizar constructos sociais tais como ideologias, valores e crenças. Os autores constroem um diagrama conceitual para representar visualmente as lentes da hospitalidade, passíveis de serem empregadas quando se almeja compreender um contexto social em que cenas hospitaleiras estão inseridas.

Figura 5: Lentes conceituais de hospitalidade



Fonte: Lashley e outros (2007).

O diagrama apresenta a hospitalidade como um fenômeno humano que possui como centro as transações entre hóspede e anfitrião, ponto do qual derivam oito aspectos que se inter-relacionam, são eles: Contexto Doméstico, que abarca as noções e simbologias hospitaleiras relacionadas ao ambiente doméstico; Comercial, que diz respeito às cenas da hospitalidade que estão diretamente ligadas a transações econômicas; Inclusão/Exclusão, entendidas como a representação metafórica da hospitalidade, fazem alusão ao acolhimento ou não acolhimento do forasteiro; Leis, que representam as normas sociais, que mesmo não

escritas regem as situações de hospitalidade; Performance ou Desempenho, fazendo referência literal aos papéis desempenhados pelos atores envolvidos das cenas de hospitalidade; Políticas de Espaço, envolve as noções de limites espaciais nas relações hospitaleiras; Tipos e Lugares, faz referência às diferenças e variáveis da hospitalidade, relacionadas ao local no qual ela acontece; Dimensões Sociais e Culturais, aborda o impacto dos contextos sociais e culturais vigentes nas questões de hospitalidade que são desenvolvidas e compartilhadas.

Ao vislumbrar a hospitalidade como essencial à relação humana e como uma lente de observação da sociedade, possibilita-se refletir sobre a necessidade de adaptações que suas relações tangenciam em momentos como o estudado pela presente dissertação. O contexto de distanciamento físico, no caso derivado da pandemia de COVID-19, demandou intensa reformulação das maneiras de troca humana até então vigentes.

De acordo com Gotman (2013), a hospitalidade transmuta conforme o momento social, nunca desaparece, mas se transforma em momentos de ruptura de valores, muitas vezes aparecendo como “uma luz no fim do túnel”, um mecanismo de retorno ao equilíbrio. Daí o questionamento: sobre quais relações da hospitalidade podem ser observadas nesse momento histórico de ruptura caracterizado pelo distanciamento físico?

Gotman (2013) retoma Mauss e sua visão da universalidade antropológica da dádiva, afirmando que a hospitalidade é pautada pela reciprocidade e assimetria, que também são reformuladas e adaptadas às novas realidades, auxiliando a reorganização social e o retorno ao equilíbrio. Esses temas são tratados a seguir, de maneira a estabelecer uma conexão com o contexto de distanciamento físico por pandemia, entendido neste trabalho como um exemplo de ruptura.

3.2 A DÁDIVA, SUA CIRCULARIDADE E MOMENTOS DE RUPTURA

A associação do momento de distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19 a um processo de ruptura do ciclo da dádiva, deu-se pela concomitância entre a vivência desse contexto e a leitura do “Ensaio sobre a dádiva” (MAUSS, 2003). A obra que tem início com um poema escandinavo evidenciando as questões simbólicas da troca, marcou os estudos de antropologia e sociologia ao buscar compreender o sistema de trocas humanas, através da análise de sociedades arcaicas, tidas como “primitivas”. O texto de Mauss trouxe à tona a dimensão moral do “dar-receber-retribuir”, que ultrapassa questões econômicas e pode ser considerado uma lógica que visa a coesão social.

Ao estudar a natureza das transações humanas, Mauss (2003) buscou como objetos de estudo entender qual a regra de interesse faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído e descobrir qual a força que há na coisa dada que obriga sua retribuição. Utilizando-se da comparação entre os sistemas de troca entre povos do noroeste americano, Polinésia e Melanésia, o autor defendeu que a obrigatoriedade por trás das dádivas, supostamente voluntárias, era algo que poderia ser generalizado entre as demais sociedades, constituindo um “fato social total”, ou seja, um fenômeno que permeia de uma única vez as diversas instituições sociais: religiosa, jurídica, moral, familiar, política, econômica, estética e morfológica.

A obra aborda também os diferentes aspectos peculiares da troca de dádivas e a obrigação de sua retribuição que o autor observou nas diferentes sociedades. Como exemplo apontam-se os seguintes aspectos: a honra envolvida em poder receber e poder retribuir; a dimensão sagrada da dádiva e o “dar-receber-retribuir” como sacrifício e agradar aos deuses; e, também, a relação do presente dado com o próprio espírito do doador.

Além de toda a percepção da dinâmica da dádiva possibilitada pelo ensaio, um aspecto de grande relevância para o presente trabalho é a observação da importância de sua circularidade como dispositivo de manutenção das relações e do entendimento de que a recusa em dar, receber, ou retribuir é sinônimo de ruptura desse equilíbrio. Os tópicos a seguir buscam explorar um pouco mais sobre a dádiva e seu ciclo, de modo a viabilizar o entendimento do momento de distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19 a um processo de ruptura do ciclo da dádiva, bem como seu possível restabelecimento e as relações de hospitalidade e hostilidade observáveis nesse processo.

Fois-Braga e Brusadin (2020) abordam alterações nas cenas e relações corriqueiras de hospitalidade, derivadas do processo de distanciamento físico, como:

Em época de Covid-19, de repente, ninguém chega batendo às nossas portas, e ninguém se anuncia, o que nos resta é nos anunciarmos - gritar para o mundo para se fazer presente, ou implodir no silêncio do fazer-se esquecido no processo de autodescoberta. Aqui, cabe-nos pensar sobre como nossa mente e espírito anfitriões organizam atos de hostilidade e de não-acolhimento (FOIS-BRAGA; BRUSADIN, 2020, p. 49).

Godbout (1998) aponta que a dádiva não é uma coisa e sim uma relação social. O autor a coloca como uma outra opção de entendimento da troca que não é exclusivamente econômica, mas sim como aquilo que circula em prol dos laços sociais, com o objetivo de criar vínculos, conexões, ligações e romper o isolamento. Ele entende a dádiva como uma

alternância constante entre liberdade e obrigação citação direta, na qual “não se dá para receber; dá-se para que o outro dê” (GODBOUT, 1998, p.8). Fato este que promove a criação e manutenção de vínculos importantes ao ser humano, tratando-o como um ser social e quem sempre interesse na conservação de vínculos.

Godelier (2001) afirma que o ciclo da dádiva não se extingue por questões sociais, ele transmuta conforme o contexto e segue seu papel vital na construção e manutenção dos laços sociais nas suas diversas formas. Segundo o autor, o ciclo da dádiva encontra formas de se adaptar ao contexto contemporâneo que impede o encontro dos indivíduos e as trocas que dele decorrem.

Segundo Godbout (1998), a dádiva pode ser entendida como um modelo que permite e nutre a conexão entre as pessoas, possibilitando a sensação de pertencimento às relações e o rompimento da solidão:

Por que se dá? Se admitirmos o que precede, a resposta é simples: para se ligar, para se conectar à vida, para fazer circular as coisas num sistema vivo, para romper a solidão, sentir que não se está só e que se pertence a algo mais vasto, particularmente a humanidade, cada vez que se dá algo a um desconhecido, um estranho que vive do outro lado do planeta, que jamais se verá. Por isso eu dizia que a dádiva é o que circula a serviço do laço social, o que o faz aparecer, o alimenta. Desde os presentes para os amigos e familiares até a doação por ocasião de grandes catástrofes naturais, a esmola na rua, a doação de sangue, é fundamentalmente para sentir essa comunicação, para romper o isolamento, para sentir a própria identidade. Daí o sentimento de poder, de transformação, de abertura, de vitalidade que invade os doadores, que dizem que recebem mais do que dão, e muitas vezes do próprio ato de dar (GODBOUT, 1998, p. 13-14).

A dádiva desafia os modelos de interpretação da sociedade, por não obedecer lógicas que entendem as trocas apenas por questões financeiras e de acúmulo de capital, ou por padrões de comportamento em que o indivíduo age de acordo com o coletivo social. Ao contrário do que muito se observa, a dádiva busca a contração de dívidas e não sua liquidação, já que essa dívida configura na manutenção do vínculo. É um esquema que envolve prestações mútuas, de maneira livre e opcional, configurando uma verdadeira dádiva, o que não seria no caso de uma retribuição resolutamente compulsória (GODBOUT, 1998).

Pode-se observar a dádiva como um sistema no qual os atores envolvidos não buscam a equivalência, mas sim a dívida, pois ela gera sempre a obrigação de retribuição e com a isso a manutenção do vínculo. O autor aponta, no entanto, que essa obrigatoriedade é implícita, já que cada doador busca diminuir o valor do que foi prestado, com o intuito de tornar a existência ou não de sua contraprestação algo legítimo por parte daquele que recebeu a dádiva

e que, no próximo movimento dessa cena, tornar-se-á o doador, e assim por diante (GODBOUT, 1998).

A dinâmica da dádiva gera a sensação de paradoxo entre obrigação e liberdade, já que ela pressupõe a obrigação de dar, receber e retribuir, enquanto exige a liberdade do indivíduo em realizar essas ações, o que parece contraditório. No entanto, o que de fato acontece em um processo de circularidade da dádiva é a existência de uma obrigação, porém de origem interna, ou seja, os atores sentem-se obrigados a prestar e contraprestar, mas por ímpetos pessoais e não por coação externa (GODBOUT, 1998).

A degradação da dádiva é um movimento que advém do próprio doador, que não mais realiza a ação por uma motivação espontânea, mesmo que permeada pelo desejo da conexão, afastamento da solidão, mas por uma obrigação que vem do meio externo. Seja pautada pelo cumprimento de regras e convenções, ou por questões religiosas e de solidariedade, a dádiva que vem de fora e não pelo ímpeto interno de dar, receber, ou retribuir, encontra-se desgastada (GODBOUT, 1998; GODELIER, 2001).

Sabourin (2008) revisita o Ensaio Sobre a Dádiva (MAUSS, 2003) para apontar sua perspectiva paradoxal entre dádiva e troca. O autor destaca que Mauss diferencia a dádiva das trocas mercantis, conferindo-a um caráter moral e ético, em que os atores envolvidos participam da dinâmica de dar-receber-retribuir em busca de honra e prestígio. Tal prática protagoniza um processo no qual questões materiais e espirituais se misturam, de modo que, considerar expressões de dádiva e contra-dádiva como exemplos de troca, seria uma redução do seu real significado.

O desinteresse da dádiva pode ser entendido como uma característica apenas aparente, uma vez que sua reciprocidade é parte obrigatória do processo. No entanto, a explicação dessa estrutura da reciprocidade e seu valor moral é complexa. Mauss (2003) utiliza-se de um terceiro ator, de caráter simbólico e imaginário: o mana, nome polinésio que faz referência ao conteúdo espiritual contido naquilo que é trocado, no qual parte do doador está integrada ao objeto material, conferindo um cunho muito mais profundo à sua contraprestação (SABOURIN, 2008).

Lévi-Strauss (1997) é retomado em Sabourin (2008) ao explicar que a reciprocidade da dádiva não é necessariamente simétrica, já que o interesse em sua prestação e contraprestação está muitas vezes relacionado à preocupação com o outro, na criação e manutenção de relações e vínculos, por mais que estas intenções possam ter surgido a partir da busca de satisfação própria. “A reciprocidade supõe uma preocupação pelo outro [...] tal

preocupação torna-se, portanto, hospitalidade, dádiva de alimentos e víveres, proteção, ou seja, motivos ou obrigações para produzir” (SABOURIN, 2008, p. 135).

As dádivas derivadas de demandas sociais constituem parte dos exemplos evidentes de circularidade da dádiva no contexto de pandemia. São inúmeros os projetos sociais voltados para o auxílio de pessoas prejudicadas financeira e socialmente pela necessidade do distanciamento físico. Seja por motivações intrínsecas, seja por motivações pessoais ou religiosas, o que segundo os autores supracitados constituiriam o dom forçado, são manifestações que amenizam as dificuldades da vivência de uma ruptura do ciclo da dádiva previamente estabelecido (AMADEO, 2020).

Isso porque uma vastidão de indivíduos foi prejudicada economicamente pela necessidade do distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19. Segundo Godelier (2001), sem dinheiro, ou seja, sem possibilidade de manter trocas, o indivíduo deixa de existir no meio social, tornando-se praticamente um ser à margem do tecido social contemporâneo que, segundo o autor, é cada vez mais esgarçado, criando uma demanda de dádivas para sua sobrevivência.

Em outra perspectiva do entendimento do lado moral da dádiva, pode-se colocar que a hospitalidade tem duas faces. Uma que comporta seus códigos e regras a serem seguidos e, a outra face, que corresponde à transcendência desses códigos e regras e leva a se doar um pouco a mais do que o “obrigatório”. Fato que daria origem à associação do sacrifício e da perspectiva moral da dádiva, que não pertence a uma religião ou outra, mas sim a toda humanidade e configura uma economia na qual sempre está presente a gratuidade, o desequilíbrio e a indeterminação (GOTMAN, 2013).

Muito além das questões econômicas impactadas também pelo distanciamento físico, existe o prejuízo das relações interpessoais, frente à impossibilidade da troca existente no encontro. Bueno (2006) entende a dádiva como o mais poderoso antídoto para a manutenção de vínculos e para o próprio restabelecimento de seu ciclo em algum momento de possível ruptura. Tal circunstância ressalta a importância de festas e recepções para a manutenção de sua circularidade, que é reafirmada desde a construção do espaço físico e simbólico do encontro através de objetos, símbolos e portais honoríficos que se destacam da realidade e assim reforçam a dimensão simbólica do dom. Salienta-se que o espaço do encontro cria uma relação entre aquele que recebeu e foi recebido permitindo a circulação da dádiva, como por exemplo na hospitalidade das casas. Aspecto esse, alterado pelo contexto pandêmico.

As festas e encontros presenciais, impactados pelo distanciamento físico têm a função de amenizar tensões sociais, bem como o isolamento dos indivíduos. Elas permitem a

convivência solidária e a manutenção de relações, favorecem o acolhimento e a troca em situações contemporâneas de urbanização, na qual as pessoas estão cada vez mais isoladas. Esse tipo de reunião de pessoas também incentiva a doação de cada um ao todo, em complemento à doação do espaço. A autora coloca a dádiva como “antídoto” para a manutenção de vínculos e de sua própria circularidade em momentos de ruptura do ciclo original (BUENO,2006).

3.3 DISTANCIAMENTO FÍSICO: ISOLAMENTO SOCIAL, QUARENTENA E SEUS IMPACTOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o termo distanciamento físico faz referência a diferentes medidas que visam diminuir a interação física entre membros de uma comunidade, com intuito de mitigar a velocidade de propagação de uma doença contagiosa. Entre essas medidas, pode-se observar desde ações relativamente brandas como a diminuição da circulação do transporte público e recomendações para que a população evite aglomerações, até operações mais drásticas como o *lockdown*, palavra de origem inglesa que se refere ao bloqueio total da circulação de pessoas em um perímetro delimitado.

Os critérios para a determinação de medidas de distanciamento físico, que englobam ainda ações de quarentena e isolamento social, são delimitados de maneira particular para diferentes tipos de pandemias em diferentes países. Restrições proporcionais ao número de infectados de determinada região, bem como à capacidade de seu sistema de saúde são implementadas, segundo declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS), realizada em abril de 2020.

Segundo Usher, Bhullar e Jackson (2020), medidas de distanciamento físico para contenção da propagação de doenças causadas pelo contágio de vírus e bactérias, são observadas há séculos e existem em grande variedade. Contemplando desde toques de recolher, proibição de grandes aglomerações, cancelamento de viagens e eventos, até o isolamento de indivíduos saudáveis e doentes ou possivelmente doentes, estratégias hoje conhecidas prioritariamente como quarentena e isolamento social.

O processo de quarentena pode ser definido como um método de diminuição da propagação de uma doença contagiosa, por meio do isolamento de indivíduos contaminados ou com suspeita de contaminação. O período desse isolamento varia conforme o tempo durante em que estes indivíduos seriam capazes de transmitir a doença em questão (MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, 2020).

O Ministério da Saúde do Brasil afirma ainda que se trata de uma medida administrativa restritiva e obrigatória, derivada dos poderes públicos e direcionada aos diversos agentes da sociedade, com a intenção de frear ou diminuir o ritmo da propagação de vírus, ou bactéria que esteja afetando a sociedade, a partir da drástica diminuição da intensidade de circulação de pessoas.

Outra medida de saúde pública, com o mesmo objetivo, no entanto, de caráter diverso, é o isolamento social. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil, consiste em uma recomendação, não obrigatória, dirigida aos indivíduos que estejam contaminados, com suspeita de contaminação, ou em processo de teste clínico ou laboratorial para comprovação de contaminação pelo vírus ou bactéria em questão. O isolamento social é feito em ambiente domiciliar para os pacientes assintomáticos, em ambiente hospitalar para aqueles que necessitem de auxílio médico e consiste, em suma, na retirada temporária deste indivíduo do convívio social.

Brooks e outros (2020) afirmam que o termo quarentena foi criado e utilizado pela primeira vez no ano de 1127, em Veneza, Itália, em um momento no qual buscava-se conter a disseminação da Hanseníase, e voltou a ser usado cerca de 220 anos depois, na Eurásia, no início da Peste Bubônica. Segundo os autores, o termo é frequentemente confundido com isolamento social, que impõe a separação física entre indivíduos doentes e indivíduos saudáveis, enquanto a quarentena visa à diminuição da movimentação de pessoas até então saudáveis, mas que potencialmente tiveram contato com o vírus ou bactéria do contágio em questão.

Uma consequência relevante e relatada como duradoura, mesmo após o período de distanciamento físico é a estigmatização daqueles que estiveram em quarentena ou isolamento social e a criação de relações hostis entre e para com membros das populações afetadas, como se todo aquele que passou pelo processo de pandemia representasse uma ameaça permanente (BROOKS et al., 2020).

Toda e qualquer estratégia de distanciamento físico para contenção de pandemia afeta drasticamente a vida dos indivíduos e instituições, de maneira a alterar o que antes era conhecido por “normal” na vida das pessoas. Gera a necessidade de diversas adaptações nas dinâmicas familiares, sociais, comerciais e governamentais. As medidas de quarentena e isolamento social são conhecidas por serem desagradáveis para aqueles que as experimentam, por modificar de maneira brusca e duradoura seus hábitos e rotinas, promovendo o afastamento físico de seus laços sociais, como família e amigos (USHER; BHULLAR; JACKSON, 2020).

Hawryluck e outros (2004) afirmam que o senso de conexão e de relações sociais tem um importante papel na manutenção da saúde emocional dos indivíduos em situação de quarentena ou isolamento social, que frequentemente encontram-se mentalmente vulneráveis devido às restrições impostas e às mudanças nos hábitos de vida. No entanto, os autores apontam que este tipo de contexto também acaba por gerar hostilidade entre as pessoas, que de maneira geral vivenciam o medo do contágio da doença e por vezes passam a enxergar determinadas pessoas ou grupo de pessoas como ameaça, culminando inclusive em atitudes xenofóbicas.

Perrin e outros (2009) apontam que doenças contagiosas, principalmente de caráter respiratório, têm grande propensão de criar situações de hostilização e marginalização dos grupos infectados ou supostamente infectados. Os autores ressaltam ainda o termo “contágio psicológico”, enfatizando que situações pandêmicas alimentam sentimentos de medo, raiva e paranoia, por vezes incentivando comportamentos sociais inadequados.

Historicamente, as ações de quarentena e isolamento social, apontam para bons resultados de contenção da propagação de doenças contagiosas. No entanto, também sucedem em impactos econômicos, sociais e psicológicos, que podem resultar em doenças como depressão e transtorno de ansiedade. Fato que consiste em um aspecto a ser observado pelos governos que necessitem, em casos graves de epidemia ou pandemia, dispor desse tipo de medida (PERRIN et al. 2009).

Ainda em Brooks e outros (2020), nota-se que processos de distanciamento físico em situações de pandemia geram diversas condições psicológicas negativas aqueles sujeitos, culminando inclusive em depressão, stress pós-traumático e até suicídio. Os autores afirmam que esse tipo de situação apresenta diversos fatores de stress ao indivíduo, como frustração e tédio devido à impossibilidade de contato físico e social; medo de contrair a doença em questão; incertezas quanto à duração do período de distanciamento físico; falta de suprimentos e complicações financeiras derivadas das restrições laborais.

3.3.1 Pandemias: situações históricas

O termo pandemia já está popularmente atrelado à propagação de doenças infectocontagiosas e é frequentemente relacionado a outros termos, de igual origem, porém, com diferentes significados: epidemia e endemia. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos da América (CDC), a distinção entre endemia, epidemia e pandemia, está relacionada ao número de

infectados e à área de abrangência da contaminação (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2006; CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS, 2010).

Endemias são catalogadas como “ameaças constantes” e referem-se a doenças comuns à determinada região, que acontecem com certa frequência, por vezes relacionadas a fatores sazonais e afetando um número praticamente constante de indivíduos ao longo do tempo. A Epidemia representa uma evolução do nível endêmico, consistindo em uma situação na qual o número de casos de determinada doença aumenta drasticamente em relação à porcentagem de contágio que costumava ser comum àquela região.

A pandemia por sua vez, consiste na propagação da epidemia em nível mundial, caracterizada pela rápida disseminação da doença em diferentes países, regiões e continentes do planeta. A tendência é que pandemias sejam causadas por vírus e bactérias resistentes e novos para o ser humano, o que significa que poucos indivíduos serão imunes e os índices de propagação altos. Esse é um dos motivos pelos quais grandes pandemias da história são atribuídas a casos de zoonoses, ou seja, vírus ou bactérias transmitidas primariamente por intermédio de animais (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2006; CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS, 2010).

Muitas foram as pandemias que perpassaram a história do planeta, compreendendo uma grande variedade de patógenos, duração, quantidade de vítimas e medidas de contenção. Suas origens e significados foram discutidos desde o campo da ciência, até os campos da arte e da religião, mas o que se pode destacar em comum entre a maioria é o quanto uma vivência desse tipo de situação é capaz de alterar os paradigmas da sociedade e a forma como as pessoas enxergam o mundo (BITTENCOURT, 2020; SENHORAS, 2020; SCHIO, 2019).

A seguir, são apresentadas algumas dessas pandemias: A peste bubônica, considerada a primeira grande pandemia; a gripe espanhola, conhecida por incentivar diversas mudanças sociais, inclusive pelo fato de possuir diversas vítimas socialmente relevantes; e a COVID-19, pandemia sem precedentes, que se desenrola durante o desenvolvimento dessa dissertação e foi sua grande motivação.

3.3.1.1 Peste bubônica

A pandemia de peste bubônica, tida como a primeira grande pandemia registrada e documentada da história, consiste no segundo evento epidemiológico de peste, ocorrido entre 1347 e 1353, com início na Ásia, disseminação e pico de infecção na Europa e extensão até o norte do continente africano. A doença é originária de roedores, transmitida ao ser humano

por meio da picada de pulgas infectadas e causa hemorragia generalizada na vítima, desencadeando manchas escurecidas na pele, de onde deriva seu nome popular, “peste negra”.

O primeiro evento epidemiológico de “peste negra” se deu no Egito, entre os anos 542 e 602 d.C. e foi nomeado como “Peste de Justiniano”. Já a terceira epidemia teve início na China em 1894 e foi responsável pela disseminação da bactéria causadora da doença ao redor do mundo através de meios marítimos, chegando inclusive ao Brasil, no ano de 1899 pelo porto de Santos, no estado de São Paulo. Apesar de não configurar mais um quadro pandêmico, a peste ainda consiste em um perigo para as sociedades e seu último caso em seres humanos foi comprovado no ano de 2005, na cidade de Pedra Branca, Ceará, Brasil. Nestes relatos, nota-se a importância da circulação de indivíduos como forma de propagação de doenças. Quanto maior for o deslocamento humano e a rapidez desse processo, maior será o fator de propagação de doenças.

Reconhecida como um flagelo de alta magnitude para a história humana, a peste bubônica dizimou uma grande parcela da população europeia, com números que não podem ser precisamente estimados, mas estão entre 50 e 150 milhões de mortos. Fato que alterou padrões econômicos e sociais, instaurando principalmente novos princípios de higiene, já que as péssimas condições sanitárias da época são tidas como um dos fatores que contribuiu para a rápida disseminação da doença e alta taxa de mortalidade (GOTTFRIED, 2010; WYMAN, 1897; DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA EPIDEMOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO; 2020).

Segundo Brooks e outros (2020), procedimentos de distanciamento físico, como a quarentena, foram iniciados com intuito de conter a peste bubônica, mas de maneira extremamente desorganizada por parte dos poderes públicos. Poucas ações foram obedecidas por parte da população, o que gerou outro fator a colaborar com a proporção devastadora que a pandemia atingiu. Como consequência, houve um maior reconhecimento à importância de medidas de higiene e isolamento social para a contenção de doenças. No surto de peste bubônica na Inglaterra, ocorrido cerca de 240 anos depois, verificou-se a primeira aplicação regrada e efetiva de quarentena, proporcionando excelentes resultados na contenção da doença em Londres, por volta de 1592.

A proporção caótica da pandemia, segundo Benedictow (2011), foi representada por filósofos e artistas importantes à época e a posteriori, como Boccaccio, que durante a pandemia fez alusões ao já famoso inferno de Dante Alighieri e como Shakespeare, que em sua quarentena, durante o surto de Londres escreveu peças e poemas, atribuindo a peste a uma punição dos céus. O relevante número de perdas acabou por alterar a forma como os europeus

enxergavam a vida e as relações e demandou uma consistente reestruturação econômica, já que a mão de obra e a demanda por produtos e serviços restantes era muito inferior à verificada antes da pandemia.

3.3.1.2 Gripe espanhola

Outra pandemia histórica, também bastante documentada, foi a gripe de 1918, uma manifestação do vírus influenza H1N1, bastante conhecido atualmente, mas com caráter excepcionalmente letal, que aconteceu entre 1918 e 1920. Derivado provavelmente de zoonose, ou seja, origem animal, a também conhecida como “gripe espanhola” contaminou cerca de 500 milhões de pessoas e levou à morte números que não podem ser estimados com precisão, mas podem chegar a mais de 50 milhões.

Propagando-se por todo o planeta e afetando principalmente a Europa e a América do Norte, a gripe espanhola ganhou esse nome não por sua origem, que não pôde ser determinada com exatidão, mas por sua divulgação. Isso se deu porque a pandemia ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial e os países envolvidos minimizavam os efeitos da doença para conter os ânimos da população. Por outro lado, a Espanha, por se manter neutra durante a guerra, teve uma imprensa livre para relatar os efeitos e a gravidade da pandemia, criando a falsa impressão de que a doença tivesse origem no país. Aqui, novamente deve-se considerar o desenvolvimento acentuado das tecnologias dos meios de transporte, que foram fundamentais para a grande propagação da doença.

A gripe de 1918, como também é conhecida, desencadeou diversas críticas políticas derivadas da percepção dos povos de diversos países cujos líderes não nada faziam de efetivo para frear a pandemia e tratar os doentes. Isso resultou posteriormente em novas políticas sociais de saúde, como o aumento de investimento nos sistemas públicos de saúde de diferentes países. Métodos de isolamento social foram iniciados em muitas regiões, mas a pandemia continuava a ser propagada desenfreadamente, fato que pode ser atrelado à intensa circulação de soldados, possivelmente contaminados, que devido ao contexto de guerra viajavam ao redor do planeta, disseminando o vírus (SPINNEY, 2017; PHILLIPS, 2014; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020; MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, 2014).

O mesmo vírus (H1N1) foi responsável por uma segunda pandemia, no ano de 2009. Conhecida como gripe suína, ocorreram pelo menos 700 milhões de contágios confirmados e número de mortes estimado entre 200 e 500 mil, ao redor de todo o planeta, com exceção de

poucos países africanos, que não relataram casos confirmados. O medo herdado da gripe espanhola, bem como notificações de estado de emergência da Organização Mundial da Saúde (OMS) deram início a dinâmicas até então incomuns, principalmente nos países ocidentais, como a utilização de máscaras pela população e a realização de medidas de isolamento social. Procedimentos esses, que se tornaram usuais na pandemia de COVID-19 (PERRIN, 2009; CORREIA, 2010; CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2020).

3.3.2 A pandemia de COVID-19

A sigla COVID-19 faz referência à doença causada pelo novo coronavírus. Descoberto em 31/12/2019, ele faz parte de uma família viral que causa doenças respiratórias em humanos desde 1960 e vem sofrendo mutações desde então. A pandemia atual do coronavírus, contexto desta dissertação, teve início em caráter epidemiológico em Wuhan, China, em dezembro de 2019 e após sua rápida proliferação e necessidade de resposta imediata por parte das entidades de saúde, seu genoma foi sequenciado já em 7 de janeiro do ano seguinte. (THEY, 2020).

A primeira medida de distanciamento físico, procedimento que veio a tornar-se característica marcante da nova pandemia, teve início em 22 de janeiro de 2020 em sua cidade de origem. No entanto, tais medidas não impediram a rápida disseminação da doença, que avançou por diversos outros países, tendo seu primeiro caso confirmado no Brasil em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, que iniciou suas próprias medidas de contenção do vírus:

Começa a valer, nesta terça-feira (24), o decreto do governador João Doria (PSDB) que determina quarentena de 15 dias em todo o estado de São Paulo. A medida tem validade até 7 de abril e impõe o fechamento de estabelecimentos comerciais que não estejam entre os serviços essenciais de alimentação, saúde, abastecimento, limpeza urbana, segurança pública e bancos. O decreto recomenda que a circulação de pessoas no estado se limite às necessidades imediatas de alimentação, cuidados de saúde e exercício de atividades essenciais (SOARES, 2020).

Tanto no Brasil, quanto no resto do mundo, os números de indivíduos contaminados e óbitos decorrentes da COVID-19 escalaram de maneira assustadora. A globalização e a alta circulação de pessoas nos grandes centros urbanos foram atribuídas como potenciais catalizadores da pandemia que, fora de controle, alterou significativamente o cotidiano de bilhões de pessoas, obrigadas a alterarem suas rotinas e permanecerem em distanciamento físico. Uma das importantes e únicas alternativas para amenizar os contágios, de acordo com o infectologista Rodrigo Contrera, em entrevista concedida à CNN Brasil:

O vírus não vai sumir porque já tem uma transmissão comunitária. Mas se sairmos do isolamento agora, nós seremos o celeiro de multiplicação desse vírus. Se todos forem às ruas ao mesmo tempo, vão aumentar o número de pessoas infectadas. Precisamos do máximo de tempo possível em isolamento para evitar aglomerações e deslocamentos desnecessários. Assim, conseguiremos manter a taxa de infectividade mais baixa (CNNBR, 2020).

A importância do distanciamento social, bem como seus impactos no dia-a-dia das pessoas também foi discutida na entrevista concedida pela psicóloga Denise Esper ao R7:

O isolamento social é uma das medidas recomendadas para evitar o avanço do coronavírus. Dessa forma, muitas pessoas já se encontram na quarentena, com suas rotinas diárias completamente mudadas. Enquanto alguns continuam a trabalhar em home office, outros se encontram sem atividades, muitas vezes sozinhos em casa ou dividindo o lar com os filhos e poucos familiares. Isso, de acordo com psicólogos e terapeutas, tem um impacto significativo na vida das pessoas, de maneira individual e coletiva. “É importantíssimo colocar a saúde mental e o bem-estar em primeiro lugar, neste momento”, diz Denise Esper, psicóloga e pedagoga. “É normal a gente se sentir estressado quando ficamos fechados e isolados das pessoas. Essa tempestade de fatores que está acontecendo deixa as pessoas mais ansiosas e preocupadas, com medo, isso faz parte do processo”, analisa. (MASTROROSA, 2020).

Dentre os números globais que, entre o início da pandemia e o março de 2021 consistiam em aproximadamente 112 milhões de contágios e 2,5 milhões de mortes, a cidade de São Paulo destacou-se com aproximadamente 2 milhões de contágios e 60 mil mortes. O município realizou um processo de monitoramento através de bandeiras que, relacionam os índices de contágio com a atividade econômica, de forma inversamente proporcional, de maneira que, quanto maior o número de casos de infecção, mais restrito é o processo de isolamento, sendo a bandeira verde aquela que representa uma situação menos grave, a amarela uma posição intermediária e a vermelha, mais grave (PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2021).

No dia 17/01/2021 as primeiras doses da vacina contra o coronavírus foram aplicadas em São Paulo, transformando-a na primeira cidade brasileira a dar início à imunização. O grupo prioritário compreendeu profissionais da saúde, idosos e deficientes institucionalizados, população indígena e quilombola e idosos com residência individualizada acima de 86 anos. O planejamento de vacinação da população restante se deu de acordo com a faixa etária, dos mais velhos aos mais novos e a prefeitura atentando aos cidadãos para o fato da gravidade e permanência da situação pandêmica e continuidade da necessidade dos protocolos de higiene e distanciamento físico, como a utilização de máscaras, não compartilhamento de objetos, e higienização frequente das mãos (PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2021).

Dentre as diversas características marcantes da pandemia de COVID-19, como sua rápida proliferação pelo planeta, o grande número de vítimas, utilização de máscaras e álcool gel como parte do cotidiano, entre outros, o cerne de interesse da presente dissertação é o distanciamento físico, bem como a conseqüente impossibilidade do encontro e da troca da maneira como eram estabelecidos anteriormente, de maneira a gerar diversas relações de hospitalidade e hostilidade. As próximas etapas do presente trabalho buscam esclarecer essas relações e suas alterações decorridas deste momento que necessita a permanência no lar, visto que “a hospitalidade atende a uma necessidade equivalente à exogamia: precisa aliar-se ao exterior” (GOTMAN, 2001, p. 605).

3.4 O DISTANCIAMENTO FÍSICO DERIVADO DA PANDEMIA DE COVID-19: UM MOMENTO DE RUPTURA

Com intuito de aprimorar o arcabouço teórico do presente trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, que permitiu a visualização de um panorama sobre as publicações que relacionam o distanciamento físico como uma possível ruptura nos padrões de convivência até então estabelecidos. Como resultado, obteve-se 289 artigos, que foram filtrados e analisados. A partir disso, foi possível dissertar sobre o tema, conforme se observa a seguir.

Hábitos cotidianos que por vezes variam e, inclusive, caracterizam diferentes culturas, mas, sobretudo sinalizam afeto, encontro, calor humano e hospitalidade são alterados. Não se deve mais receber, visitar, reunir ou encontrar, e em caso de encontro não se deve encostar, abraçar ou apertar as mãos. Gestos que representam identidades, códigos e regras não escritas que tanto transmitem, foram alterados (AGAMBEN, 2020; ZIZEK, 2020).

O que antes era comum, como dividir espaços, trocar objetos, ou mesmo tocar outras pessoas como forma de cumprimento e afeto, tornou-se uma ameaça. O contexto de pandemia exige que as pessoas evitem se encontrar, encostar e que suprimam até mesmo gestos espontâneos como apertos de mão. Esta série de novos protocolos corriqueiros, que elencam diversas mudanças podem, em conjunto, representar uma ameaça à identidade das pessoas enquanto seres sociais, bem como acabam por gerar momentos de constrangimento (AMADEO, 2020).

Tantas modificações, observáveis nos mais diversos aspectos da vida cotidiana, derivadas da proliferação da doença pelo novo coronavírus, levaram Santos e outros (2020) a fazer uma analogia entre a pandemia e o conceito de fato social total, desenvolvido por Mauss (2003), ao buscar compreender a dádiva e sua circularidade. Segundo os autores, tal

comparação se deu pelo fato da COVID-19 perpassar as diversas dimensões sociais (religiosa, jurídica, moral, familiar, política, econômica, estética e morfológica), causando grandes implicações em todas elas, tal como Mauss (2003) aponta ser um fato social total.

Kalaoum e outros (2020) abordam o encontro físico como cerne da hospitalidade e das relações, apontando, no entanto, que a partir da instauração do contexto pandêmico, esse tipo de encontro tornou-se na realidade um ponto de hostilidade, uma vez que traz riscos à saúde pública. Partindo dessas novas questões das relações humanas, derivadas da pandemia de COVID-19 e das novas necessidades para a possibilidade de um encontro seguro, o estudo disserta sobre o conceito de hospitalidade sanitária, evidenciando mudanças relevantes para permitir as relações por meio de contato físico, utilizando como cenário o setor hoteleiro.

Se pudesse definir em apenas uma palavra o elemento básico da possibilidade da hospitalidade se manifestar, acredita-se que o termo apropriado seria “encontro”. A escolha dessa palavra, apesar de não ser o suficiente para explicá-la, fornece-nos uma diretriz valiosa para aprofundar reflexões sobre o tema. A hospitalidade é, fundamentalmente, uma relação criada a partir do contato humano (KALAOUM et al. 2020, p. 280).

Um novo conceito que denominamos hospitalidade sanitária. Se antes do Covid-19, a hospitalidade hoteleira poderia ser percebida através do encontro físico, da troca de relações e pelos elementos físicos do meio de hospedagem, agora, diante ao cenário pandêmico, há a necessidade de garantir a segurança sanitária dos envolvidos nos processos de viagens e hospitalidade” (KALAOUM et al. 2020, p. 276).

As novas demandas de higiene são trabalhadas também em Margutti e outros (2020), que aprimoram sua pesquisa sobre a importância de características hospitaleiras na percepção de clientes no varejo, realizado em 2019, de maneira a englobar as novas demandas geradas pela COVID-19 e consequente necessidade de distanciamento físico. O estudo aponta que a preparação de um espaço de maneira a priorizar a existência de aspectos hospitaleiros e o consequente desenvolvimento de relações humanas, mesmo que em ambiente comercial, mudou durante a pandemia e conferiu grande relevância à atenção aos protocolos sanitários e orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), para que as pessoas se sintam seguras.

As dídivas originárias de demandas sociais são trabalhadas por Amadeo (2020), que disserta sobre a caridade no período de distanciamento físico e considera a pandemia de COVID-19 uma situação que colocou todos os cidadãos do mundo em um mesmo barco, obrigando todos a uma cooperação solidária, sem a qual não será possível vencer a disseminação do vírus. O autor aponta que a mesma situação a qual obriga as pessoas a estarem fisicamente distantes, também impulsiona a necessários movimentos de preocupação com o próximo, seja no âmbito social ou emocional.

Toledo e Souza (2020) também elencam ações sociais desenvolvidas na pandemia, mas neste caso, analisando aquelas derivadas de redes sociais que, antes da pandemia possuíam uma circularidade própria e com fins objetivos, como é o caso de torcidas organizadas de futebol e escolas de samba. Ambas circundavam em torno de atividades totalmente paralisadas pelo distanciamento físico e frente à impossibilidade da realização de suas agendas até então estabelecidas, passaram a utilizar a força de seus vínculos comunitários para realizar atividades solidárias destinadas a populações carentes economicamente prejudicadas pela COVID-19.

Da mesma forma que as relações entre as pessoas que moram juntas são alteradas pela convivência rotineira e intensa repetição do cotidiano, características marcantes da quarentena da COVID-19; os vínculos daqueles que se encontravam com certa frequência, passam a sofrer grande instabilidade. As práticas de sociabilidade até então vigentes necessitaram rápida adaptação no cenário pandêmico de 2020, obrigando as pessoas a reinterpretarem seus conceitos de relação social e levando ao entendimento de que viver e conviver são tarefas bastante diferentes (CARDOSO; NETTO, 2020).

Bittencourt e Pereira (2020) apontam que o impacto do distanciamento físico na saúde mental dos jovens é grande. Ao serem privados dos encontros com amigos e colegas, esses indivíduos são privados também de seu desenvolvimento social como um todo, já que este é altamente influenciado por práticas sociais compartilhadas na convivência com seus pares. O estudo ressalta ainda que, quanto maior a vulnerabilidade socioeconômica do jovem, o impacto do isolamento na saúde mental e nas relações sociais é, respectivamente, mais relevante.

Idosos também sofrem consequências emocionais derivadas do contexto pandêmico. Junqueira e outros (2020) dissertam sobre a criação incentivada de redes de interação social por meio de plataformas digitais, com intuito de amenizar a solidão de indivíduos da terceira idade durante a pandemia. O estudo aborda a questão da importância do encontro e das dinâmicas a partir dele estabelecidas, ressaltando que o distanciamento físico acarretou dificuldades emocionais principalmente a idosos que moram sozinhos, já que, pertencentes ao grupo de risco, precisaram isolar-se drasticamente. Uma alternativa importante ao isolamento foi o incentivo da familiarização de idosos à tecnologia, de forma que pudessem se conectar a pessoas de diversas faixas etárias e grupos de interesse, minimizando o impacto psicológico de estar fisicamente sozinho.

Questões emocionais de pessoas que contraíram o novo coronavírus são trabalhadas em Freitas e outros (2020). Segundo os autores, a perspectiva da dádiva é fundamental para o

enfrentamento da pandemia de maneira menos prejudicial à saúde emocional, como exemplo, pode-se apontar a dívida presente no afeto dado por enfermeiros a pacientes internados, sobretudo crianças e adolescentes. O estudo aponta que interações carinhosas e criações de vínculos com pacientes não é algo previsto no contrato de um enfermeiro, mas uma expressão de dívida que permite a recuperação de casos de COVID-19 sem um comprometimento psicológico tão relevante, como se pode esperar em uma situação de caráter pandêmico.

Ribas (2020) aponta que a sociedade atual, principalmente a brasileira, não estava preparada de maneira alguma para a vivência do distanciamento físico e principalmente para os desafios da convivência cotidiana quase que ininterrupta daqueles que moram juntos. Brooks e outros (2020) também abordam os sintomas de *stress* e medo tão presentes na vivência de uma quarentena, culminando inclusive no aumento da violência doméstica durante o período pandêmico, que obriga agressor e agredido a estarem juntos dentro de um mesmo ambiente por hora a fio.

Segundo Lopes (2020) os laços sociais são debilitados por situações de reclusão prolongada, como no caso da quarentena da COVID-19. Torna-se muitas vezes fonte de hostilidade, tanto nas relações que se extinguem pela distância física, quanto naquelas que se intensificam devido à necessidade de permanência no mesmo recinto, culminando por vezes em violência verbal ou física. O autor ressalta que os indivíduos mais vulneráveis são aqueles que mais se prejudicam com essa forma de hostilidade, como deficientes, idosos, crianças ou mulheres. Tais indivíduos, além de se encontrarem confinados com seus potenciais agressores, estão isolados e, provavelmente, mais distantes de laços externos que viriam a amenizar o problema.

“Neste tempo em que a alegria é uma sombra e em que os abraços se suspendem no ar, não podemos renunciar à mais difícil e urgente das perguntas: quando chegar, o vírus vai encontrar-nos ainda socialmente vivos?” (LOPES, 2020, p. 2). Além de questionar a sobrevivência da vida social dos indivíduos, o autor afirma que os sentimentos de medo e ansiedade, naturais de um processo de pandemia, são fortes catalisadores para situações de exclusão, preconceito e outras formas de hostilidade.

Santos (2020) ressalta que regras de etiqueta e as normas de boa convivência, que muitas vezes podem ser também interpretadas como relações de hospitalidade, foram alteradas significativamente pelas novas necessidades sociais derivadas da pandemia de COVID-19. Segundo o autor, a preocupação em não contribuir com a disseminação do vírus e

a busca por uma postura de vigilância em relação ao outro em situações de encontro físico, culminou em novas formas de entendimento de mundo e inclusive de expressão artística.

De acordo com Silva (2020), as formas de sociabilidade, troca e manutenção dos vínculos adaptaram-se sensivelmente ao contexto de distanciamento social. As tecnologias, com destaque para o celular com internet, tornaram-se a nova forma primordial de contato, muitas vezes sendo a única maneira por meio da qual as pessoas podem transmitir empatia, amizade, amor, senso de união e pertencimento, sentimentos tão importantes para a existência humana.

Instantaneidade, agilidade e alta frequência são características marcantes da manutenção do contato através de celulares com internet, muitas vezes o único recurso para que um indivíduo não se encontre totalmente isolado em tempos de pandemia. O impacto desse contexto nos próprios vínculos sociais, anteriormente nutridos por encontros físicos, é notório, muitos desses vínculos tendem inclusive a extinguir-se (SILVA, 2020).

Fois-Braga e Brusadin (2020) entendem que a necessidade de recolhimento ao lar derivada da necessidade de distanciamento social, traz ao ser humano atual sofrimento e sentimentos de coação e hostilidade. As pessoas estão altamente acostumadas a um grande fluxo de interações sociais e trocas que aconteciam face-a-face antes da pandemia, com isso, as interações precisaram ser repensadas e readaptadas, recorrendo fortemente ao ambiente virtual.

O impedimento do encontro devido à pandemia da COVID-19, obrigou as pessoas a encontrarem novas estratégias de contato com seus vínculos sociais. A impossibilidade de expressar os sentimentos bem como vivenciar a expressão dos sentimentos dos amigos e familiares, sejam risadas, choros, abraços ou surpresa, traz uma grande frustração àqueles que experienciam o distanciamento social. As formas de demonstrar alegria ao receber um presente, ou mesmo prestar solidariedade em um momento difícil são em geral atreladas à tecnologia. As chamadas de vídeo, áudios e emojis, além de entregas por aplicativo tornaram-se táticas relevantes para a tentativa de continuidade das relações que antes acontecia face-a-face (MAIA, 2020).

Escola (2020) disserta sobre a percepção da importância do contato humano em tempos de pandemia, momento em que as instituições de ensino precisaram aprimorar a comunicação por intermédio da tecnologia, para permitir as trocas necessárias em um processo de educação. O estudo demonstra que os itinerários comunicativos até então vigentes em escolas e universidades precisaram se adaptar rapidamente para viabilizar o aprendizado,

em um contexto no qual professores e alunos estão fisicamente distantes e impedidos de realizar as diversas dinâmicas presenciais que aconteciam naturalmente antes da COVID-19.

Dentre as dinâmicas sociais interrompidas pela pandemia, que permitiam trocas, criação, desenvolvimento e reconhecimento de relações, pode-se destacar também as festas típicas. Consistem em eventos nos quais os espaços públicos ganham caráter acolhedor e reforçam sensações de pertencimento, comunidades se unem em prol de uma cultura em comum e dádivas dos mais diversos aspectos são celebradas, como por exemplo as religiosas. O distanciamento físico acaba por paralisar todo um sistema de vínculos comunitários, acarretando sentimentos de solidão aos grupos e envolvidos com esses encontros culturais (CUNHA et al., 2020).

Silva (2020), aborda uma questão bastante relevante e delicada do impedimento do contato físico na pandemia, aquela que impossibilita os indivíduos de estarem próximos a seus entes queridos em seus últimos momentos de vida, já que estes encontram-se em áreas hospitalares isoladas. Segundo o autor, não existe forma de adaptação possível para as trocas inviabilizadas neste momento. Além disso, o velório das vítimas de COVID-19 é realizado de maneira resumida, com caixão lacrado e número restrito de pessoas, o que torna a situação ainda mais hostil e frustrante para os familiares.

Situações de hostilidade são de fato observáveis em um processo de quarentena, no entanto, relações de hospitalidade com os mais vulneráveis, pessoas em situação de rua, imigrantes refugiados, entre outros, também cresceram durante a pandemia. A solidariedade deriva de uma demanda social da dádiva e neste momento de pandemia é determinante para a sobrevivência de muitos. Segundo Ferreira e outros (2020), valores de humanidade, empatia e compaixão destacaram-se.

A seguir, o presente trabalho buscará entender as principais características do contexto de distanciamento físico derivado da pandemia de COVID-19, que permitem sua analogia à uma situação de ruptura do ciclo original da dádiva, bem como de seu posterior restabelecimento. Através do tratamento e análise dos dados coletados a partir de oito entrevistas, disponíveis na íntegra na dissertação (Apêndices A ao H).

4. PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA

O capítulo sistematiza a análise das entrevistas com Camila, Miriam, Matheus, Lucas, Rodrigo, Gabriela, Giulia e Danilo, realizadas a partir das categorias de análise: circularidade da dádiva, hospitalidade, interrupção da circularidade da dádiva, restabelecimento da circularidade da dádiva e hostilidade, cuja estrutura reproduz essa sequência.

4.1 CIRCULARIDADE DA DÁDIVA

Chega-se à ideia de que, na dádiva, além de não se querer a retribuição, nem sequer se deseja a própria dádiva: pode-se dizer que ela vem naturalmente. A dádiva vem por si mesma, dá-se a si mesma. Finalmente, não é o sujeito que dá; o sujeito segue a dádiva, é levado por ela. A dádiva seria uma experiência em que a distância entre fins e meios é abolida, em que não há mais fins e meios, mas um ato que preenche o espaço de significação do sujeito e faz com que sejamos ultrapassados pelo que passa por nós, e pelo que se passa em nós. A dádiva seria uma experiência de abandono à incondicionalidade, experiência de pertencer a uma comunidade que, longe de limitar a personalidade de cada um, ao contrário, a expande (GODBOUT, 1998, p. 13).

A sensação de pertencimento comunitário e mais do que isso, a necessidade da circularidade da dádiva existente nas relações, pautadas por aspectos intangíveis e de equivalência impossível, aparece com frequência nas entrevistas e reforçam a importância da concretização da sensação de pertencimento do indivíduo à sociedade, para a possibilidade de uma vida emocionalmente confortável (GODBOUT, 1998). Conforme verifica-se:

Sim tem minhas relações de amizade e de família que não moram comigo, são relações boas, saudáveis com pessoas tranquilas que eu conto e que ajudam a trazer tranquilidade para minha vida e são relações que eu posso dividir em vários âmbitos, tem os amigos da faculdade, tem os amigos da academia, tem os amigos da vida mesmo e tem a minha família. São relações que permitem que a vida tenha mais leveza, apesar de lidar com ser humano nem sempre ser leve, mas as relações dão motivo, dão suporte... Eu acho que gente está no planeta vivendo coisas mais ou menos semelhantes, por mais que de formas diferentes e é interessante compartilhar as experiências, compartilhar o que estamos vivendo com outras pessoas que também estão vendo coisas parecidas. (Giulia, 12/02/2021).

Nota-se o impacto emocional positivo que a entrevistada confere à circularidade da dádiva nas relações de amizade e parentesco, que tangenciam diferentes contextos de sua vida social.

No que lhe concerne, Miriam (20/01/2021) observa que as trocas existentes nas relações com pessoas que não residem com ela são consideradas de grande importância para

sua saúde mental: “São pessoas que são tudo... profissional, sentimental, para conversar, para chorar as pitangas, desabafar... São diversas as funções e as importâncias dessas relações extra família, né? E tem bastante impacto na minha vida.”

O apoio e o suporte proporcionado pelas relações de amizade e parentesco, necessárias para o enfrentamento das diversas dificuldades da vida, bem como, experiências de vida em sociedade percebidas como atributo positivo, gerador de ânimo e felicidade, transparecem nas entrevistas de Matheus (21/01/2021), Lucas (27/01/2021), Rodrigo (31/01/2021) e Gabriela (11/02/2021).

Sim, tenho os meus amigos e meus familiares, são as pessoas que estão do meu lado quando eu preciso, quando eu tô passando por um momento difícil e também são essas pessoas que eu quero estar do lado quando precisam de mim. São pessoas que também quero por perto nos momentos bons e importantes, são relações essenciais para minha sanidade e para minha vida emocional de maneira geral (Gabriela, 11/02/2021).

Nota-se que Gabriela (11/02/2021) relaciona sua estabilidade emocional com o apoio derivado da relação com pessoas importantes para ela.

A questão da circularidade da dádiva, bem como a importância da sua reciprocidade para a criação e manutenção de vínculos (MAUSS 2003) — entendida por Lévi-Strauss (1997) como uma cena sempre assimétrica, de preocupação mútua dos atores para com o bem-estar do outro e da relação que protagonizam — é evidenciada por Rodrigo (31/01/2021), Giulia (12/02/2021) e Danilo (14/02/2021):

Eu acho que um jeito bom de avaliar isso [existência do vínculo] é quando você precisa de uma ajuda, de uma força e vê quem tá perto... Pra mim as pessoas que estão perto na hora que você precisa de apoio são aquelas que você sabe que se importam com o vínculo (Rodrigo, 31/01/2021).

O entrevistado reforça o caráter positivo da preocupação mútua entre os atores de uma relação, apontando-a inclusive como um dispositivo válido para a percepção da intenção de manutenção do vínculo. Constata-se também o caráter assimétrico da circularidade da dádiva nas relações: quem recebe o apoio é aquele que está precisando.

“Eu acho que da mesma forma, quando a pessoa procura a gente para viver momentos, para demonstrar afeto, para se fazer presente, você acaba percebendo que ela quer manter a relação e quando não tem essa procura você também tira conclusões” (Giulia, 12/02/2021). Repara-se que a entrevistada reforça a importância da reciprocidade para a manutenção das relações com pessoas queridas, demonstrando que a percebe por intermédio

da intenção de presença em sua vida, aspecto também destacado por Danilo (14/02/2021). *“Eu acho que essa própria dinâmica [marcar encontros presenciais] já mostra que a recíproca é verdadeira. Elas escolherem me ver.”*

Uma questão relativa à dádiva, que inclusive incentivou o início de seus estudos por Mauss (2003) são as trocas de itens materiais entre comunidades ancestrais. O próprio autor disserta sobre o simbolismo existente no ato de presentear alguém, bem como ressalta características de honra e prestígio que permeiam este tipo de cena e sua contraprestação. Sabourin (2008) levanta que o pressuposto desinteresse na hora de se dar um presente, por exemplo, camufla o interesse intrínseco da manutenção do vínculo e consequente satisfação pessoal. Quando incentivados a pensar sobre trocas de itens materiais, através da criação de uma situação hipotética envolvendo a troca de presentes com pessoas queridas e suas circunstâncias, os entrevistados acabaram por reforçar conceitos como esse.

“Para mim é bem importante pela entrega, por perceber que ela entendeu o que eu tô fazendo por ela, que eu tive vontade de dar algo para ela e não que eu precisasse, mas que eu quis, então é legal ver que ela gosta daquilo que vem de mim... Da minha entrega à ela” (Gabriela, 11/02/2021). Assim, evidenciam-se aspectos da entrega que vão além do material, salientando-se a falta de obrigatoriedade da prestação realizada e a sensação de honra envolvida no ato de presentear alguém.

A satisfação pessoal atrelada à circulação da dádiva em uma relação, representada neste caso por um presente, é observada por Matheus (21/01/2021): “[Importância de dar um presente] *Enorme, eu acho que é caso até de uma satisfação própria. Eu acho que eu nunca consegui comprar um presente e pensar no presente sem pensar na reação da pessoa, sem esperar essa reação, então é tudo.*”

Com certeza eu iria levar até as mãos da pessoa... ia dar um abraço. Como reação tudo que eu queria seria um abraço de volta e com a expressão facial dessa pessoa dá para perceber se ela gostou, se ela não gostou... o que fazia me sentir bem era ver que a pessoa ficou feliz, ver a reação da pessoa me deixava feliz com o presente que eu dei (Camila, 19/01/2021).

Percebe-se nesse relato o interesse da manutenção do vínculo como resposta ao presente, simbolizado inclusive, por um abraço enquanto reação esperada. Já, quando questionados sobre o significado de um presente, os entrevistados levantaram aspectos como a doação ao outro, a ausência de obrigação e o simbolismo existente na troca, que vai além de questões materiais ou regras mercadológicas, como se observa em: *“Para mim é tudo aquilo que é dado com o coração!”* (Lucas, 27/01/2021), e em *“Um presente para mim, eu acho que*

é a tentativa de simbolizar o que aquela pessoa representa para você.” (Matheus, 21/01/2021).

Durante as entrevistas, buscou-se aprofundar questões relativas à circularidade da dívida na vida dos entrevistados, no período pré-pandemia, para posteriormente identificar a possível ocorrência de sua interrupção com a imposição do distanciamento físico derivado da COVID-19. A partir desse aprofundamento, apenas Rodrigo (31/01/2021), apontou a circularidade como evidente, mesmo antes do contexto pandêmico:

Na faculdade os contatos eram presenciais, o que faz diferença não só para vida social, como para a vida acadêmica mesmo, questão da troca de informação e de fazer os laboratórios juntos... Isso mudou muito. Com os amigos do condomínio eu sempre descia para jogar bola, jogar baralho, era um contato mais ao vivo mesmo, mas eu também gosto muito de jogar jogos online então eu também tenho uma parcela de amigos que a minha comunicação já era mais pelo computador mesmo e era uma grande parte da minha convivência na verdade.

Neste relato evidencia-se que as relações do entrevistado com amigos, já acontecia também por meios virtuais. Os demais entrevistados apontaram para uma ligação íntima entre a circularidade da dívida, o estreitamento e nutrição de vínculos e os encontros presenciais no período pré-pandêmico, colocando que era durante este tipo de evento que as relações de fato existiam. Estes aspectos são reforçados nas outras entrevistas.¹

Para mim no momento do encontro é momento que a gente podia sair um pouco da rotina, do momento de obrigação para um momento de relaxar, esquecer os problemas, porque estando com quem a gente gosta fica tudo mais fácil, eu acho que é o momento que as relações se alimentam e crescem (Giulia, 12/02/2021).

Repara-se que Giulia (12/02/2021) aponta o momento do encontro físico como o momento no qual as relações com pessoas queridas se desenvolvem de fato.

Para mim era extremamente importante, porque acredito que nesses encontros presenciais a gente consegue conversar, prestar atenção de verdade, se conectar de verdade com a pessoa, sentir ela sabe? Então eu acredito que naqueles momentos realmente as relações se conectavam e as pessoas sentiam que de fato estavam juntas (Gabriela, 11/02/2021).

Nota-se aqui a importância que a entrevistada confere ao encontro presencial para a conexão entre aqueles que se relacionam afetivamente.

¹ A literatura da área de psicologia pode contribuir com uma compreensão mais ampla sobre as relações afetivas e a forma como elas se dão.

[...] eu acredito que no olho no olho, no abraço, no toque que você acaba criando um vínculo de verdade com uma pessoa, porque é muito diferente de conversar com alguém por uma tela celular ou de computador. Então para mim era pessoalmente que a gente estabelecia uma relação de afinho e de afeto. [...] Eu acho que era onde elas (relações) se desenvolviam, era o que permitia elas acontecerem. As relações que já eram importantes se fortaleciam e as que ainda não existiam podiam virar realidade... Por exemplo, como eu comentei, estou solteiro há pouco tempo e estava conhecendo algumas pessoas por internet, por aplicativo, só que quando uma relação que ainda não existe não tem a chance de acontecer pessoalmente, simplesmente não vai para frente, é inviável se não puder encontrar! (Lucas, 27/01/2021).

Lucas (27/01/2021) aponta o impedimento do encontro físico como um fator que impossibilita o estabelecimento e desenvolvimento de novos vínculos afetivos.

Com base nas percepções dos entrevistados, que conferem em sua maioria, grande importância ao contato presencial, para existência das trocas inerentes ao vínculo com pessoas queridas, evidencia-se, que a circulação da dádiva se dá por intermédio de cenas de hospitalidade. Estas que têm como essência o vínculo humano, o encontro como ponto passível para o estabelecimento de relações e eventos como momentos de grande importância para seu desenvolvimento. A partir dessa intrínseca relação entre a circularidade da dádiva e cenas de hospitalidade (BUENO, 2006; GOTMAN, 2009; CAMARGO, 2015), dá-se início à categoria de análise hospitalidade.

4.2 HOSPITALIDADE

Para Baptista (2005) a hospitalidade é um importante dispositivo por meio do qual relações entre duas ou mais pessoas podem nascer e se desenvolver, enquanto para Bueno (2006), eventos que protagonizem o encontro presencial tornam-se um contexto fértil para o desenvolvimento de vínculos, trocas e rompimento do isolamento. Já Lashley e outros (2007), afirmam que as vivências com amigos e familiares são exemplos vitais da presença da hospitalidade na vida de um indivíduo, por intermédio da qual ele buscará manter seus laços.

As percepções dos entrevistados sobre a forma que suas relações e trocas delas derivadas aconteciam no período pré-pandêmico, reforçam os aspectos apontados por Baptista (2005) e apontam para uma grande importância do encontro físico, sugerindo inclusive uma certa dependência dele para sua existência, apesar da possibilidade de outros meios de contato. Como Danilo (14/02/2021) destaca: *“Para mim a importância do encontro físico era gigantesca, porque era o momento no qual a relação existia, era o momento para conversar, para ver, para interagir, para falar o que tá acontecendo na minha vida e saber o que que tá acontecendo na deles”*.

Diversas entrevistas corroboram com a perspectiva de que o contato presencial era imprescindível para a manutenção das relações afetivas, como: *“Eram relações muito ligadas ao encontro, eu falava por mensagem até, mas geralmente pra combinar de reunir no fim de semana e aí quando a gente se encontrava que era meu melhor momento da semana”* (Camila, 19/01/2021). Nota-se que Camila (19/01/2021) explicita a correlação direta entre a efetividade dos vínculos e o encontro físico.

O ato de fazer ou receber visitas, e promover encontros dos mais diversos possíveis, colabora com a constante assimetria da hospitalidade, que devido à sua característica de reciprocidade, gera a necessidade de retribuição, contribuindo assim para a continuidade da circularidade da dádiva e conseqüente manutenção do vínculo (GRASSI, 2008; GOTMAN, 2009). Matheus (21/01/2021) e Lucas (27/01/2021) apontam a relevância da frequência dos encontros e salientam a ocorrência corriqueira de cenas da hospitalidade, presentes no cotidiano e importantes para a continuidade de suas relações:

Eu acho que era bem dinâmico... O simples fato de marcar de se ver, de se encontrar constantemente já deixava implícito, porque o buscar se encontrar e o estar ali presente toda hora acho que já demonstrava isso [intenção em manter o vínculo]. E da mesma forma eu percebia a intenção deles em continuar a relação, a mobilização de se encontrar, de corresponder a atenção... Era uma construção diária praticamente (Matheus, 21/01/2021).

Verifica-se neste trecho que o entrevistado relaciona as dinâmicas de encontros presenciais com a continuidade dos vínculos com pessoas queridas em um período pré-pandêmico.

Bom, basicamente contato físico, todo fim de semana encontrava, era aquela coisa bem corriqueira de chegar sexta-feira depois do trabalho e já encontrar um amigo para tomar uma cerveja, para enfim para se reunir. Era uma frequência semanal, até duas, três vezes por semana... sexta, sábado e domingo, pelo menos, eu tava vendo alguém dessa minha rede de contatos (Lucas, 27/01/2021).

Identifica-se aqui o caráter de regularidade quanto à frequência de contatos físicos com pessoas afetivamente próximas ao entrevistado, no período anterior à pandemia de COVID-19, que também transparece nas demais entrevistas.

Por fim, um aspecto relevante observado nas entrevistas, fundamenta-se no conceito de tempos e espaços da hospitalidade (CAMARGO, 2004). Apesar de enfatizado por Miriam, (20/01/2021), outros entrevistados também apontaram para a manutenção do contato humano nos mais diversos ambientes, a partir da realização de diferentes atividades e com propósitos diversos, enquanto o espaço virtual é evidenciado por Rodrigo (31/01/2021).

Eu penso que algum e cada tipo de encontro tinha entre aspas a sua função, como por exemplo, essa amiga que eu contei... Nossos encontros serviam quase como uma terapia tanto para os momentos difíceis, que a gente desabafava, quanto nos momentos bons que a gente comemorava e também era o momento de diversão, de falar bobagem, se divertir, de recarregar as energias. Os encontros com a minha mãe e com pessoas próximas da família também servia para ter informações de pessoas não tão próximas que eram da rede deles, que são da minha família, mas que eu não encontrava tanto, então funcionava querendo ou não como um elo, como uma ligação. Com colegas de trabalho sair para happy-hour ou para jantar servia para saber da vida delas e também melhorar o meu trabalho, criar um ambiente mais legal no trabalho...Servia para dar risada porque eu sou professora, então eu tenho a minha sala e eu sei o que acontece na minha sala, mas não sei o que acontece nas outras salas e isso muitas vezes pode ser importante ou até divertido de trocar com as outras professoras.[...] Então, eu nunca fui muito de receber, de fazer coisas na minha casa até porque minha casa é bem pequena, mas eu sempre gostei muito de festa, qualquer tipo de festa: casamento, aniversário, Natal, festa de Ano Novo, sempre gostei disso e esse tipo de coisa eu senti bastante. Não poder ter isso deu uma nostalgia, é meio como se a relação não pudesse acontecer, tinha relação só acontecendo nesse momento... E até algo que me vem muito na cabeça, que tem me perturbando muito. (Miriam, 20/01/2021).

No depoimento de Miriam (20/01/2021) destaca-se ainda um exemplo da assimetria na reciprocidade inerente à hospitalidade, de modo que a entrevistada afirma, entre outras coisas, que realizava muitas visitas à casa de pessoas da sua rede de relações, mas sem retribuir o convite. Além disso, assim como também acontece em outros relatos, a entrevistada aborda espontaneamente a frustração relativa à impossibilidade da ocorrência de cenas presenciais de hospitalidade, derivada da pandemia de COVID-19, trazendo à tona a interrupção da circularidade da dádiva, categoria analisada a seguir (GRASSI, 2008; GOTMAN, 2009).

4.3 INTERRUPÇÃO DA CIRCULARIDADE DA DÁDIVA

A análise das entrevistas relacionadas à categoria de interrupção da circularidade da dádiva pautou-se em quatro frentes diferentes: a primeira, que faz referência às consequências do distanciamento físico na vida cotidiana dos indivíduos, contando com diversas referências relacionadas à vulnerabilidade emocional e também com dois relatos sobre impactos a tradições socialmente estabelecidas; a segunda, que demonstra que o encontro físico é insubstituível; a terceira, que representa os impactos decorrentes da impossibilidade do encontro nas relações; e, por fim, a quarta, na qual se demonstra que, apesar de tais impactos, as relações adaptaram-se e continuam.

Entender a dádiva enquanto relação social permite compreender sua circularidade como tudo aquilo que transita em nome dos vínculos e sua manutenção, que por sua vez, são essenciais para a vida humana. Durante a vivência do contexto pandêmico da COVID-19,

cenas corriqueiras de encontro, recepções e eventos, antes habituais ao cotidiano, tornaram-se impossíveis, interrompendo, mesmo que temporariamente as cenas de dar-receber-retribuir, até então comuns (GODBOUT, 1998; FOIS-BRAGA, BRUSADIN, 2020; CAMARGO, 2015). Do conjunto de relatos que evidenciam percepções desse processo, foram selecionados os de Matheus (21/01/2021) e Lucas (27/01/2021).

Nossa, foi muito difícil porque como eu disse, sou uma pessoa muito do tato, do toque, do pessoal... E quando você tem essa quebra, isso eu acho que é muito impactante, gera realmente essa necessidade de se reaproximar por outra forma, porque a melhor e que a gente já estava acostumado não é mais possível e dá um desespero, pode até acontecer de estragar uma relação (Lucas, 27/01/2021).

Lucas (27/01/2021) entende a impossibilidade do encontro físico derivada da pandemia como uma ruptura de repercussão negativa em sua vida emocional e social, mesmo com existência de outras alternativas de comunicação, aspecto também salientado por Matheus (21/01/2021): *“Olha para mim pegou muito, porque sempre foi uma pessoa do toque, do encontro... Eu acho que o distanciamento social me pegou nisso, o fato de você ter que conversar com uma pessoa com muita intimidade pelo celular, ou ser pela internet e tudo mais é muito ruim.”*

Rodrigo (31/01/2021) e Miriam (20/01/2021) descrevem a vivência de impactos emocionais resultantes do rompimento de tradições socialmente estabelecidas, em razão da necessidade de distanciamento físico:

Como eu comentei, minha filha nasceu agora na pandemia e tem algo que pela primeira vez me desesperou, pela primeira vez me tirou dos eixos: pensar que muito provavelmente o primeiro ano dela vai ter um aniversário e é possível que não tem a festa, é possível que eu não possa promover um encontro para comemorar com todo mundo que eu gosto a vida dela e isso faz meu olho encher de lágrima... É uma coisa que realmente me machucou muito, a primeira coisa que me impactou, pode ser coisa de mãe recente, hormônio, mas algo que me preocupa bastante... Minha outra filha tem 20 anos e eu comemorei todos os anos de vida dela e saber que provavelmente esse encontro não vai poder acontecer me fere realmente, foi a primeira coisa que me deu uma angústia, pensar que minha pequenininha minha princesinha vai fazer um ano e não vai poder ter essas memórias. Sabe eu queria todo mundo junto, todo mundo que tá vivo junto, pelo menos mas não sei se vai ter como... E ainda continuando nessa história do encontro, minha bebê nasceu e ninguém foi ver na maternidade porque não podia, eu não recebo ninguém na minha casa, eu consigo contar nos dedos as pessoas que conheceram ela, que são cinco. O médico nos alertou para preservar ao máximo e a gente tá fazendo isso, só que esse encontro é muito importante né? É para as pessoas da família, os amigos conhecerem a nova vida, celebrar, conhecer a pessoa que nasceu e por conta do isolamento isso não tá acontecendo (Miriam, 20/01/2021).

Neste trecho, a entrevistada ressalta a importância pessoal que confere a tradições sociais, como a comemoração de aniversários e os encontros que permitem a apresentação de um recém-nascido aos entes queridos. Expressa o efeito negativo que o rompimento dessas tradições acarreta em sua vida, uma vez que, devido ao impedimento da realização de festas e visitas, a circularidade da dádiva prevista para esses momentos específicos é interrompida.

Uma situação mais extrema que eu vivi, foi que um amigo perdeu o pai dele, ele morreu de Corona e não só eu não pude ir no velório e tudo mais, como não pude estar sequer perto dele nesse momento de tanta fragilidade, nesse momento tão ruim emocionalmente falando e ele tava mal, então ele não entrava em aplicativo e não respondia mensagem, seria um momento no qual eu iria lá na casa dele bater e dar um abraço e falar: ‘vou ficar aqui com você, nem que seja para ficar quieto’ só a presença sei que faria diferença e aí que tá o problema, nesse momento a única coisa que eu poderia oferecer para ele seria minha presença e nem isso eu consegui, não consegui contato com ele e não pude ir na casa dele para não expor ele e não me expor. (Rodrigo, 31/01/2021).

Verifica-se nesta passagem outro relato de frustração derivada da quebra de um costume social, em decorrência da impossibilidade do encontro físico Rodrigo (31/01/2021) foi impedido de comparecer ao funeral de uma pessoa próxima, bem como não pôde oferecer seu apoio por meio de sua presença física, em um momento que a julgava extremamente necessária para a manutenção de um vínculo.

Os relatos compreendidos na segunda frente observada demonstram a perspectiva dos entrevistados de que nada substitui o encontro físico, o que se estima ter colaborado para a sensação de ruptura de circularidade do primeiro momento da pandemia. Apesar de já familiarizados com outros meios de comunicação — como ligações de telefone, mensagens por aplicativo e redes sociais — os sujeitos se mostram saudosistas quanto ao contato presencial. Como em: “Na minha opinião nada substitui o encontro físico, a tecnologia ajuda a sentir menos falta, mas o contato físico, estar no mesmo ambiente, olhando no olho, o calor humano, esse não tem como ser substituído por nada” (Danilo, 14/02/2021).

Sinceramente... Não! Acho que ameniza a falta do contato físico, a possibilidade de ver por vídeo, de ouvir a voz mas não substitui... Porque, para mim o contato físico permite a gente sentir a energia da pessoa e é tudo mais verdadeiro, tudo mais real... Eu acho que só estar fisicamente junto tem esse benefício (Gabriela, 11/02/2021).

Infere-se que Gabriela (11/02/2021) compreende o encontro presencial como a melhor maneira possível de se manter vínculos e demonstra que sua impossibilidade é um fato desfavorável. Rodrigo (31/02/2021), por sua vez, afirmou possuir uma vida social virtual consolidada, apesar de apontar a importância do encontro físico para as relações sociais:

Foi um momento muito delicado, as relações sociais de maneira geral se alteraram muito principalmente com as pessoas que não moram com você, além disso, para mim foi um momento que eu parei de ter aula presencial e comecei um trabalho no qual eu não conheço ninguém nada está acontecendo, tudo transitou para o virtual aparentemente [...] mas o momento presencial é algo único e não tem outra forma de acontecer... Você pode até ter o áudio visual, mas não é a mesma resposta, não é a mesma relação não tem como, não é não orgânico (Rodrigo, 31/01/2021).

Compreendidos na terceira frente de análise, alusivos aos impactos observados nas relações, devido ao impedimento do encontro físico, os relatos dos entrevistados permitem a percepção de que, em um primeiro momento, as relações perpassaram por um cenário de surpresa negativa, no qual cenas até então corriqueiras do dar-receber-retribuir e a vigência das leis não escritas da hospitalidade, abruptamente passaram a não mais acontecer, o que gerou estranhamento e até atritos (MONTANDON, 2011; PITT-RIVERS, 2012; GODBOUT 1998).

Além da impossibilidade da troca na forma como estavam acostumados no período pré-pandemia, Lucas (27/01/2021), Camila (19/01/2021), Rodrigo (31/01/2021) e Gabriela (11/02/2021) destacam também que as mudanças provenientes do distanciamento físico geraram a demanda de novas competências dentro das relações, para que os vínculos pudessem se perpetuar.

Eu acho que na pandemia as formas de contato mudaram, ficou natural demorar mais para se ter uma resposta, para ter algum momento com a pessoa né... E aí eu acho que cabe a cada um entender, até porque cada um reage de uma forma mentalmente, então acho que demandou um pouco mais de paciência na hora de entender as intenções de manutenção de relações... Tanto para expressar, quanto para perceber a intenção do outro em manter o vínculo (Giulia, 12/02/2021).

Compreende-se a perspectiva de Giulia (12/02/2021), de que um momento excepcional como a pandemia de COVID-19 exige mais compreensão das partes envolvidas em uma relação afetiva, para que ela possa ter continuidade. Rodrigo (31/01/2021) elucida que o distanciamento físico trouxe também uma maior necessidade de demonstração quanto à intenção em se manter um vínculo:

Acho que essa manifestação foi ainda mais importante na pandemia, porque a impossibilidade absoluta de ver a pessoa dá muita saudade, então eu acho que no isolamento, entender que as pessoas queriam continuar a relação foi ainda mais importante do que em uma situação normal. (Rodrigo, 31/01/2021).

Gabriela (11/02/2021) reforça que expressões de afeto e preocupação mútuas, dentro dos limites pautados pelo isolamento derivado da pandemia, tornaram-se fundamentais, frente a um momento de mudanças sociais abruptas:

Eu acho que na pandemia a principal forma de demonstrar que a gente queria manter o vínculo era estando presente da maneira possível, as vezes era uma mensagem, as vezes era um tchauzinho na janela de quem mora perto, mas eu acho que tanto de demonstrar interesse, quanto de perceber interesse em continuar relação, a pandemia precisa de doação mesmo... Simplesmente demonstrar que está ali mesmo que não fisicamente.

Matheus (21/01/2021) traz ainda um exemplo no qual optou-se por burlar os protocolos vigentes para controle da pandemia e correr risco consciente de infecção, para que o encontro físico pudesse acontecer. Essa atitude corrobora com a interpretação de que seu impedimento, pode ter representado de fato uma ruptura. Esse aspecto, evidente no relato a seguir, é corroborado pelo depoimento de Danilo (14/02/2021).

Eu acho que tiveram relações que se distanciaram bastante e a ausência da rotina de encontro prejudicou na rotina da própria relação, diminuiu a frequência... Eu acho que a pandemia obrigou a gente a focar naqueles que importam mesmo... Aqueles que contam de verdade e ficar mais próximo dessas pessoas... E aí foi questão de aplicativo [aplicativos de comunicação] e correr o risco mesmo para encontrar, tentando mitigar o risco, mas correndo esse risco [...]ficar dentro de casa e ainda sem essas relações seria desesperador, muito entediante... Eu acho que [buscar adaptações rapidamente] foi muito importante, principalmente para a saúde mental, para não ficar mais frágil emocionalmente (Matheus, 21/01/2021).

Os relatos compreendidos na quarta e última frente de análise desta categoria, referente aos impactos sobre as relações, que se modificam e continuam, não deixam de abordar as consequências de uma ruptura de circularidade até então vigente. Este aspecto foi observado em um conjunto de entrevistas, que apontam a necessidade de adaptações, para o restabelecimento do dar-receber-retribuir e prosseguimento dos vínculos.

A percepção de que a circularidade da dádiva e consequentemente a continuidade dos vínculos dela derivada sofreram interrupção com o início da quarentena da COVID-19, torna-se evidente em Danilo (14/02/2021) “*E com os meus amigos que eu via semanalmente, simplesmente não poder mais ver é uma mudança enorme na vida, eu não acho que impacta definitivamente a relação, ela continua, mas, o impacto na forma dela acontecer é absurdo, eu acho que eu posso dizer que no mínimo traz muito aprendizado*”. Destaca-se o entendimento de que, apesar desta quebra, as relações perpetuam-se. Aspecto também reforçado por Giulia (12/02/2021):

Eu achei um impacto psicológico porque o ser humano é social, a gente vive em sociedade e foi algo que ninguém nunca vivenciou, que ninguém tava esperando vivenciar, tem gente que fica bem nesses momentos de solidão, mas eu acho que a maioria das pessoas se assustou e sentiu alguma agonia, porque o nosso normal é interagir, encontrar. Pras relações, eu acho que elas tomaram um susto e depois foram se acostumando, elas mudam, mas se mantêm.

Aspectos relacionados à compreensão de que, após um momento de ruptura, adequações nas relações permitem sua perenidade, são trabalhados na categoria de restabelecimento da circularidade da dádiva.

4.4 RESTABELECIMENTO DA CIRCULARIDADE DA DÁDIVA

De maneira mais profunda eu acho que não teve impacto, porque as relações que realmente importavam se mantiveram, foram encontrando outras formas e se adaptando, mas de maneira geral uma coisa que eu acho que impactou bastante foi que eu não consigo ser tão sincero ou tão aberto por vídeo, por aplicativo e já que não podia se encontrar pessoalmente acho que teve esse prejuízo, pelo menos para mim, pessoalmente (Matheus, 21/01/2021).

Essa adaptação é extremamente importante, porque se a gente não se adapta, a gente distancia dessas pessoas e como para mim o contato com essas pessoas é vital, mesmo que seja reduzido, mesmo que tenha interferência do meio eletrônico e do distanciamento, é algo que precisa continuar... Então essa adaptação é tão importante a ponto de permitir que as relações continuem... A pandemia trouxe muita coisa negativa emocionalmente falando, muito medo e essas relações que deram forças, que animaram, que levantaram... Então foi uma adaptação muito importante (Gabriela, 11/02/2021).

Matheus (21/01/2021) e Gabriela (11/02/2021) sintetizam a percepção da existência de uma circularidade da dádiva previamente estabelecida. Por intermédio de cenas de hospitalidade; a interrupção dessa circularidade, derivada da necessidade do distanciamento físico da pandemia de COVID-19 e o entendimento de que sua circulação se restabelece, adapta-se e continua. A dádiva nunca termina, mesmo em momentos de drásticas alterações sociais, ela encontra meios de se adaptar aos novos contextos cotidianos, utilizando-se da hospitalidade, para perpetuar-se. (GOTMAN, 2013).

Gabriela (11/02/2021), Miriam (20/01/2021) e Lucas (27/01/2021) demonstram a perspectiva de que as relações se encaminharam para adaptação, sempre buscando sua continuidade, por meio de novas formas de existir e acontecer:

Eu acho que as pessoas tiveram que se adaptar de diversas maneiras para manter as relações... Eu acho que desde se adaptar a usar mais tecnologia para ter contato e até uma adaptação emocional: ter mais paciência, ter mais empatia... Eu acho que todo mundo que tinha diversas relações teve que se preparar, entender o momento e se adaptar mesmo a esse período de distanciamento para poder dar continuidade às suas relações... Então acho que é uma adaptação que cada indivíduo teve que ter

em vários aspectos, de maneira conseguir perpetuar os vínculos que tinha(Gabriela, 11/02/2021).

Nota-se que a entrevistada elenca adequações de diversos aspectos, que propiciaram a perenidades das relações, como adaptações emocionais e adaptações dos próprios meios de contato entre as pessoas queridas, reinventando de certa forma, a circularidade da dádiva rompida pelo isolamento físico. Aspecto destacado por Miriam (20/02/2021): *“O que eu pude perceber é que além de mudanças na forma de contato, algumas relações mudaram, pelo menos no meu caso algumas, por exemplo, se fortaleceram [...] e meio que se adaptaram a não se ver, criaram essas outras formas de existir”*.

Em Lucas (27/01/2021) infere-se que, frente à ruptura da circularidade da dádiva, ocasionada pelo distanciamento físico, as relações mais fortes, cujos envolvidos têm interesse na manutenção do vínculo não se extinguem, elas se adaptam se perpetuam.

[o distanciamento físico] Gerou o impacto da necessidade imediata de se adaptar... E eu acho assim: se as duas pessoas da relação tiverem interesse em manter e se esforçarem para isso, não tem muito que dar errado, tem modificação, mas não quebra, mas eu acho que esse distanciamento e impedimento do encontro dá mais chance de quebrar só relações que já não eram tão fortes (Lucas, 27/01/2021).

Ao buscar entender essas adaptações, o que se pode perceber por intermédio das entrevistas, é que ela aconteceu por meio do ambiente virtual, de acordo com Camargo (2004), um dos espaços da hospitalidade. Silva (2020) levanta que as redes sociais e os meios tecnológicos possibilitaram o restabelecimento de conexões e a transmissão de sentimentos durante a pandemia, permitindo o rompimento de um isolamento absoluto. Os relatos de Camila (19/01/2021), Miriam (20/01/2021) e Lucas (27/01/2021) confirmam uma forma do restabelecimento da dádiva se dando a partir do momento que a manutenção dos vínculos transitou para o meio *online*:

Eu acho que o contato que eu mais tive foi pelas redes sociais... WhatsApp, usei muito o FaceTime e vídeo-chamada, porque pelo menos dá para conversar e ver o rosto da pessoa... pelo menos a gente lembra um pouco de como era ter contato de verdade. Eu acho que a internet ajudou muito nisso... é a única forma de contato possível (Camila, 19/01/2021).

Vê-se que o ambiente virtual foi utilizado pela entrevistada e seus vínculos sociais, como uma alternativa de contato durante o momento no qual a interação presencial era inviável. Miriam (20/01/2021) ressalta ainda que os meios tecnológicos serviram também

para possibilitar o cuidado mútuo entre aqueles que se relacionam, apontando que a pandemia e a consequente necessidade de isolamento, afetaram a saúde emocional de muitas pessoas.

Aplicativos de mensagem, com certeza porque toda hora você consegue mandar notícia, mandar um áudio, mandar uma foto, mandar vídeo... Todo mundo tá assim... Para justamente não perder isso e até pra cuidar do outro à distância, porque eu sei que muita gente ficou mal ou para baixo, ficou mal emocionalmente, bem no momento que o contato é complicado então tinha que achar uma forma de estar perto das pessoas. Dentro dos meus vínculos sociais mesmo, teve gente que ficou muito mal, então para não deixar que as relações se perdessem até por saber que a pessoa não estava bem, eu ia atrás por aplicativo mesmo.

Lucas (27/01/2021) corrobora com a perspectiva de que o ambiente virtual se destacou como uma opção de manutenção dos vínculos:

Olha, no caso dos meus grupos foram aquelas plataformas como Google Meets, Hangout, Zoom, que são formas que possibilitam o encontro de várias pessoas na mesma sala, como se fosse uma reunião mesmo, só que virtual... Eu acho que foi muito válido, todo mundo entrou na onda (Lucas, 27/01/2021).

Miriam (20/01/2021) exemplifica uma situação na qual, um encontro físico que aconteceria em um período anterior à pandemia não foi possível, por causa da necessidade do distanciamento físico, mas a utilização dos meios virtuais viabilizou a circulação do dar-receber-retribuir relativa aquele contexto:

Como eu já comentei algumas, vezes minha bebê nasceu e tem aquele momento emocionante, bonito da escolha dos padrinhos então eu na verdade tive ideia, conversei com meu marido e a gente escolheu os padrinhos. Só que aí a pergunta: 'tá bom, como que a gente vai fazer esse convite?' Porque é algo muito importante, você está convidando um casal para ser padrinho da sua filha e como a gente vai fazer isso acontecer? Porque a gente não pode receber visita, ela ainda era muito pequenininha ela tá com quatro meses e meio agora, mas ela tava com dois então a gente realmente não podia encontrar ninguém. E aí a gente pensou e a ideia que a gente teve foi: Eu contratei uma empresa de personalizar coisas e fiz vários itens personalizados para eles, então camiseta, almofada, copo, xícara fiz uma carta falando que eu não poderia falar ali na hora e mandei entregar. Só que tem uma questão muito importante para mim e muito importante, principalmente nesse momento: saber a reação legítima deles, então o que eu fiz... Eu pedi para que eles filmassem, eu fui muito insistente nisso, eles não tavam entendendo nada, mas eu deixei claro que era obrigatório que eles filmassem antes de abrir o pacote e assim eles fizeram... Porque não ia ter aquela emoção do beijo, abraço, chora, dificilmente alguém recusa um convite desses, mas eu queria saber a reação ali do momento, porque o normal seria a pessoa aceitar e aí abraça, beija, aquela coisa do momento. Como não seria possível, tinha que filmar e aí ela me passou e a reação foi melhor até do que eu esperava, assim, foi indescritível e o que foi legal foi que eu consegui curtir junto com eles... Lógico que foi depois de alguns segundos, alguns minutos, não seria ao mesmo tempo e não foi pessoalmente, mas pelo menos eu consegui curtir com eles a distância, mas com eles e aí logo depois eu liguei a gente falou por vídeo. Só que depois que eu pensei e até comentei com ela, que o que aconteceu foi que eles não viram a minha reação e eu chorei muito, eu fiquei muito emocionada pela reação deles e isso eles não sabem eles não tem

como saber... Depois que eu parei para pensar que eu deveria ter gravado a minha reação vendo a reação deles,, porque eu acho que tanta reação deles era importante para mim quanto a minha poderia ser importante para eles verem o quanto eu fiquei emocionado, então eles choraram de um lado eu chorei do outro, todos emocionados, só que separado, à distância então foi uma experiência maravilhosa. Não foi a mesma coisa que ao vivo a cores, mas foi uma experiência boa, foi uma boa saída, podemos dizer uma boa adaptação, né?

Apesar de outras entrevistas reforçarem que o meio virtual tornou possível a perpetuidade das relações, Rodrigo (31/01/2021) evidencia que seus vínculos sociais já aconteciam de forma regular pela internet:

Olha, no meu caso e dos meus amigos essas redes que a gente está utilizando na pandemia já eram muito frequentes para gente, já eram comuns, eu acho que as outras relações, que não usavam isso, passaram a usar e teve um aumento da frequência sabe? Mas não foi algo totalmente novo, era algo que já acontecia e aumentou a frequência então não foi uma adaptação tão grande para mim quanto eu sei que foi para outras pessoas.

O que se pode evidenciar também, no que tangencia a questão da adaptação das relações a um novo momento, no qual se faz necessário o distanciamento físico, é o entendimento do meio virtual enquanto um arquétipo inferior de conexão, que apenas minimiza os efeitos da impossibilidade do encontro presencial, sem nunca substituí-lo. Esta percepção está presente em um conjunto de entrevista e é exemplificado tanto por Camila (19/01/2021) quanto por Miriam (20/01/2021).

Camila (19/01/2021) acentua que os meios de contato virtual, amenizam os impactos negativos do distanciamento físico, embora os considere inferiores a um encontro físico: “Com certeza, se não fosse isso eu nem sei...Essa é maneira de se relacionar. Óbvio que não supriu...como eu posso explicar... óbvio que não é a mesma coisa, mas deu para minimizar um pouco a saudade”. Miriam (20/01/2021) reforça que o contato presencial é insubstituível:

Tanto na teoria quanto na prática então encontrar faz uma falta “lascada”, não tem nada que substitui, mesmo o virtual, ele ameniza, ele permite sim acho que a manutenção das relações é uma adaptação para esse momento, mas substituir de maneira alguma.

Além disso, outra questão que se apresentou, foi a percepção de que o contato virtual não permite uma compreensão totalmente verossímil do que por ele transpassa. Para tanto, adotou-se o recurso de criação de uma cena hipotética na qual os entrevistados enviariam um presente a alguém da sua rede de contatos, durante o período de distanciamento físico, para compreender as expectativas quanto à reação dos presenteados e demais variáveis observáveis em um processo de dádiva como este. O que se obteve como resultado foi a opinião de que a

transmissão de reações e sentimentos que se dá virtualmente não é inteiramente segura e verdadeira. Conforme Rodrigo (31/01/2021):

Olha eu acho que é bem mais difícil [perceber a reação do presenteado], porque a pessoa primeiro recebe e depois ela vai te mandar uma mensagem ou te ligar, fazer um vídeo, eu acho que não tem muito como ter noção de como foi na hora, porque você não tá ali, não é como quando você entrega o presente e já vê cara da pessoa, é uma reação que é postergada. Você pode até pedir pra pessoa gravar, mas aí já não é surpresa e a pessoa pode até atuar sabendo que você vai ver, não é como na surpresa inesperada.

Destaca-se a incerteza do entrevistado em relação à veracidade da reação da pessoa presenteada, quando esta é transmitida por meios virtuais e não presenciada fisicamente. Como também aponta Giulia (12/02/2021):

A reação verdadeira não, a pessoa pode até falar que gostou por educação e não ter gostado ou vice-versa, eu acho que a reação de verdade a gente só tem quando a gente está junto, no momento, porque o que a gente vai saber é o que a pessoa relatou, mas se ela relatou de fato o que sentiu, aí já é outra história.

Danilo (14/02/2021) aponta ainda que, mesmo que a transmissão de sentimentos à distância, como reação ao recebimento de um presente seja possível por intermédio de diferentes dispositivos, ela não é tão completa e intensa como vivência presencial.

Eu acho que é possível perceber a reação, mas não de maneira imediata então talvez não seja a reação 100% honesta... Pelo menos é uma reação que você observa com menos intensidade, porque você não tá ali no momento... Se a pessoa mandar um vídeo você consegue ter noção da expressão dela, se ela mandar um áudio só da voz se ela mandar uma mensagem escrita, você não tem a percepção de basicamente nada, então até dá para ter uma noção da reação, mas acho que bem menos intensa e verdadeira.

Tendo essas questões em vista, bem como a repercussão social das alterações dos padrões de convivência até então vigentes, investigou-se a possibilidade de relações de hostilidade, categoria que será analisada a seguir.

4.5 HOSTILIDADE

A hostilidade, entendida em Camargo (2021) como ação dada sem observação às leis da hospitalidade, derivada de uma interação malsucedida e culminando em qualquer representação de rejeição ao outro, buscou ser examinada a partir de manifestações derivadas de todo o contexto de distanciamento físico, interrupção e restabelecimento da dívida dele derivados. Vale ressaltar que, parte dos relatos não contou com exemplos de hostilidade

propriamente ditas, mas conta com interpretações subjetivas de vivências dos entrevistados, que podem ser interpretadas como fatores desencadeantes para hostilidade.

A alteração das normas de convivência em sociedade até então vigentes, foram modificadas pelos novos protocolos sanitários, pautados pelo objetivo de mitigação da proliferação da COVID-19. Estas mudanças acabam por impactar negativamente as relações de hospitalidade, fato que impulsionou, inclusive o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à hospitalidade sanitária, na qual a segurança contra patógenos também é considerada um aspecto de acolhimento (KALAOUM et al. 2020).

Gabriela (11/02/2021), Lucas (27/02/2021) e Camila (19/01/2021) exemplificam o que também se constata em demais entrevistas, o estranhamento às novas regras cotidianas de não encostar ou aproximar-se do outro, que apesar de não representarem uma cena de hostilidade em si, apontam para interações pouco satisfatórias.

Eu fico inclusive sem graça de encontrar alguém e não poder dar um beijo, não poder abraçar, eu fico muito sem saber o que fazer e esse toque de cotovelo que inventaram eu acho horrível, eu me sinto indelicada, pouco acolhedora... É bem esquisito! (Gabriela, 11/02/2021).

Observa-se que a entrevistada considera a impossibilidade de tocar nas pessoas conhecidas como algo constrangedor e pouco caloroso. Lucas (27/01/2021) reforça a perspectiva de que a ruptura de hábitos sociais, como o cumprimento, gera estranhamento na vivência das relações:

[...] pra mim, algo muito pouco educado e muito pouco acolhedo , é questão de não poder cumprimentar quando, por um acaso, encontrar um amigo ali na rua, no supermercado... Nossa, isso de não poder encostar em uma pessoa que antes você abraçaria, você beijaria é muito esquisito... Engraçado que por várias vezes eu senti a pessoa como mal-educada, mas aí eu fui me tocando 'poxa, é uma pandemia' e é isso, é basicamente uma nova regra e a gente tem que aceitar, é uma forma de higiene, mas é estranho! (Lucas, 27/01/2021).

Camila (19/01/2021) explicita que a inviabilização do toque impacta negativamente as relações, prejudicando a percepção de acolhimento e a troca de sentimentos. Narrando ainda a frustração gerada por uma cena na qual ela encontrou amigos próximos, mas não pode abraçá-los:

[...] eu me vi obrigada a ser menos educada do que eu queria, como por exemplo, cumprimentar as pessoas dando tchau à distância, sabe? E eu acho que prejudica a relação porque sabe... não tem aquele vínculo com a pessoa, você não pode nem apertar a mão, não parece nada educado [...] Algumas pessoas sinto que ficam

meio assim: 'pô você não vai dar nem um beijo?' né... Ai eu tive que falar 'não, a gente tá numa pandemia não tem como'... Por exemplo teve um episódio que eu estava no carro e encontrei um casal de amigos andando a gente é bem próximo, não se via há bastante tempo, mas não tinha como chegar perto... eu vi minha amiga e eu não sabia como reagir sabe? E eu não podia ir lá dar um abraço nela mesmo a gente já estando um bom tempo sem se ver e foi horrível! Nossa, é um sentimento muito ruim você não poder ir lá e abraçar... eu fiquei pensando 'preciso falar, oi eu preciso abraçar mas eu não posso'...porque sabe... é por um bem maior, mas de toda forma é muito ruim. Foi horrível, mas infelizmente tive que vivenciar isso (Camila, 19/01/2021).

O que se evidencia, no entanto, nos relatos de Matheus (21/01/2021) e Lucas (27/01/2021), são cenas que também derivam das alterações das normas de convivência e novos protocolos de higiene, mas que, de fato, representam relações de hostilidade:

“Teve uma situação que eu fui praticamente hostilizado por ter esquecido a máscara quanto eu descí com meu cachorro” (Matheus, 21/01/2021). Salienta-se o medo da contração do vírus como fator desencadeante de tratamento hostil para com a pessoa que, supostamente representa um risco, como também é enfatizado por Lucas (27/01/2021):

Tem um vizinho meu que antes a gente tinha uma relação muito legal, era uma relação de vizinhos quase virando amigos e basicamente o que aconteceu foi: desde o começo da pandemia, por conta da minha mãe, eu comecei ser muito rigoroso e passar o gel quase no corpo inteiro, usar máscara e protetor de rosto, luva na mão... Enfim, ser muito cauteloso mesmo e lá no condomínio o elevador é muito grande e eles colocaram uma regra de duas pessoas por elevador.. E no caso de um elevador gigante, duas pessoas que estejam seguindo os protocolos, não se ofereceriam risco, realmente não teria problema... E por três vezes ele me impediu de entrar no elevador e eu já estava super atrasado e sabia que ele estava errado porque eu tava seguindo todos os protocolos, não teria risco ali e isso me incomodou bastante. Na terceira vez eu fui grosso com ele, eu acho que inclusive que a gente tinha uma relação se desenvolvendo e acabou porque eu tive que ser grosso e falei: 'foi mal, me desculpa, mas tô cumprindo a regra eu, tô seguindo todos os protocolos, eu praticamente tomo um banho de álcool gel, o elevador é grande, eu não vou encostar em você, tô com máscara e eu vou entrar e paciência, se você quiser você sai pronto,!' E ele ficou realmente bastante ofendido, mas eu já tava me sentindo discriminado, não deu para aguentar! (Lucas, 27/01/2021).

As diversas cenas de hospitalidade, comuns ao cotidiano do ser humano, são pautadas por regras não escritas, que vislumbram a boa convivência e o estreitamento de laços entre os atores envolvidos. Um cenário pandêmico, todavia, afeta o desenrolar dessas cenas, dificultando ou até mesmo impedindo o respeito às leis que têm como premissa o bom acolhimento do outro no processo de transição entre o lugar externo e interno, seja ele um domínio doméstico, público ou mesmo comercial, de modo que a simples visita de um amigo representa na COVID-19 um grande fator de risco (GRASSI, 2011; BAPTISTA, 2005; LASHLEY, 2000; MONTANDON, 2011; AMADEO, 2020; ZIZEK, 2020; KALAOUM et. al. 2020).

A insatisfação quanto às alterações nas dinâmicas hospitalares, derivadas do distanciamento físico e o surgimento de relações de hostilidade, provenientes dessas mudanças sociais, foram observadas no conjunto de entrevistas, como em Miriam (20/01/2021) e Lucas (27/01/2021).

Agora eu acho que a questão mais difícil de todas foi como eu comentei a questão do nascimento da minha filha, porque antigamente nascia e ia meia dúzia... 10 pessoas na maternidade ver a criança, senão assim que você ia para casa já iam. Nós tivemos que ser radicais, falar: 'não, não vai conhecer, não vai vir'... Teve gente que falou que vinha eu falei: 'se vier você não vai entrar na minha casa, vai ficar na porta, não venha!'. E isso é muito estranho, você ter que falar para pessoa não te visitar. Muita gente respeitou e ficou de boa, entendeu a situação, mas teve gente que não queria saber, que queria ver a criança e atormentava porque queria ver a criança e não parava de mandar mensagem... E eu tentando ser o menos mal-educada possível, mas chegava hora que não tinha como, eu tinha que falar não e pronto. E realmente tem gente que tá esperando para conhecer ela e teve uma especificamente que eu tive que falar claramente: 'olha para de me perturbar, você não vai ver e ponto final!' E ela falou que era falta de respeito isso... e respondi que falta de respeito era querer conhecer a criança nessa situação [...] Olha é uma relação que desgastou, não sei se rompeu mas, é uma relação que com certeza caiu de nível porque se ele tinha alguma proximidade, agora virou só parentesco mesmo, uma pessoa que de agora em diante não vai mais fazer diferença para mim, porque eu acho que é uma situação que necessitou o isolamento, necessitou afastamento e se as duas partes não tentarem compreender, não tentarem se esforçar para manter essa relação, ela acaba e nesse caso não teve compreensão nenhuma então... Paciência! (Miriam, 20/01/2021).

A entrevistada salienta a impossibilidade de uma cena de hospitalidade, no caso a visita de pessoas da sua rede de contatos à sua casa para apresentação de sua filha recém-nascida, como um fator desencadeante de hostilidade e desgaste vínculo, frente à incompreensão de uma das partes em relação à impossibilidade do encontro. Consequências nocivas do impedimento do contato físico para relações, também foram frisadas por Lucas (27/01/2021):

Foi um impacto bem grande, só para resumir eu me demiti eu nem trabalho mais lá, porque começou dar tanto problema de mensagem... O que a gente conversava pessoalmente começou a ter que ser sempre por e-mail, por WhatsApp e dava tanto ruído, tanto problema, que foi gerando brigas e brigas, a nossa relação foi ficando cada vez pior, mais desgastada até que chegou um ponto que ela queria que eu voltasse a trabalhar no escritório, sendo que a lá não tinha a menor preocupação com as novas etiquetas de higiene e eu tenho uma mãe idosa em casa, que já passou por problemas sérios de saúde e isso para mim foi a gota d'água, sabe? Eu saí de lá por conta disso e eu tenho quase certeza que se fosse algo que a gente tivesse frente a frente não teria acontecido... Uma coisa que a pandemia me fez pensar muito foi que a internet soluciona algumas barreiras de distância, ela pode aproximar alguém que está no Brasil de alguém que está no Japão, mas por outro lado ela pode distanciar completamente duas pessoas que estão a poucos metros de

distância, porque não é pessoal, não é caloroso, não é tão simples, tem ruído e isso dá muito problema (Lucas, 27/01/2021).

Brooks e outros (2020) e Santos (2020) dissertam sobre as alterações nos padrões de relacionamento durante a pandemia de COVID-19. Os autores abordam o aumento de sentimentos de stress e ansiedade, derivados da necessidade de isolamento, mas também do medo de infecção. Lopes (2020) trabalha o seguimento destes sentimentos, para cenários de exclusão e discriminação, segundo o autor, bastante recorrentes no cenário pandêmico. Giulia (12/02/2021) e Matheus (21/01/2021) relatam experiências relacionadas à discriminação, por eles vivenciadas no contexto pandêmico:

[...] eu fui bastante discriminada e meus pais também, somos da área da saúde e eles da linha de frente, são médicos e toda a minha família foi bastante discriminada... É irônico porque ao mesmo tempo que a população tava muito grata por essas pessoas que estavam lutando pela vida dos outros, elas não queriam que a gente chegasse perto... É lógico que a gente tinha também essa preocupação por ser da área da saúde, até por ter mais conhecimento, mas machuca muito você ser excluído, alguém falar 'se você for, eu não vou' simplesmente porque sua família tá se dedicando nem salvar os outros né... Foi um preconceito, as pessoas não queriam que eu estivesse perto, que eu estivesse no mesmo ambiente, porque supostamente ofereceria mais risco e eu entendo isso, mas ainda assim machuca não é algo tão simples de ser digerido (Giulia, 12/02/2021).

Infere-se que, devido a questões relacionadas à pandemia de COVID-19, o tratamento dispensado à entrevistada não se pautou pelo acolhimento, calor humano e reciprocidade, o que lhe proporcionou uma experiência negativa. Matheus (21/01/2021), por outro lado, comenta ter observado um tratamento hostil para com uma amiga, também proveniente dos aspectos pandêmicos:

Uma situação que teve uma certa discriminação e foi bem desagradável foi que, no fim do ano, eu e mais quatro amigos resolvemos nos encontrar para passar o Ano Novo, todos fizeram distanciamento, isolamento e todos já tinham feito teste, a gente acreditou que seria seguro. Só que tem uma grande amiga nossa, que faz parte desse grupo, que a mãe dela trabalha na linha de frente... É enfermeira em hospital e a maioria das pessoas votou para não chamar ela por conta do risco que, supostamente ela poderia oferecer, sendo que na verdade todos ali ofereceriam risco e eu senti como uma discriminação... Fiquei bem chateado com isso, bem incomodado e falei que a gente deveria ou chamar todo mundo ou não chamar ninguém. Isso me marcou bastante porque não é uma pessoa distante, é uma amiga de infância e no momento de risco foi bastante discriminada (Matheus, 21/01/2021).

Depreende-se que, apesar do restabelecimento da circularidade da dádiva, notado principalmente no espaço virtual, após sua ruptura, derivada da necessidade do distanciamento social, o impedimento de cenas da hospitalidade, antes recorrentes bem como

a alteração da observância de suas leis, culminou em situações de interação pouco favoráveis e até hostis para alguns entrevistados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência da pandemia de COVID-19, bem como diversas resultantes suas, em concomitância com a experiência de cursar um mestrado em hospitalidade, foi a força motriz para a realização deste trabalho. Observar o início do distanciamento físico, o impedimento do encontro e as modificações nas relações gerou uma grande curiosidade para quem iniciava estudos sobre circularidade da dádiva em sua grade curricular, que então transitava para a modalidade online. Surgiram dúvidas sobre uma possível interrupção do dar-receber-retribuir até ali vigente e sobre a verdadeira capacidade da dádiva em amoldar-se à um novo contexto social no qual as “antigas” leis da hospitalidade já não vigoravam (GOTMAN, 2013; MONTANDON, 2011).

Com a análise das entrevistas, pautada no arcabouço teórico, o que se pôde compreender foi que, de fato a interrupção dos encontros físicos e ademais costumes sociais de convivência, pela necessidade de mitigação da propagação da COVID-19, gerou uma ruptura da circularidade da dádiva recorrente. Consequentemente, essa ruptura impacta na manutenção dos vínculos entre pessoas próximas, que apreciam e sustentam aspectos de afeto e preocupação mútua, mas que não moram juntas e por efeitos da pandemia, não podiam empreender contatos presenciais.

O encontro físico despontou como uma modalidade extremamente significativa para os elos afetivos, incapaz de substituição, no entanto, não recomendável em tempos de isolamento social. O que se notou a partir de então, foi um impulso de adaptação por parte das relações que, após o “susto” das alterações sociais desencadeadas pela pandemia, buscaram novas formas de existir, encontrando nos meios virtuais, como aplicativos de mensagens, vídeo-chamadas e redes sociais, um espaço do dar-receber-retribuir possível.

Infere-se, portanto que as relações de hospitalidade se perpetuam por meio da circularidade da dádiva, que se adapta e se restabelece após momentos de ruptura. No entanto, o que também se tornou relevante foi a ocorrência de evidências de hostilidade, ou pelo menos, de interações sociais pouco favoráveis à manutenção de vínculos, relacionadas principalmente a sentimentos de medo e incerteza, típicos de um contexto de pandemia.

Uma adversidade que se impôs durante a realização da pesquisa foi o próprio cenário pandêmico, que impossibilitou a realização de orientações presenciais e o acesso à algumas bases de dados. Em relação à parte teórica, a principal dificuldade se deu com a seleção dos trechos analíticos referentes às categorias de análise de dádiva e hospitalidade. Cabe ressaltar também que a circularidade da primeira acontece no decorrer de cenas da segunda.

Dois aspectos não pensados inicialmente destacaram-se de forma relevante nas análises, sugerindo que consistem em uma temática interessante para a realização de estudos futuros relacionados ao distanciamento físico e hospitalidade. São eles, a vulnerabilidade emocional, frisada pelos entrevistados como uma consequência significativa da vivência de pandemia e isolamento físico dela derivado e a virtualidade, principal artifício utilizado para rompê-lo.

As principais limitações da pesquisa se dão pela inviabilidade de generalização dos resultados, tanto pelas próprias características do método de coleta de dados por meio de entrevistas, que possibilita apenas um entendimento parcial do fenômeno (BAUER; GASKELL, 2002), quanto pela homogeneidade da faixa etária dos sujeitos selecionados, o que acaba por impelir uma semelhança entre as percepções. Nesse sentido, sugere-se também a abordagem de um *corpus* de entrevista mais diversificado para a realização de estudos futuros sobre a temática de dádiva, hospitalidade e distanciamento físico.

REFERÊNCIAS

Fontes:

Manual:

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. Manual Vigilância e Controle Peste. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Brasília, 2008. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_controle_pestes.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

Documentos:

CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS. 2009 H1N1 Pandemic (H1N1pdm09 virus). **Past Pandemics**. Disponível em: <https://www.cdc.gov/flu/pandemic-resources/2009-h1n1-pandemic.html>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS. Reconstruction of the 1918 Influenza Pandemic Virus. Understanding Influenza Viruses. Disponível em: <https://www.cdc.gov/flu/about/qa/1918flupandemic.htm>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. Informe Técnico de Influenza. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Disponível em:

<https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2014/maio/22/informe-influenza-2009-2010-2011-220514.pdf>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL . Quarentena. In: **Tesouro Eletrônico**. Disponível em: [http://bvsmms2.saude.gov.br/cgi-](http://bvsmms2.saude.gov.br/cgi-bin/multites/mtwdk.exe?k=default&l=60&w=2718&n=1&s=5&t=2)

[bin/multites/mtwdk.exe?k=default&l=60&w=2718&n=1&s=5&t=2](http://bvsmms2.saude.gov.br/cgi-bin/multites/mtwdk.exe?k=default&l=60&w=2718&n=1&s=5&t=2). Acesso em 06/04/2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Trabalhando juntos pela saúde. **Relatório Mundial da Saúde**, 2006. Disponível em:

https://www.who.int/whr/2006/06_overview_pr.pdf?ua=1. Acesso em 04/04/2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Coronavírus. **Vigilância em Saúde**. Disponível em : https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/doencas_e_agravos/coronavirus/index.php?p=291730. Acesso em: 23/02/2021.

THEY, Ng Haig. Uma Breve Linha do Tempo. UFRGS Litoral, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronaviruslitoral/uma-breve-linha-do-tempo/>. Acesso em: 12/02/2021.

Notícias de Jornais e Revistas:

CNN Brasil. Isolamento social é fundamental, afirma infectologista. **CNN**, São Paulo, 28 de mar. de 2020. Saúde. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/03/28/isolamento-social-e-fundamental-afirma-infectologista/>. Acesso em: 07 de jun. de 2020.

MASTROROSA, Luciana. Terapeutas dão dicas para lidar com a solidão no isolamento. **R7**, Rio de Janeiro, 02 de abril de 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/terapeutas-dao-dicas-para-lidar-com-a-solidao-em-tempos-de-coronavirus-02042020>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

SOARES, Regiane. Quarentena começa a valer nesta terça-feira em todo o estado de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 de mar. de 2020. Poder. Disponível em <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/03/quarentena-comeca-a-valer-nesta-terca-feira-em-todo-o-estado-de-sp.shtml>. Acesso em: 13 de abr. de 2020.

Fotografias:

HOPPER, Edward. Morning sun. 1952. Pintura, óleo sobre tela, 101,98 x 71,5cm.

SCAFURO, Renata. Olhar sobre o COVID-19. 2020. Fotografia, disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/fotografia/olhares-sobre-covid-marco-zero-portugal>. Acesso em: 17 de dez. De 2020.

SILVERI, Wolf. Sterile creation. 2020. Fotografia, disponível em: https://www.instagram.com/p/B9HFSeEHX6E/?utm_source=ig_embed. Acesso em: 17 de dez. De 2020.

Entrevistas:

Camila entrevista realizada em 19/01/2021. Tempo de Duração: 13'55''

Miriam entrevista realizada em 20/01/2021. Tempo de Duração: 36'25''

Matheus entrevista realizada em 21/01/2021 . Tempo de Duração: 32'58''

Lucas entrevista realizada em 27/01/2021. Tempo de Duração: 24'25''

Rodrigo entrevista realizada em 31/01/2021. Tempo de Duração: 23'18''

Gabriela entrevista realizada em 11/02/2021. Tempo de Duração: 21'56''

Giulia entrevista realizada em 12/02/2021. Tempo de Duração: 24'50''

Danilo entrevista realizada em 14/02/2021. Tempo de Duração: 21'13''

Artigos de periódicos, dissertações, livros e teses:

AGAMBEN, Giorgio. La invención de una epidemia. In: AMADEO, Pablo. **Sopa de Wuhan: Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias**. Buenos Aires: ASPO, 2020. P. 17-20.

BAKER, Stacey Menzel; GENTRY, James W.; RITTENBURG, Terri L. Building understanding of the domain of consumer vulnerability. **Journal of Macromarketing**, v. 25, n. 2, p. 128-139, 2005.

BAPTISTA, Isabel. Para uma geografia de proximidade humana. **Revista Hospitalidade**, v. 2, n. 2, p. 11-22, 2005.

BARDIN, Laurence. **Content analysis**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.

BAUER, Martin; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

BENEDICTOW, Ole J. **La peste negra, 1346-1353: la historia completa**. Espanha: Ediciones Akal, 2011.

BITTENCOURT, João Maria de Menezes; PEREIRA, Alexandre Barbosa. Isolamento e distanciamento social: o impacto do coronavírus na vida dos jovens brasileiros. In: GROSSI,

Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 336-339.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 19, n. 221, p. 168-178, 2020.

BROOKS, Samantha K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v.395, n. 10227, p. 912-920, 2020.

BUENO, Marielys Siqueira. Festa: o dom do espaço. **Revista Hospitalidade**, v. 3, n. 2, p. 91-104, 2006.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, p. 49-70, 2004.

CAMARGO, Luiz Octávio. As leis da hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 2, p. 2112-2112, 2021.

CAMARGO, Luiz Octávio. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, p. 42-69, 2015.

CARDOSO, Denise Machado; NETTO, Felipe Bandeira. Reflexão antropológica sobre viver e conviver em família no isolamento social. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 220-223.

CORREIA, A. M.; QUEIRÓS, L.; DIAS, J. Pandemic influenza A (H1N1) in the North of Portugal: how did the Autumn-Winter wave behave?. **Revista Portuguesa de Pneumologia (English Edition)**, v. 16, n. 6, p. 880-886, 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**, 2 ed. Porto Alegre: Grupo A Educação, 2010.

CUNHA, Rubens da; BASSI, Francesca; TAVARES, Fátima. Festas e seus 'fazer' - Apresentação Dossier. **Revista Landa**, v. 9, n. 1, 2020.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, n. 115, p. 139-154, 2002.

ESCOLA, Joaquim José Jacinto. Comunicação Educativa: perspectivas e desafios com a COVID-19. **Educação e Realidade**, vol.45, n.4, p. 100-105, 2020.

FERREIRA, Luis Carlos et al. O enigma da pandemia do covid-19: solidariedade, formação humana e cidadania em tempos difíceis. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 165-182, 2020.

FLICK, Uwe (Ed.). **The SAGE handbook of qualitative data analysis**. Londres: Sage, 2013.

FOIS-BRAGA, Humberto; BRUSADIN, Leandro Benedini. Entre as solidões da casa e do mundo: recolhimentos e acolhimentos domésticos de si e dos outros em época de Covid-19. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, v. 8, n. 14, p. 44-54, 2020.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FREITAS, Bruna Hinnah Borges Martins et al. O trabalho emocional em enfermagem pediátrica face às repercussões da COVID-19 na infância e adolescência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, n. 1, 2020.

GODBOUT, Jacques T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, p. 39-52, 1998.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GÖSSLING, Stefan; SCOTT, Daniel; HALL, C. Michael. Pandemics, tourism and global change: a rapid assessment of COVID-19. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 29, p. 1-20, 2020.

GOTMAN, Anne. **Le sens de l'hospitalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

GOTMAN, Anne. O comercio da hospitalidade é possível?. **Revista Hospitalidade**, v. 6, n. 2, p. 3-27, 2009.

GOTMAN, Anne; RAYNAL, Marie. Entrevista com Anne Gotman. **Revista Hospitalidade**, n. I, 2013.

GOTTFRIED, Robert S. **Black death**. Nova York: Simon and Schuster, 2010.

GRASSI, Marie-Claire. Hospitalidade. Transpor a soleira. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. 45 -55 São Paulo: SENAC, 2011. p. 45-55.

HAWRYLUCK, Laura et al. SARS control and psychological effects of quarantine, Toronto, Canada. **Emerging Infectious Diseases**, v. 10, n. 7, p. 1206, 2004.

JUNQUEIRA, Thaynara Kristine et al. Tecendo redes em múltiplas plataformas: a comunicação conectando pessoas idosas na pandemia. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, n.43, 2020, virtual. **Anais**. Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinres de Comunicação. P. 3-18.

KALAOUM, Fausi; SOUSA, Edson; TRIGO, Luiz. Hospitalidade sanitária? Reflexões sobre uma nova perspectiva para o turismo. **Revista Hospitalidade**, v. 17, n. 03, p. 274-297, 2020.

LASHLEY, Conrad. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**, v. 12, n. Especial, p. 70-92, 2015.

LASHLEY, Conrad; LYNCH, Paul; MORRISON, Alison J. (Ed.). **Hospitality: A social lens**. Oxford: Elsevier, 2007.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri: Manoele, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Lévi-Strauss nos 90 voltas ao passado. **Mana**, v. 4, n. 2, p. 105-117, 1998.

LOPES, João Teixeira. A pergunta difícil: permanecemos socialmente vivos?. **Ciências Sociais e Coronvírus**, n. 60, p. 1-5, 2020.

LYNCH, Paul et al. Theorizing hospitality. **Hospitality & Society**, v. 1, n. 1, p. 3-24, 2011.

MAIA, Rosemere. A “vitória” dos emojis: sobre a força dos pictogramas em tempos de distanciamento social. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 476-479.

MARANDOLA JR, Eduardo et al. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 33-43, 2006.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: formas e razão da troca nas sociedades arcaicas. **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 183-314.

MARGUTTI, Auhana Nardini; MARQUES, Roseane Barcellos; STEFNINI, Claudio José. Qual é a influência da hospitableness e do servicescape na hospitalidade percebida em estabelecimentos de varejo: uma reflexão pós COVID-19. **Podium**, v. 9, n. 3, p. 370-407, 2020.

O'MAHONY, Barry. Explorando o impacto do modelo de abordagem dos três domínios sobre a oferta privada, social e comercial de hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. 12, p. 112-131, 2015.

PERRIN, Paul C. et al. Preparing for an influenza pandemic: mental health considerations. **Prehospital and disaster medicine**, v. 24, n. 3, p. 223-230, 2009.

PHILLIPS, Howard. The recent wave of 'Spanish' flu historiography. **Social History of Medicine**, v. 27, n. 4, p. 789-808, 2014.

PITT-RIVERS, Julian. The law of hospitality. **Journal of Ethnographic Theory**, v. 2, n. 1, p. 501-517, 2012.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Estudos literários, leitura e experiência estética: conexões e (m) tempos de confinamento. **Pensares em Revista**, n. 18, p. 142-163, 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Rousseau: The Social Contract and other later political writings**. Cambridge University Press, 2018.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 131-138, 2008.

SANTOS, José R. de J. Imagens que falam da pandemia. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 386-389.

SANTOS, Ricardo Ventura; PONTES, Ana Lucia; COIMBRA JR, Carlos EA. Um "fato social total": COVID-19 e povos indígenas no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 10, n. 36, p. 20-22, 2020.

SCHIO, Jordana Eccel. O Julgamento do Diabo: análise da figura demoníaca em Nardo Di Cione e Michelangelo, entre a Peste Bubônica e o Inferno de Dante (1350-1550). **Revista Discente Oficinas de Clio**, v. 4, n. 6, p. 174, 2019.

SENHORAS, Eloi Martins. Mudanças de comportamento, na economia e no trabalho: como as pandemias transformam o mundo. **Boletim de Conjuntura**, v. 2, n.5, p. 128-136, 2020.

SILVA, Andreia Vicente. Velórios em tempos de COVID-19. In: GROSSI, Miriam; SILVA, Barbara Garcia Ribeiro S.. A preponderância da sociabilidade do telefone em rede na quarentena brasileira. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. . São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 465-467.

TOLEDO, Luiz Henrique e SOUZA, Roberto de Alencar Pereira. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19. **Ponto Urbe**, n. 26, p. 2-21, 2020.

TONIOL, Rodrigo. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 532-535.

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas, 2000. **Métodos de pesquisa em administração**, São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Contextualismo linguístico: contexto histórico, pressupostos teóricos e contribuições para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 17, n. 3, p. 31-55, 2017.

WYMAN, Walter. The Black Plague. **The North American Review**, v. 164, n. 485, p. 441-452, 1897.

ŽIŽEK, Slavoj. Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo de ‘Kill Bill’ y podría conducir a la reinención del comunismo. In: In: AMADEO, Pablo. **Sopa de Wuhan: Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias**. Buenos Aires: ASPO, 2020. P. 21-28.

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

Entrevista 1: Realizada com Camila, 24 anos, em São Paulo, no dia 19/01/2021. Tempo de Duração: 13'55".

Entrevistado 1: "1"

Entrevistador: "E"

E: "Obrigada por disponibilizar parte do seu tempo. Essa entrevista vai ser utilizada para minha dissertação de mestrado e nenhuma informação de caráter pessoal, nenhum nome de empresa ou nome de pessoa vai ser publicado, tá bom? E você pode pedir para interromper ou para terminar a entrevista qualquer momento, tá bom? Nesse momento eu quero entender um pouco sobre a sua vida social antes do distanciamento social derivado da pandemia de COVID-19. "Tá" então quero que você pense sua vida social antes desse processo todo que a gente tá vivendo. Como eram como eram as principais formas de contato e de construção de vínculo que você tinha com pessoas que não moram com você? Com seus amigos, com familiares que não moram com você, com colegas de trabalho... como que funcionava esse contato e a manutenção de vínculo?"

1: "Então na verdade sempre gostei de sair, mas eu sempre via as mesmas pessoas, meus amigos, a gente se reunia todos no mesmo lugar... normalmente a gente se reunia todo mundo na casa de alguém. Na minha família também a gente sempre se reunia, tinha festa de aniversário, comemorava datas importantes."

E: "Entendi, e qual a importância da manutenção dos vínculos sociais na sua vida?"

1: "Então... É que na verdade eu tenho muita necessidade dessa coisa do contato físico, sabe? Isso que me pegou muito com a pandemia eu me sentia muito angustiada por não poder abraçar, encostar, conversar perto... Eu gosto de sentir as pessoas. Antes da pandemia isso era algo muito importante para mim."

E: "Me conta um pouco mais sobre como era sua relação com as pessoas importantes pra você. Aquelas pessoas que você gosta de se relacionar, mas não moram com você."

1: “Eram relações muito ligadas ao encontro, eu falava por mensagem até, mas geralmente pra combinar de reunir no fim de semana e aí quando agente se encontrava que era meu melhor momento da semana”.

E: “E qual a importância dessas relações na sua vida?”

1: “Enorme, porque essas relações que me divertem, me relaxam, me apoiam, posso desabafar, enfim... viver”.

E: “Agora focando só nos encontros físicos: festas, jantares, eventos, receber amigos na sua casa ou ir até a casa de amigos. Qual era a frequência e a importância desse tipo de vivência para você? E na sua opinião, qual a importância desses encontros para a manutenção das relações?”

1: “Assim eu saía todo fim de semana com meu namorado, com a minha família, com os meus amigos. Todo fim de semana tinha que sair, tinha muita visita... visitar parente, visitar amigo... isso era muito importante para mim, ter esse contato com as pessoas que eu gosto.”.

E: “Agora a gente continua pensando em um momento pré-distanciamento físico da pandemia e eu quero que você imagine uma situação hipotética na qual você queira presentear alguém que você gosta. Como você faria esse presente chegar na pessoa? Que reação você esperaria dessa pessoa e como você verificaria essa reação? E qual a importância dessa reação para você?”

1: “Com certeza eu iria levar até as mãos da pessoa... ia dar um abraço. Como reação tudo que eu queria seria um abraço de volta e com a expressão facial dessa pessoa dá para perceber se ela gostou, se ela não gostou... o que fazia me sentir bem era ver que a pessoa ficou feliz, ver a reação da pessoa me deixava feliz com o presente que eu dei”.

E: “Nós já vamos nos encaminhar para segunda metade da entrevista. E a partir de agora eu quero que você pense na sua vida social durante o processo de distanciamento físico da pandemia. Quais as principais formas de contato com as pessoas importantes do seu círculo social, excluindo as pessoas que moram com você. Que maneira de contato você está utilizando?”

1: “Eu acho que o contato que eu mais tive foi pelas redes sociais... WhatsApp, usei muito o FaceTime e vídeo-chamada, porque pelo menos dá para conversar e ver o rosto da pessoa... pelo menos a gente relembra um pouco de como era ter contato de verdade. Eu acho que a internet ajudou muito nisso... é a única forma de contato possível.”

E: “Entendi. E você notou alguma adaptação nas relações para esse novo contexto?”

1: “Sim, com certeza teve adaptação.”

E: “E você considera importante para as relações essa adaptação?”

1: “Com certeza, se não fosse isso eu nem sei...Essa é maneira de se relacionar. Óbvio que não supriu...como eu posso explicar... óbvio que não é a mesma coisa, mas deu para minimizar um pouco a saudade”.

E: “E agora voltando a pensar naqueles encontros físicos que a gente conversou agora pouco... festa, jantar, reunião, eventos... Qual o impacto do impedimento desses encontros para você e para suas relações?”

1: “Nossa eu tive muita dificuldade por não poder ver as pessoas, teve um momento na pandemia que eu falei ‘nossa... o que vai ser da minha vida?’...Sabe eu ficava muito angustiada tinha momentos muito ruins, chorava, foi bem assim... depressivo, sabe? Foi bem forte para mim, marcou muito. Que experiência horrível, mas conforme eu disse a internet, WhatsApp e as redes sociais me ajudaram um pouco a me manter bem, mas tudo isso me deixou muito mal... destruída mesmo uma época”.

E: Entendo! E você acha que teve algo que substituiu o encontro físico... que deu conta de substituir?

1: “Não, nada!”

E: “agora a gente vai voltar para aquela situação hipotética na qual você quer dar um presente para alguém do seu círculo social, mas agora no momento de distanciamento físico. Como que você faria esse presente chegar na pessoa?”

1: Então, na verdade eu até adaptei isso né... eu mandava entregar o presente, mas é óbvio que eu não conseguia ver a reação da pessoa. Eu mandava entregar na casa da pessoa e a pessoa recebia e agradecia por mensagem. Só que assim... a gente não vê a reação, porque por mensagem é tudo muito superficial, não dá para sentir a emoção da pessoa ou ter ideia se a pessoa gostou mesmo. Ver a reação é muito diferente.

E: “Entendi. E você acha que acaba prejudicando então o entendimento da reação e até importância da reação?”

1: “Ah sim, com certeza... as vezes nem parece algo tão importante, tão especial”.

E: “Entendi perfeitamente... agora eu gostaria de entender o seguinte: como a gente sabe, esse processo do distanciamento físico alterou significativamente as regras de boa convivência. Então o que antes era normal, como apertar a mão, conversar perto e tudo mais já não é mais bem visto né? Pensando nisso, eu queria saber se você vivenciou ou conhece alguém que vivenciou alguma situação na qual a pessoa precisou agir de maneira menos educada do que antigamente por conta do processo de pandemia... alguma maneira mais hostil ou menos acolhedora.

1: “Sim eu vi e na verdade até eu me vi obrigada a ser menos educada do que eu queria, como por exemplo, cumprimentar as pessoas dando tchau à distância, sabe? E eu acho que prejudica a relação porque sabe... não tem aquele vínculo com a pessoa, você não pode nem apertar a mão, não parece nada educado.

E: “E você observou alguma situação dessas na qual alguém ficou chateado ou ofendido?”

1: “Algumas pessoas sinto que ficam meio assim: ‘pô você não vai dar nem um beijo?’ né... Aí eu tive que falar ‘não, a gente tá numa pandemia não tem como’... Por exemplo teve um episódio que eu estava no carro e encontrei um casal de amigos andando a gente é bem próximo, não se via há bastante tempo, mas não tinha como chegar perto... eu vi minha amiga

e eu não sabia como reagir sabe? E eu não podia ir lá dar um abraço nela mesmo a gente já estando um bom tempo sem se ver e foi horrível! Nossa, é um sentimento muito ruim você não poder ir lá e abraçar... eu fiquei pensando 'preciso falar, oi eu preciso abraçar mas eu não posso'...porque sabe... é por um bem maior, mas de toda forma é muito ruim. Foi horrível, mas infelizmente tive que vivenciar isso.”

E: “Bom era isso, muito obrigada pelo seu tempo, pela sua disponibilidade... e depois os resultados vão ser compartilhados com você, tá bom? Obrigada mesmo!”

APÊNDICE B -TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

Entrevista 2: Realizada com Miriam, 39 anos, em São Paulo, no dia 20/01/2021. Tempo de Duração: 36'25".

Entrevistado 2 “2”

Entrevistador “E”

E: “Muito obrigada pela disponibilidade, como eu comentei essa entrevista vai ser utilizado na minha dissertação de mestrado... e eu queria começar sabendo se você tem relações importantes com pessoas que não moram com você.”

2: “Tenho.”

E: “E qual a importância dessas relações na sua vida?”

2: “São pessoas que são tudo... profissional, sentimental, para conversar, para chorar as pitangas, desabafar... São diversas as funções e as importâncias dessas relações extra família, né? E tem bastante impacto na minha vida.”

E: “Eu queria considerar agora um momento anterior a pandemia, um momento no qual não existia a necessidade do distanciamento social. Como funcionavam essas relações que você citou, como eram as formas de contato?”

2: “Bom, no trabalho era todo dia, eu encontrava com as minhas colegas de trabalho algumas eram amigas e eu encontrava diariamente com essas amigas. Também tínhamos encontros esporádicos fora do trabalho, como happy-hour. Com a família não tinha toda hora, mas tinha sempre a presença, a minha mãe eu via sempre, ia bastante na casa dela e a gente sempre se encontrava pessoalmente. Tem uma grande amiga minha que a gente se conheceu no trabalho e a nossa relação se desenvolveu de tanto que a gente se encontrava... A gente desenvolveu uma rotina de tomar café juntas na casa dela toda segunda e sexta-feira, então na segunda-feira a gente fofocava sobre o final de semana e na sexta-feira a gente fofocava sobre como foi a nossa semana e desabafava. Então querendo ou não, meus encontros com as pessoas eram constantes.”

E: “Entendi e na sua opinião qual a importância dessa forma de contato que você tinha para manutenção dessas relações e para constituir um vínculo mesmo com essas pessoas?”

2: “Então, na minha opinião antes da pandemia, encontrar pessoalmente era vital porque, por mais que você fosse próxima da pessoa, se você não a encontrasse nunca, não tivesse um contato físico, a relação se desgastava. Você perdia um pouco o contato. Até mantinha o contato por telefone, mas você não via e isso acabava afastando. Então eu acho que antes da pandemia o contato visual, físico, pessoal era vital... Então para mim não ver as pessoas pessoalmente causavam distanciamento.”

E: “Entendi e agora continuando nesse período pré-pandemia, pré-distanciamento eu queria focar um pouco exclusivamente nos encontros físicos: jantares, festas e eventos, receber amigos ou ir na casa de amigos... Você já contou um pouco, mas se você puder falar um pouco mais sobre a importância desses encontros para você e para as suas relações.”

2: “É que assim eu penso que algum e cada tipo de encontro tinha entre aspas a sua função, como por exemplo, essa amiga que eu contei... Nossos encontros serviam quase como uma terapia tanto para os momentos difíceis, que a gente desabafava, quanto nos momentos bons que a gente comemorava e também era o momento de diversão, de falar bobagem, se divertir, de recarregar as energias. Os encontros com a minha mãe e com pessoas próximas da família também servia para ter informações de pessoas não tão próximas que eram da rede deles, que são da minha família mas que eu não encontrava tanto, então funcionava querendo ou não como um elo, como uma ligação. Com colegas de trabalho sair para happy-hour ou para jantar servia para saber da vida delas e também melhorar o meu trabalho, criar um ambiente mais legal no trabalho...Servia para dar risada porque eu sou professora, então eu tenho a minha sala e eu sei o que acontece na minha sala, mas não sei o que acontece nas outras salas e isso muitas vezes pode ser importante ou até divertido de trocar com as outras professoras.”

E: “Entendi, perfeito eu queria agora que você considerasse uma situação hipotética, antes da pandemia, na qual você gostaria de presentear alguém dessa sua rede de relações tá? Como que você faria esse presente chegar na pessoa?”

2: “Eu entregava pessoalmente com certeza 99,9% das vezes eu entregava pessoalmente, em mãos.”

E: “E que reação você esperaria da pessoa?”

2: “(rindo) A melhor possível né? A gente escolhe um presente pensando nas características da pessoa... Torcendo para ela gostar, por exemplo, um menino que gosta de videogame, você dá algo relacionado a videogame e você espera que ele goste, espera que ele fique feliz, porque você se dedicou para comprar aquele presente, você saiu comprou, se dedicou e quando essa reação não vem da maneira que você espera dá uma chateada né, dá uma entristecida.”

E: “Em relação a dar o presente, qual a importância dessa reação para você?”

2: “Então, é tudo, é o que faz a diferença, porque assim, quando a pessoa não gosta do presente você percebe que ela não gostou, por mais que ela tente disfarçar você consegue ver pelas feições se ela gostou ou não e percebe também quando ela finge que gostou, mas na verdade não gostou e você também sabe quando ela desprezou seu presente, que eu acho que é o pior, é uma situação que te faz pensar né... As vezes você percebe que não “rolou” o presente e acaba repensando a relação né, pelo menos me faz parar para pensar.”

E: “Agora a gente já tá se encaminhando para segunda metade da entrevista, tá bom? E eu quero agora que você foque na sua vida social durante o processo de distanciamento da pandemia. A partir de agora as perguntas são relacionadas a esse momento. Então voltando a pensar naquelas relações importantes para você, que você gosta de ter mas que vocês não moram junto... Quais foram as principais formas de contato durante a pandemia?”

2: “Foi um momento muito diferente pra mim, durante a pandemia meio que tardiamente eu descobri que estava grávida, foi uma loucura eu descobri de quase cinco meses, então uma descoberta em meio a pandemia, com as pessoas distantes... Então todo o processo social que uma grávida passa: a grande descoberta da gravidez, contar para as pessoas, ir no médico, para mim foi bem diferente porque foi durante o distanciamento, mas por um lado foi bom... Eu vi na televisão e por um acaso eu tive colegas que também engravidaram na pandemia e ficaram muito vulneráveis, ficaram muito mal psicologicamente e sofreram mais do que eu.

No meu caso eu não sofri tanto porque eu tive a sorte de até recuperar o contato com algumas amizades que eu já não via há algum tempo, mas que nesse novo mundo de pandemia no qual o contato virou virtual eu voltei a falar... E aí a junção da gravidez com essas novas formas de contato da pandemia, de vídeo-chamada, de aplicativo, eu acabei retomando algumas relações... Então acabei trazendo de volta para minha área social, para minha convivência pessoas que estavam distantes, através dessas novas formas de contato. A pandemia é uma “porcaria”, não ousou falar que foi legal... Pro mundo foi horrível, mas para mim teve esse lado legal.

E: “E a principal forma de contato para você foi...?”

2: “Telefone e quando eu digo o telefone digo ligação mesmo, mas muita vídeo-chamada e aplicativos... WhatsApp, Telegram...”

E: “E você notou então alguma forma de adaptação dessas relações para esse novo contexto de distanciamento físico?”

2: “Como assim?”

E: “Então, você me disse que as relações aconteciam de uma determinada forma antes da pandemia... Depois das medidas de distanciamento você sentiu que essas relações mudaram, se adaptaram de alguma forma?”

2: “A sim, com certeza... O que eu pude perceber é que além de mudanças na forma de contato, algumas relações mudaram, pelo menos no meu caso algumas por exemplo se fortaleceram enquanto outras com os impactos a pandemia murcharam e até desapareceram... Principalmente pessoas que você via muito fisicamente e acabava mantendo essa relação por ver fisicamente, sem o encontro acabou. E não só no trabalho mesmo amigos ou familiares que você no aniversário numa data comemorativa ou que você não conversava muito, mas chamava para vir na sua casa... acabou e mesmo com a possibilidade de vídeo, de áudio, de aplicativo teve o desaparecimento de relações enquanto outras se fortaleceram e meio que se adaptaram a não se ver, criaram essas outras formas de existir”.

E: “Entendi e pensando nessas, que se fortaleceram como você comentou, você acredita que foi por qual meio principalmente?”

2: “Aplicativos de mensagem, com certeza porque toda hora você consegue mandar notícia, mandar um áudio, mandar uma foto, mandar vídeo... Todo mundo tá assim... Para justamente não perder isso e até pra cuidar do outro à distância, porque eu sei que muita gente ficou mal ou para baixo, ficou mal emocionalmente, bem no momento que o contato é complicado então tinha que achar uma forma de estar perto das pessoas. Dentro dos meus vínculos sociais mesmo, teve gente que ficou muito mal, então para não deixar que as relações se perdessem até por saber que a pessoa não estava bem, eu ia atrás por aplicativo mesmo.”

E: “Perfeito. Para você, qual a importância dessa adaptação ter acontecido?”

2: “Pergunta difícil, profunda, é algo para gente pensar!”

E: “Não tem certo e errado tá ? O que me interessa é a sua vivência e experiência, sua opinião.”

2: “A pandemia fez a gente pensar em muita coisa, mas especificamente nisso eu ainda não pensei, mas quero pensar agora junto com você... Eu acho que sem se adaptar, além de muitas relações que se perderiam... Eu acho que muita gente ia ficar muito mal e quando digo muito mal eu digo emocionalmente, fisicamente... Por que ficar preso em casa e sem contato de forma alguma, seria muito difícil. Se a gente tivesse na pandemia, sem essa benesse da tecnologia, muita gente teria ficado muito doente mentalmente... Mas é isso, sinto que eu tive o privilégio de ter tido bons momentos, mas eu sei que muita gente não. Sei que esse contato foi fundamental para essas pessoas não ficarem ainda pior.”

E: “Entendi e me fala uma coisa, nesse contexto que a gente não pode ter contato físico não pode ter encontro, como você percebe que a pessoa tem interesse em manter a relação com você e estreitar esse vínculo, permanecer na sua rede de relações?”

2: “Olha eu percebo muitas pessoas que querem saber como você tá, mas não para manter um vínculo e sim para tomar conta da sua vida e ver o quão mal ou bem você tá em comparação a vida dela. Dá para perceber isso porque a pessoa aparece: ‘oi, tudo bem? E tchau!’, mas quem

se interessa manda mensagem mas frequentemente, liga, pergunta, manda vídeo, manda o link... Eu acho que isso vira muito uma medida quando a gente quer manter a relação e não só que a pessoa responda. Eu também faço isso, eu mando um conteúdo de interesse, algo que possa ser legal para pessoa fazer... Um site com imagem, vídeo, que vão obrigar entre aspas que a pessoa me responda de volta e vai gerar uma conversa. Quando a pessoa faz isso, ela demonstra que ainda lembra de você, que ela te percebe e que ela ainda quer manter essa relação, não só se certificar que você tá vivo. Além disso, você também consegue perceber se a pessoa responde de uma maneira mais seca, mais monossilábica ou se já puxa outro assunto e assim vai... E quem não mantêm a gente descarta e fala 'paciência', né?"

E: "Agora eu quero que a gente volte a pensar naqueles encontros físicos que a gente já conversou: festa, reunião, jantar, evento, receber visita... Na sua vivência, na sua experiência, qual foi o impacto do impedimento desses encontros nas relações?"

2: "Então, eu nunca fui muito de receber, de fazer coisas na minha casa até porque minha casa é bem pequena, mas eu sempre gostei muito de festa, qualquer tipo de festa: casamento, aniversário, Natal, festa de Ano Novo, sempre gostei disso e esse tipo de coisa eu senti bastante. Não poder ter isso deu uma nostalgia, é meio como se a relação não pudesse acontecer, tinha relação só acontecendo nesse momento... E até algo que me vem muito na cabeça, que tem me perturbando muito... Como eu comentei, minha filha nasceu agora na pandemia e tem algo que pela primeira vez me desesperou, pela primeira vez me tirou dos eixos: pensar que muito provavelmente o primeiro ano dela vai ter um aniversário e é possível que não tem a festa, é possível que eu não possa promover um encontro para comemorar com todo mundo que eu gosto a vida dela e isso faz meu olho encher de lágrima... É uma coisa que realmente me machucou muito, a primeira coisa que me impactou, pode ser coisa de mãe recente, hormônio, mas algo que me preocupa bastante... Minha outra filha tem 20 anos e eu comorei todos os anos de vida dela e saber que provavelmente esse encontro não vai poder acontecer me fere realmente, foi a primeira coisa que me deu uma angústia, pensar que minha pequenininha minha princesinha vai fazer um ano e não vai poder ter essas memórias. Sabe eu queria todo mundo junto, todo mundo que tá vivo junto, pelo menos mas não sei se vai ter como... E ainda continuando nessa história do encontro, minha bebê nasceu e ninguém foi ver na maternidade porque não podia, eu não recebo ninguém na minha casa, eu consigo contar nos dedos as pessoas que conheceram ela, que são cinco. O médico nos alertou para preservar ao máximo e a gente tá fazendo isso, só que esse encontro é muito importante né? É para as

peças da família, os amigos conhecerem a nova vida, celebrar, conhecer a pessoa que nasceu e por conta do isolamento isso não tá acontecendo... E as relações se abalam, algumas pessoas ficam chateadas por não conhecer a bebê. As vezes tem até gente que ficou realmente brava, então com certeza não poder ter um encontro afasta e as vezes magoa, principalmente numa situação como essa, para mim é quase que uma negação não poder dividir com as pessoas meu momento.”

E: “Quer saber agora se você percebeu algo que conseguiu substituir esse encontro físico. Você comentou da utilização de aplicativos, ligação, mas tem algo que para você substitui um encontro?”

2: “Não, de maneira nenhuma porque você ver a pessoa na sua frente, o abraço, cheiro... Eu sou uma pessoa até suspeita para falar, porque eu sou professora e sou professora de educação infantil então eu sei a importância dos sentidos para o ser humano. Você agora está ouvindo minha voz, mas a minha voz um pouco computadorizada... Não é minha voz de verdade então você ouvir a voz, você tocar na pessoa, você sentir o cheiro da pessoa é outra experiência que não tem nada que pode substituir e eu sei o quanto é importante. Tanto na teoria quanto na prática então encontrar faz uma falta “lascada”, não tem nada que substitui, mesmo o virtual, ele ameniza, ele permite sim acho que a manutenção das relações é uma adaptação para esse momento, mas substituir de maneira alguma.

E: “Entendi, agora a gente vai voltar para aquela situação hipotética na qual você quer presentear alguém da sua rede de relacionamentos, mas agora no momento de pandemia, no momento do distanciamento, como você faz para esse presente chegar na pessoa?”

2: “Então eu tenho uma historinha para contar que acho que encaixa bem. Posso contar?”

E: “Com certeza, por favor!”

2: “Como eu já comentei algumas, vezes minha bebê nasceu e tem aquele momento emocionante, bonito da escolha dos padrinhos então eu na verdade tive ideia, conversei com meu marido e a gente escolheu os padrinhos. Só que aí a pergunta: ‘tá bom, como que a gente vai fazer esse convite?’ Porque é algo muito importante, você está convidando um casal para ser padrinho da sua filha e como a gente vai fazer isso acontecer? Porque a gente não pode

receber visita, ela ainda era muito pequenininha ela tá com quatro meses e meio agora, mas ela tava com dois então a gente realmente não podia encontrar ninguém. E aí a gente pensou e a ideia que a gente teve foi: Eu contratei uma empresa de personalizar coisas e fiz vários itens personalizados para eles, então camiseta, almofada, copo, xícara fiz uma carta falando que eu não poderia falar ali na hora e mandei entregar. Só que tem uma questão muito importante para mim e muito importante, principalmente nesse momento: saber a reação legítima deles, então o que eu fiz... Eu pedi para que eles filmassem, eu fui muito insistente nisso, eles não tavam entendendo nada, mas eu deixei claro que era obrigatório que eles filmassem antes de abrir o pacote e assim eles fizeram... Porque não ia ter aquela emoção do beijo, abraço, chora, dificilmente alguém recusa um convite desses, mas eu queria saber a reação ali do momento, porque o normal seria a pessoa aceitar e aí abraça, beija, aquela coisa do momento. Como não seria possível, tinha que filmar e aí ela me passou e a reação foi melhor até do que eu esperava, assim, foi indescritível e o que foi legal foi que eu consegui curtir junto com eles... Lógico que foi depois de alguns segundos, alguns minutos, não seria ao mesmo tempo e não foi pessoalmente, mas pelo menos eu consegui curtir com eles a distância, mas com eles e aí logo depois eu liguei a gente falou por vídeo. Só que depois que eu pensei e até comentei com ela, que o que aconteceu foi que eles não viram a minha reação e eu chorei muito, eu fiquei muito emocionada pela reação deles e isso eles não sabem eles não tem como saber... Depois que eu parei para pensar que eu deveria ter gravado a minha reação vendo a reação deles,, porque eu acho que tanta reação deles era importante para mim quanto a minha poderia ser importante para eles verem o quanto eu fiquei emocionado, então eles choraram de um lado eu chorei do outro, todos emocionados, só que separado, à distância então foi uma experiência maravilhosa. Não foi a mesma coisa que ao vivo a cores, mas foi uma experiência boa, foi uma boa saída, podemos dizer uma boa adaptação, né?”

E: “Que história legal! Que bacana... Então pensando que as regras de educação, de etiqueta que a gente tinha até então não são mais vigentes, o que antes era normal, considerado educado, polido hoje em dia pode ser visto até como inseguro... E eu queria saber a partir disso, se você vivenciou alguma situação na qual você precisou ser menos educada do que você gostaria, menos acolhedora do que você seria num momento antes da pandemia por conta dessas novas regras do distanciamento.”

2: “Várias, nossa várias... A questão do elevador né tem alguém no elevador, você fala: ‘não pode descer, pode subir, depois eu vou’ aí a pessoa te olha meio com cara de: ‘nossa você tá

com nojo de mim!’. Várias situações corriqueiras, entrar e sair do prédio na portaria, na clausura... Agora eu acho que a questão mais difícil de todas foi como eu comentei a questão do nascimento da minha filha, porque antigamente nascia e ia meia dúzia... 10 pessoas na maternidade ver a criança, senão assim que você ia para casa já iam. Nós tivemos que ser radicais, falar: ‘não, não vai conhecer, não vai vir’... Teve gente que falou que vinha eu falei: ‘se vier você não vai entrar na minha casa, vai ficar na porta, não venha!’. E isso é muito estranho, você ter que falar para pessoa não te visitar. Muita gente respeitou e ficou de boa, entendeu a situação, mas teve gente que não queria saber, que queria ver a criança e atormentava porque queria ver a criança e não parava de mandar mensagem... E eu tentando ser o menos mal educada possível, mas chegava hora que não tinha como, eu tinha que falar não e pronto. E realmente tem gente que tá esperando para conhecer ela e teve uma especificamente que eu tive que falar claramente: ‘olha para de me perturbar, você não vai ver e ponto final!’ E ela falou que era falta de respeito isso... e respondi que falta de respeito era querer conhecer a criança nessa situação.”

E: “Isso que eu ia te perguntar, você sentiu que teve alguém que ficou ofendido, chateado, talvez até sentiu discriminado com essa situação?”

2: “Assim, eu acredito que sim, boa parte das pessoas ficou pelo menos chateada mas pelo menos entenderam... Agora no caso dessa específica, quando fui obrigado a ser mal educada, com certeza ficou ofendida, ficou sentindo talvez até discriminada, porque tiveram algumas pessoas muito importantes que já conheceram a bebê.”

E: “Entendi e qual você acredita ser o impacto de uma situação como essa para a relação?”

2: “Olha é uma relação que desgastou, não sei se rompeu mas, é uma relação que com certeza caiu de nível porque se ele tinha alguma proximidade, agora virou só parentesco mesmo, uma pessoa que de agora em diante não vai mais fazer diferença para mim, porque eu acho que é uma situação que necessitou o isolamento, necessitou afastamento e se as duas partes não tentarem compreender, não tentarem se esforçar para manter essa relação, ela acaba e nesse caso não teve compreensão nenhuma então... Paciência!”

E: “Bom, era isso muito obrigada pela sua disponibilidade pelo seu tempo!”

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3

Entrevista 3: Realizada com Matheus, 25 anos, em São Paulo, no dia 21/01/2021 . Tempo de Duração: 32'58".

Entrevistado 3: “3”

Entrevistador: “E”

E: “Eu queria agradecer pelo seu tempo e sua disponibilidade e começar pedindo para você se apresentar e contar um pouco da sua vida.”

3: “Tenho 25 anos, sou estudante de Medicina, minha rotina tem sido basicamente em casa, online, estudando, assistindo séries e filmes.”

E: “Me fale uma coisa: você tem relações importantes com pessoas que não moram com você?”

3: “Sim, tenho. Tenho relação com meus pais, que não moram comigo. E tem os meus amigos também.”

E: “Qual a importância dessas relações na sua vida?”

3: “São relações importantes demais. Elas moldam quem eu sou, mudam minha visão de vida em relação a várias coisas, me ajudam a tomar decisões, fora que são as pessoas com quem posso contar e viver experiências.”

E: “Você poderia me contar, de maneira resumida, o significado do distanciamento social para você?”

3: “Olha para mim pegou muito, porque sempre foi uma pessoa do toque, do encontro... Eu acho que o distanciamento social me pegou nisso, o fato de você ter que conversar com uma pessoa com muita intimidade pelo celular, ou ser pela internet e tudo mais é muito ruim. Eu tive que me policiar para conseguir fazer isso na verdade, porque eu nunca fui de mexer no celular então durante a pandemia eu tive que me adaptar para conseguir me sentir à vontade

dentro do jeito que eu sou e dentro dessa nova necessidade de comunicação e também continuar mantendo minhas relações e até criar novas relações. O meio que eu mais me senti mais à vontade foi o áudio, foi o que eu descobri que funciona para mim. Mensagem para mim é muito distante e ligação de vídeo pode ser meio invasivo, então áudio foi um meio termo bom e outra coisa que eu desenvolvi foi mandar Emoji para ajudar a pessoa interpretar a emoção que eu tô e que eu queria passar.”

E: “Entendi, agora vou fazer algumas perguntas para você, mas essa primeira parte da entrevista eu quero que você foque na sua vida social no período pré-pandemia, quando ainda não tinha necessidade do distanciamento social... Primeira coisa que eu queria saber: quais eram as principais formas de contato que você tinha com essas relações que a gente comentou, que são importantes para você, mas que não moram junto com você?”

3: “Eram os contatos cotidianos com bastante encontro, tanto com a família quanto com os amigos, a gente se encontrava bastante, descia no prédio, pessoal da faculdade, eram encontros no dia-a-dia mesmo, bem frequentes. Com meu pai sempre foi um pouco mais distante porque meu pai sempre trabalhou viajando então a gente sempre teve a comunicação e o contato com ele através de ligação mesmo... Mas todo fim de semana de maneira geral eu estava encontrando com amigos ou com familiares, que no caso são essas relações importantes para mim.”

E: “E continuando nesse período pré-pandemia, como você mostrava para as pessoas que você queria manter essa relação, que você queria continuar com esse vínculo?”

3: “ Eu acho que era bem dinâmico... O simples fato de marcar de se ver, de se encontrar constantemente já deixava implícito, nem precisava porque o buscar se encontrar e o estar ali presente toda hora acho que já demonstrava isso. E da mesma forma eu percebia a intenção deles em continuar a relação, a mobilização de se encontrar, de corresponder a atenção... Era uma construção diária praticamente.”

E: “Agora especificamente nos encontros físicos: festa, jantar, evento, happy-hour, em qualquer momento que as pessoas se encontravam fisicamente qual que era a frequência desse tipo de encontro para você?”

3: “Nossa era semanal, muito alta!”

E: “E qual a importância disso para essas relações?”

3: “Nossa enorme, era onde a relação acontecia mesmo... Não importava o tipo de evento, tipo de festa, o que importava era a gente tá junto e era ali que a gente vivia de verdade!”

E: “Agora eu quero que você pense numa situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém dessa sua rede de relações, ainda no período anterior a pandemia tá? Como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

3: “Acho que entregar pessoalmente seria o melhor, porque eu gosto dessa questão de encontrar e eu acho que dando ele pessoalmente você consegue ver a reação da pessoa, se ficou satisfeita, se ela gostou ou não, fora que a surpresa também faz parte, então quando você dá o presente para pessoa, isso acaba gerando uma atitude dela no momento que acho que se você pedir para um terceiro entregar não é a mesma coisa.”

E: “Entendi e qual a importância da reação dessa pessoa para você em relação ao ato de dar o presente?”

3: “Enorme, eu acho que é caso até de uma satisfação própria. Eu acho que eu nunca consegui comprar um presente e pensar no presente sem pensar na reação da pessoa, sem esperar essa reação, então é tudo.”

E: “E uma pergunta: o que que é um presente para você?”

3: “Um presente para mim, eu acho que é a tentativa de simbolizar o que aquela pessoa representa para você.”

E: “Agora a gente já vai se encaminhar para segunda parte da entrevista e a partir desse momento a gente vai focar na sua vida social e nas suas relações durante o processo de distanciamento social da pandemia, tá bom? Quais foram as principais formas de contato que você teve com essas relações importantes durante o distanciamento?”

3: “Vídeo chamada, com certeza, áudio, confesso que tiveram situações que até me encontrei, que eu precisei furar a quarentena por conta da minha saúde mental... Eu vi algumas pessoas mesmo. Fora as mensagens por aplicativo de maneira geral acho que isso aumentou muito.

E: “No primeiro bloco você comentou que encontrava muito com essas pessoas da sua rede de relações, mas agora nesse momento distanciamento não seria possível. Você notou alguma adaptação nessas relações?”

3: “Eu acho que tiveram relações que se distanciaram bastante e a ausência da rotina de encontro prejudicou na rotina da própria relação, diminuiu a frequência... Eu acho que a pandemia obrigou a gente a focar naqueles que importam mesmo... Aqueles que contam de verdade e ficar mais próximo dessas pessoas... E aí foi questão de aplicativo e correr o risco mesmo para encontrar, tentando mitigar o risco, mas correndo esse risco.”

E: “E para você qual a importância dessa adaptação?”

3: “Nossa foi muito importante, porque ficar dentro de casa e ainda sem essas relações seria desesperador, muito entediante... Eu acho que principalmente para a saúde mental, para não ficar mais frágil emocionalmente, foi muito importante.”

E: “E agora pensando nesse momento de pandemia, como você manifestava interesse de manter a relação com as pessoas já que não podia encontrar?”

3: “Confesso que esse é um defeito meu, algo que eu tive que lutar para melhorar porque eu não sou muito de chamar para conversar e tal, então eu tive que ir melhorando nisso para não perder o contato, porque não era muito de sempre chamar pelo WhatsApp, por exemplo. E ter que falar por internet invés de poder chamar para sair me dá esse bloqueio, porque não é a mesma coisa... Enfim não era algo natural meu, como eu já comentei.”

E: “Entendi e dessa forma, como você percebia que a pessoa queria continuar tendo essa relação com você?”

3: “Olha acho que as pessoas vindo por ligação, mensagem e etc demonstra isso. Eu tenho o infeliz hábito de demorar para responder, então as pessoas me cobrando para responder já era uma manifestação. As pessoas realçavam a intenção do vínculo cobrando por atenção.”

E: “Você comentou na primeira parte da entrevista que o encontro era bem importante para suas relações. Qual você acha que foi o impacto do impedimento desse encontro para elas?”

3: “De maneira mais profunda eu acho que não teve impacto, porque as relações que realmente importavam se mantiveram, foram encontrando outras formas e se adaptando, mas de maneira geral uma coisa que eu acho que impactou bastante foi que eu não consigo ser tão sincero ou tão aberto por vídeo, por aplicativo e já que não podia se encontrar pessoalmente acho que teve esse prejuízo, pelo menos para mim, pessoalmente.”

E: “Entendi. Agora a gente vai voltar para aquela situação hipotética na qual você quer dar o presente para alguém, só que agora estamos no distanciamento. Como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

3: “O que eu fiz e chegou acontecer e acho que eu faria novamente, seria deixar na casa da pessoa, na portaria por exemplo e depois avisar ela, assim não teria nenhum contato, mas o presente chegaria nela, muitas vezes o próprio estabelecimento de compra do presente entregaria também, isso aumento muito na pandemia.”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa ao receber o presente?”

3: “Eu esperaria uma mensagem, alguma coisa do tipo para ela demonstrar. Nesse contexto de pandemia uma simples mensagem já seria algo, mas no caso de uma pessoa mais próxima eu gostaria de no mínimo uma ligação de vídeo, algo do tipo que mostre mais a reação, para eu poder ter a satisfação que já comentei que eu gosto da pessoa gostar do presente que eu dei. Não é a mesma coisa que ver pessoalmente e porque não se vê a surpresa, não se vê o momento exato, mas é uma forma de viabilizar isso nesse momento.”

E: “Bom, como a gente sabe o momento da pandemia alterou várias regras de boa convivência, então o que antes era educado, considerado polido... Hoje em dia pode ser considerado um fator de risco para as pessoas, os hábitos mudaram muito e eu queria saber se,

devido a esse contexto houve alguma situação na qual você precisou ser menos educado ou menos acolhedor do que você seria no período pré-pandemia.”

3: “Sim, várias situações! Uma que me vem à mente: um dia que eu tava voltando do mercado e aqui no meu prédio tinha uma criança que caiu e visivelmente se machucou de maneira um pouco mais grave. Eu curso medicina e eu sabia que eu poderia ajudar e eu cheguei perto, só que ao chegar perto veio a babá da criança meio com uma cara de ‘não encosta nela’ e eu também não me senti à vontade para tocar, então eu só pedi para ver de longe a mão e eu vi que o dedo tava fora do lugar, era algo que eu poderia resolver para a criança parar de sentir dor e tirar urgência de ir para o hospital, mas por conta da pandemia eu achei que não seria adequado tocar na criança então eu instruí a babá que subisse com ela e pedisse para os pais levarem ela para o pronto-socorro, porque eu também não me senti à vontade para levá-la. Realmente eu faria tudo de uma forma bem diferente se não fosse o contexto de pandemia e isso me deu uma certa agonia!”

E: “Nossa, entendi! E considerando essas situações que aconteceram com você e com várias outras pessoas durante a pandemia, da gente não poder agir da maneira como a gente agiria antes, você viveu algum caso ou sabe de algum caso que alguém sentiu chateado, ofendido, ou até discriminado por uma situação como essa?”

3: “Teve uma situação que eu fui praticamente hostilizado por ter esquecido a máscara, eu descii com meu cachorro... Aqui no meu condomínio tem um ‘Espaço Pet’ e eu descii com ele e eu realmente esqueci a máscara... Ficou todo mundo me olhando muito feio e gente começou a apontar para mim e tudo mais, eu vi que tinha alguém que quase me falou alguma coisa mesmo... eu fui com a mão rosto e vi que esqueci a máscara. Daí peguei meu cachorro e sai correndo para casa para botar a máscara... Uma situação que teve uma certa discriminação e foi bem desagradável foi que, no fim do ano, eu e mais quatro amigos resolvemos nos encontrar para passar o Ano Novo, todos fizeram distanciamento, isolamento e todos já tinham feito teste, a gente acreditou que seria seguro. Só que tem uma grande amiga nossa, que faz parte desse grupo, que a mãe dela trabalha na linha de frente... É enfermeira em hospital e a maioria das pessoas votou para não chamar ela por conta do risco que, supostamente ela poderia oferecer, sendo que na verdade todos ali ofereceriam risco e eu senti como uma discriminação... Fiquei bem chateado com isso, bem incomodado e falei que a gente deveria ou chamar todo mundo ou não chamar ninguém. Isso me marcou bastante

porque não é uma pessoa distante, é uma amiga de infância e no momento de risco foi bastante discriminada.... Tem algo interessante que eu li sobre, eu acho que encaixa com a sua pesquisa posso contar?"

E: "Claro por favor!"

3: "Eu já comentei algumas vezes... Eu estudo medicina e tem uma parte que a gente estuda das relações tudo mais, que demonstram que realmente o toque humano libera endorfina para outro humano... Então não é só uma questão emocional, chega a ser uma questão física a necessidade de encontro, de toque e uma condição bastante curiosa relacionada a isso, já foi relatada no leste europeu no sul da Europa... Foram situações que hoje eles denominam de 'skin hunger', em português seria 'faminto por pele' e o que se escreve, são pessoas que estavam isolamento há muito tempo dentro de casa e ficaram desesperados por ter esse contato, por esse toque... E por conta disso, saíram correndo na rua, muitas delas completamente peladas, sem roupa, simplesmente desesperadas por abraçar alguém, para tocar alguém depois de meses de confinamento. Eu acho que isso faz a gente parar pra pensar no significado da privação do encontro para o ser humano."

E: "Nossa, que coisa! Realmente faz a gente parar pra pensar... Bom, era isso, muito obrigada!"

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 4

Entrevista 4: Realizada com Lucas, 26 anos, em São Paulo, no dia 27/01/2021. Tempo de Duração: 24'25".

Entrevistado 4: “4”

Entrevistador: “E”

E: “Então, eu queria começar pedindo para você se apresentar e contar um pouquinho sobre a sua vida.”

4: “Bom, sou o ‘4’, tenho 26 anos, sou arquiteto recém-formado e atualmente estou solteiro, acabei de terminar um relacionamento e eu moro com a minha mãe, é isso!”

E: “Legal e você podia me contar um pouco sobre o significado da pandemia e do distanciamento social na sua vida?”

4: “Olha, para mim foi bastante conturbado por vários motivos... Minha rotina mudou muito, principalmente porque eu comecei a trabalhar em casa e boa parte do meu trabalho dava para ser feita remotamente, mas as obras que eram uma parte mais prática, elas pararam por questão do distanciamento social. E também a questão de não encontrar as pessoas no trabalho acabou me afastando assim... Drasticamente dos meus colegas e principalmente da minha chefe. Com os meus amigos eu acho que também teve muita alteração, desde não poder se encontrar para fazer alguma coisa até o simples fato de não poder se cumprimentar, se abraçar e eu sou uma pessoa muito do toque, muito da presença, acho que um abraço, um beijo faz toda a diferença para relação, para aproximar as pessoas e não tem isso no distanciamento, achei péssimo, é meio que uma coisa natural de um ser humano para outro demonstrar afeto e do nada teve que mudar né?”

E: “Entendo e você comentou que se afastou um pouco da sua chefe, você podia contar um pouco do impacto desse distanciamento na sua relação com ela?”

4: “Foi um impacto bem grande, só para resumir eu me demiti eu nem trabalho mais lá, porque começou dar tanto problema de mensagem... O que a gente conversava pessoalmente

começou a ter que ser sempre por e-mail, por WhatsApp e dava tanto ruído, tanto problema, que foi gerando brigas e brigas, a nossa relação foi ficando cada vez pior, mais desgastada até que chegou um ponto que ela queria que eu voltasse a trabalhar no escritório, sendo que a lá não tinha a menor preocupação com as novas etiquetas de higiene e eu tenho uma mãe idosa em casa, que já passou por problemas sérios de saúde e isso para mim foi a gota d'água, sabe? Eu saí de lá por conta disso e eu tenho quase certeza que se fosse algo que a gente tivesse frente a frente não teria acontecido... Uma coisa que a pandemia me fez pensar muito foi que a internet soluciona algumas barreiras de distância, ela pode aproximar alguém que está no Brasil de alguém que está no Japão, mas por outro lado ela pode distanciar completamente duas pessoas que estão a poucos metros de distância, porque não é pessoal, não é caloroso, não é tão simples, tem ruído e isso dá muito problema.”

E: “Entendi e você comentou Então você mora só com sua mãe, é isso?”

4: “Isso!”

E: “Eu queria saber se você tem relações importantes para sua vida, relações que você gosta de ter, mas que não moram com você, então com exceção da sua mãe.”

4: “Sim, muitas!”

E: “Você pode me contar um pouco da importância dessas relações para você?”

4: “Bom, eu acho que essas relações são basicamente meus amigos e meus familiares que não moram comigo, inclusive meu pai, meus pais são separados há bastante tempo então eu não moro com ele e durante pandemia, também por ele ser idoso, a gente acabou ficando bastante afastado fisicamente... Essas relações são tudo na minha vida, são as pessoas que me educaram e me defenderam desde pequeno, as pessoas que eu busco no momento para desabafar, para me divertir, para curtir, são tudo!”

E: “Entendo, meu objetivo é focar nessas relações para as próximas perguntas. Nesse primeiro momento a gente vai pensar no período pré-pandemia, no momento antes do distanciamento social... Eu queria saber quais eram as principais formas de contato que você tinha com as pessoas que a gente comentou agora há pouco.”

4: “Bom, basicamente contato físico, todo fim de semana encontrava, era aquela coisa bem corriqueira de chegar sexta-feira depois do trabalho e já encontrar um amigo para tomar uma cerveja, para enfim para se reunir. Era uma frequência semanal, até duas, três vezes por semana... sexta, sábado e domingo, pelo menos, eu tava vendo alguém dessa minha rede de contatos.”

E: “Entendi e esses encontros que você tá citando, na sua opinião qual era a importância deles para a manutenção dessas relações?”

4: “Nossa, gigante! Total gigante, porque eu acredito que no olho no olho, no abraço, no toque que você acaba criando um vínculo de verdade com uma pessoa, porque é muito diferente de conversar com alguém por uma tela celular ou de computador. Então para mim era pessoalmente que a gente estabelecia uma relação de afinho e de afeto.”

E: “Entendi! E como você manifestava o interesse de manter essa relação com as pessoas?”

4: “Olha, eu sempre me mostrei muito presente nas minhas relações mais importantes, sempre ia atrás para ver no fim de semana, para dar um jeito de encontrar... Acho que era assim.”

E: “E como você percebia que a recíproca era verdadeira, que essas pessoas também tinham esse interesse?”

4: “Olha, para ser muito honesto, no período pré-pandemia eu nem parava muito para pensar nisso, eu não me importava muito com essa questão de reciprocidade, eu acho que, basicamente, se a pessoa fosse me encontrar já estava bom.”

E: “E focando um pouco nesses encontros físicos, então: jantar, festa, evento, chamar um amigo para ir na sua casa ou visitar um amigo, parente... qual era a frequência desse tipo de encontro para você?”

4: “Nossa, era corriqueira, semanal, eu gostava muito de encontrar com as pessoas e é uma coisa que me faz muita falta.”

E: “E para você qual era a importância desses encontros para as relações?”

4: “Eu acho que era onde elas se desenvolviam, era o que permitia elas acontecerem. As relações que já eram importantes se fortaleciam e as que ainda não existiam podiam virar realidade... Por exemplo, como eu comentei, estou solteiro há pouco tempo e estava conhecendo algumas pessoas por internet, por aplicativo, só que quando uma relação que ainda não existe não tem a chance de acontecer pessoalmente, simplesmente não vai para frente, é inviável se não puder encontrar!”

E: “Entendi, agora gente continua no momento pré-pandemia, mas eu quero que você imagine uma situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém da sua rede de relações. Como você faria esse presente chegar na pessoa?”

4: “Eu tentar ia encontrar com ela, basicamente.”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa nesse caso?”

4: “Engraçado que eu não sou muito de esperar a reação... Lógico que eu preferia que a pessoa gostasse, mas eu acho que eu já fico mais feliz em ter dado presente do que realmente se ela gostou ou não.”

E: “Mas e como você conseguia perceber essa reação em si?”

4: “Gestualmente, pelas feições da pessoa na hora.”

E: “E uma pergunta: para você o que é um presente?”

4: “Para mim é tudo aquilo que é dado com o coração!”

E: “Perfeito! Agora a gente vai mudar de momento, as próximas perguntas têm interesse na sua vida social durante o processo de distanciamento social, durante o momento que não poderia de forma alguma se encontrar fisicamente... Quais foram as principais formas de contato com aquelas relações importantes para você?”

4: “Olha, no caso dos meus grupos foram aquelas plataformas como Google Meets, Hangout, Zoom, que são formas que possibilitam o encontro de várias pessoas na mesma sala, como se fosse uma reunião mesmo, só que virtual... Eu acho que foi muito válido, todo mundo entrou na onda.”

E: “E você notou alguma forma de adaptação dessas relações por conta desse processo de distanciamento social?”

4: “Eu acho que fora questão de se adaptar para se comunicar, que virou praticamente tudo virtual, pode ser que as relações em si tenham se alterado, mas acho que ainda é muito cedo para dizer, eu acho que só depois de um tempo depois da pandemia que vai dar para parar e pensar, analisar as relações e ver como elas mudaram.”

E: “E pensando nesse contexto de pandemia, como você percebia que a pessoa tinha interesse em continuar aquela relação, continuar alimentando aquele vínculo?”

4: “Basicamente as pessoas que buscavam uma maneira de manter contato, encaixar a relação nesse novo contexto, na sua nova rotina e fazer acontecer... As pessoas tiveram que se programar mesmo e deu para ver quem fez isso quem nem ligou... E pior que eu sou péssimo para isso, sou tímido então para mim é mais complicado de sorrir, de demonstrar uma emoção assim pela tela, mas eu tentava demonstrar estando presente, comparecendo nas reuniões que eram agendadas... E por aí vai!”

E: “E qual você acha que foi a importância dessa manifestação de interesse em manter as relações?”

4: “Olha, eu acho que foi imprescindível, porque a sociedade está muito fragilizada mentalmente por conta desse contexto atual, então poder ver que suas relações continuavam ali, mesmo que de outra forma foi vital... Mesmo acontecendo uma catástrofe sanitária as relações ainda trazem um pouco de otimismo.”

E: “Bacana! Agora a gente vai voltar a pensar naqueles encontros que a gente comentou: festa, jantar, happy-hour... Na sua opinião, qual foi o impacto do impedimento desse tipo de encontro para as relações?”

4: “Nossa, foi muito difícil porque como eu disse, sou uma pessoa muito do tato, do toque, do pessoal... E quando você tem essa quebra, isso eu acho que é muito impactante, gera realmente essa necessidade de se reaproximar por outra forma, porque a melhor e que a gente já estava acostumado não é mais possível e dá um desespero, pode até acontecer de estragar uma relação, como foi meu caso com a minha chefe, então gerou o impacto da necessidade imediata de se adaptar... E eu acho assim: se as duas pessoas da relação tiverem interesse em manter e se esforçarem para isso, não tem muito que dar errado, tem modificação, mas não quebra, mas eu acho que esse distanciamento e impedimento do encontro dá mais chance de quebrar as relações que já não eram tão fortes.”

E: “Entendi... E nesse período você observou alguma coisa que substituiu o encontro físico?”

4: “Não, acho que nunca vai ter como, você estar de frente para pessoa, olhando a reação dela, é quando você vê a verdadeira pessoa, é diferente atrás de uma tela, você não consegue ter certeza do quanto a pessoa tá sendo honesta, sincera, se o sentimento bate com o que ela tá falando .”

E: “Entendi, a gente volta agora para aquela situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém da sua rede de relações, mas agora a gente tá na pandemia, como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

4: “Basicamente mandaria entregar para pessoa, mas com um recadinho falando alguma coisa legal e já pedindo para gente marcar uma reunião virtual, pra pelo menos eu poder saber a reação dela... E o mais engraçado para mim é que, como eu comentei antes, eu não ligo muito para a reação das pessoas e tudo mais, mas nesse contexto de pandemia eu comecei a ligar, nesse contexto de distanciamento eu passei a achar recursos para ver a reação da pessoa, porque passou a importar para mim saber se recebeu mesmo, se gostou, não gostou e o quanto foi importante para ela .”

E: “Interessante! E qual reação é essa que você esperaria?”

4: “Acho que surpresa e satisfação! Porque na pandemia ganhar um presente, receber uma surpresa tem uma outra proporção... É muito mais significativo do que num cenário normal, no qual você encontra as pessoas com regularidade.”

E: “E você acha que é possível perceber a reação dessa pessoa, mesmo que não presencialmente?”

4: “Eu acho que através de uma vídeo chamada ou algo do tipo dá para perceber sim, não vai ser a mesma coisa, como eu comentei, mas ligando por vídeo em um momento próximo, dá pra ter uma noção.”

E: “Entendi, bom a gente está se encaminhando para as duas últimas perguntas tá bom?”

4: “Tá bom, tá bom!”

E: “A gente sabe que a pandemia alterou muito as regras de etiqueta e atitudes que antes seriam consideradas polidas, como cumprimentar, chegar perto para conversar, chamar pessoa para entrar no mesmo elevador que você, segurar uma porta, hoje em dia já não são vistas como gestos educados e sim como um fator potencial de risco né... E pensando nisso queria saber se você vivenciou alguma situação na qual você foi menos educado ou menos acolhedor do que você seria fora de um contexto de distanciamento social.”

4: “Sim para mim uma questão que pega muito, é muito pouco educada e muito pouco acolhedora, é questão de não poder cumprimentar quando, por um acaso, encontrar um amigo ali na rua, no supermercado... Nossa, isso de não poder encostar em uma pessoa que antes você abraçaria, você beijaria é muito esquisito... Engraçado que por várias vezes eu senti a pessoa como mal educada, mas aí eu fui me tocando ‘poxa, é uma pandemia’ e é isso, é basicamente uma nova regra e a gente tem que aceitar, é uma forma de higiene, mas é estranho!”

E: “E pensando ainda nessas alterações, mudanças de etiqueta e de protocolo de higiene, eu queria saber se você viveu ou observou alguma situação na qual uma pessoa, ou mesmo você, teve que reagir de maneira diferente por causa da pandemia, mas que acabou culminando em alguém se sentindo chateado, ofendido ou discriminado.”

4: “Sim, total! Tem um vizinho meu que antes a gente tinha uma relação muito legal, era uma relação de vizinhos quase virando amigos e basicamente o que aconteceu foi: desde o começo da pandemia, por conta da minha mãe, eu comecei ser muito rigoroso e passar o gel quase no corpo inteiro, usar máscara e protetor de rosto, luva na mão... Enfim, ser muito cauteloso mesmo e lá no condomínio o elevador é muito grande e eles colocaram uma regra de duas pessoas por elevador.. E no caso de um elevador gigante, duas pessoas que estejam seguindo os protocolos, não se ofereciam risco, realmente não teria problema... E por três vezes ele me impediu de entrar no elevador e eu já estava super atrasado e sabia que ele estava errado porque eu tava seguindo todos os protocolos, não teria risco ali e isso me incomodou bastante. Na terceira vez eu fui grosso com ele, eu acho que inclusive que a gente tinha uma relação se desenvolvendo e acabou porque eu tive que ser grosso e falei: ‘foi mal, me desculpa, mas tô cumprindo a regra eu, tô seguindo todos os protocolos, eu praticamente toma um banho de álcool gel, o elevador é grande, eu não vou encostar em você, tô com máscara e eu vou entrar e paciência, se você quiser você sai pronto!’ E ele ficou realmente bastante ofendido, mas eu já tava me sentindo discriminado, não deu para aguentar!”

E: “E para você o impacto desse tipo de vivência para relação então é qual?”

4: “Assim, nesse caso por exemplo, eu acho que destruiu a relação tá ok que não era uma relação ainda muito estabelecida, mas eu acho que a gente ficaria bem amigo ainda e hoje em dia não quero nem mais olhar na cara dele, mas mesmo com relações mais fortes eu acho que de repente não acaba relação, mas eu soube de casos até de parentes que se estranharam por questões de um não poder ir na casa do outro, por questão de ter que pedir para outro ir embora da casa, enfim esse tipo de situação é sempre delicada.”

E: “Sim, sim. com certeza! Bom, era isso, eu queria te agradecer muito pelo seu tempo, pela sua disponibilidade essa entrevista é muito importante para o desenvolvimento da minha dissertação, obrigada mesmo! E se você lembrar de qualquer coisa que você ache válido acrescentar ou que você queira me contar, eu tô sempre à disposição, tá bom?”

4: “Foi super legal, obrigada!”

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 5

Entrevista 5: Realizada com Rodrigo, 22 anos em São Paulo, no dia 31/01/2021. Tempo de Duração: 23'18".

Entrevistado 5: “5”

Entrevistador: “E”

E: “Bom, eu queria começar pedindo para você se apresentar e contar um pouquinho sobre a sua vida.”

5: “Tenho 22 anos, estudo engenharia mecânica no Instituto Mauá de Tecnologia e agora eu estou estagiando em controle de qualidade e moro com meus pais.”

E: “Entendi, bacana... E você podia me contar um pouco sobre o significado da pandemia e do distanciamento social pra você?”

5: “Foi um momento muito delicado, as relações sociais de maneira geral se alteraram muito principalmente com as pessoas que não moram com você, além disso, para mim foi um momento que eu parei de ter aula presencial e comecei um trabalho no qual eu não conheço ninguém nada está acontecendo, tudo transitou para o virtual aparentemente.”

E: “Eu queria saber se você tem relações importantes para sua vida, relações que você gosta de ter, mas que não moram com você.”

5: “Tenho, com certeza!”

E: “Me conta um pouco sobre a importância dessas relações para você!”

5: “Bom primeiro eu destacaria relações de amizade, seja com pessoal da faculdade, do condomínio ou de infância, são pessoas com quem eu converso muito e são importantes por diversos motivos, para você se distrair, se divertir, poder contar no momento que você precisa de ajuda, são relações que auxiliam mesmo no dia-a-dia.”

E: “Legal, então, meu objetivo é focar nessas relações para as próximas perguntas. Nesse primeiro momento a gente vai pensar no período pré-pandemia, antes do distanciamento social... Eu queria saber quais eram as principais formas de contato que você tinha com essas relações que a gente comentou agora há pouco.”

5: “Na faculdade os contatos eram presenciais, o que faz diferença não só para vida social, como para a vida acadêmica mesmo, questão da troca de informação e de fazer os laboratórios juntos... Isso mudou muito. Com os amigos do condomínio eu sempre descia para jogar bola, jogar baralho, era um contato mais ao vivo mesmo, mas eu também gosto muito de jogar jogos online então eu também tenho uma parcela de amigos que a minha comunicação já era mais pelo computador mesmo e era uma grande parte da minha convivência na verdade.”

E: “Perfeito! E como você manifestava o interesse de manter essa relação com as pessoas?”

5: “Eu sempre estava presente quando a pessoa precisava, ou mesmo só para passar um tempo junto, sempre tentei ajudar meus amigos, seja na época de escola, ou com as matérias da faculdade, sempre buscava um jeito assim de ajudar e me fazer presente.”

E: “E como você percebia que a recíproca era verdadeira, que essas pessoas também tinham esse interesse?”

5: “Eu acho que um jeito bom de avaliar isso é quando você precisa de uma ajuda, de uma força e vê quem tá perto... Pra mim as pessoas que estão perto na hora que você precisa de apoio são aquelas que você sabe que se importam com o vínculo.”

E: “Agora vamos focar nesses encontros físicos, então: jantar, festa, evento, chamar um amigo para ir na sua casa ou visitar um amigo, parente... qual era a frequência desse tipo de encontro para você?”

5: “Ah, diário praticamente.”

E: “E para você qual era a importância desses encontros para as relações?”

5: “Eu acho importante o encontro real principalmente para você não se sentir sozinho... Lógico que dá para ter contato com uma pessoa de outras formas, mas ver a pessoa ao vivo da aquela sensação de realidade, pelo menos de vez em quando sabe, para você não se sentir sozinho. Eu acho que o próprio contato, mesmo que não tão frequente faz com que você tenha uma resposta direta da pessoa, é pessoalmente que você conhece o ser humano.”

E: “Entendi, agora eu quero que você imagine uma situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém da sua rede de relações. Isso ainda em um momento pré-pandemia. Como você faria esse presente chegar na pessoa?”

5: “Provavelmente eu entregaria pessoalmente a menos que eu fosse impedido, não pudesse no evento, enfim.”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa nesse caso?”

5: “Bom, quando eu vou dar um presente eu tento pensar no tipo de valor, porque tem objetivos sentimentais e objetivos mais práticos, então eu espero que a pessoa se sinta satisfeita de ter ganhado aquilo.”

E: “E como você conseguia perceber essa reação?”

5: “Eu acho que dá para perceber pelo esboço da pessoa, pelo rosto dela, né?”

E: “E uma pergunta: para você o que é um presente?”

5: “Eu gosto de pensar que existem dois tipos de presentes, tem um presente com valor sentimental, então uma atribuição sentimental que você atrela a um objeto, ou um valor útil, que você sabe que a pessoa tá precisando e que ela vai utilizar no dia-a-dia, então para mim presente é algo que vai ser positivo para pessoa seja no emocional ou na questão mais prática.”

E: “Entendi! Agora a gente vai mudar de momento, as próximas perguntas têm interesse na sua vida social durante o processo de distanciamento social, durante o momento que não era

possível o encontro físico... Quais foram as principais formas de contato com aquelas relações importantes para você?”

5: “Olha para ser bem honesto desde o começo da pandemia eu e meus amigos reforçamos os contatos online, então a gente passou a jogar mais e falar mais pelas formas de comunicação para o jogo. Com aqueles que eu tinha contado só pessoalmente, começamos a fazer reunião no Google Meet... Esse tipo de coisa e quase diariamente viu... A gente foi se adaptando e surgiram alguns jogos também que bombaram na pandemia como among us... São coisas que fazem a gente descontrair um pouco, você pode jogar junto e mesmo não estando. E têm várias plataformas, tem várias possibilidades para fazer trabalho de faculdade junto, enfim eu acho que foram se aprimorando as questões virtuais.”

E: “E você notou alguma forma de adaptação dessas relações por conta desse processo de distanciamento social?”

5: “Olha, no meu caso e dos meus amigos essas redes que a gente está utilizando na pandemia já eram muito frequentes para gente, já eram comuns, eu acho que as outras relações, que não usavam isso, passaram a usar e teve um aumento da frequência sabe? Mas não foi algo totalmente novo, era algo que já acontecia e aumentou a frequência então não foi uma adaptação tão grande para mim quanto eu sei que foi para outras pessoas.”

E: “E como você percebia que a pessoa tinha interesse em continuar aquela relação, continuar alimentando aquele vínculo na pandemia?”

5: “Eu acho que da mesma forma que era mostrar que tava afim de ter contato, de ter uma relação antes...O que mudou foi meio da relação, mas a forma de demonstrar interesse, é aquilo: se fazer presente e pedir pela presença da pessoa.”

E: “E pra você qual foi a importância dessa manifestação de interesse em manter as relações?”

5: “Acho que essa manifestação foi ainda mas importante na pandemia, porque a impossibilidade absoluta de ver a pessoa dá muita saudade, então eu acho que no isolamento,

entender que as pessoas queriam continuar a relação foi ainda mais importante do que em uma situação normal.”

E: “Legal! Agora a gente vai voltar a pensar naqueles encontros que a gente comentou: festa, jantar, happy-hour... Na sua opinião, qual foi o impacto do impedimento desse tipo de encontro para as relações?”

5: “Como eu falei, não teve um impacto tão grande de mudança nas relações... Mas o que eu acho é que esse grande período que a gente tá sem se ver, vai influenciar muito nas relações no momento que a gente voltar a se ver... Porque a gente está se acostumando mais com as redes sociais, ficando mais em contato com o computador, com o celular e eu acho que a nossa vida depois da pandemia vai ser diferente sim. Eu acho que as pessoas vão estar mais isoladas mentalmente, mais ligadas a celular do que já eram, eu acho que vai ter ainda mais gente no restaurante, uma de frente para a outra, falando pelo celular e sem falar com a pessoa que tá de verdade na sua frente. Eu acho que vai ter um impacto nesse sentido e eu acho muito negativo, porque eu acho que cada vez mais as pessoas vão deixar de viver e deixar de se relacionar com quem está ali na frente delas, para se relacionar com quem elas não estão. Eu tenho amigos e amigas que começaram a procurar psicólogo, procurar ajuda emocional porque já não estão se conhecendo fora do ambiente virtual, eu tenho duas amigas, por exemplo, que de tanto conversar usando filtro, postar foto usando filtro... Se olham no espelho e realmente não se reconhecem, falaram que quando for a hora de voltar a ver as pessoas, não vão estar preparados para mostrar quem são, sem filtro... Eu acho que isso é algo muito absurdo, algo muito sério e foi catalisado pela pandemia. Ficar mais de ano sem encontrar e ter o feedback presencial, natural dos seus amigos, familiares, colegas, não é algo normal pro ser humano.”

E: “Que interessante, nossa, entendi... E nesse período você observou alguma coisa que substituiu o encontro físico?”

5: “Não, eu acho que nada nunca vai substituir encontro físico, porque ele serve para muitas coisas, isso nunca vai ter como deixar de existir, a interpretação das emoções do momento presencial é algo único e não tem outra forma de acontecer... Você pode até ter o áudio visual, mas não é a mesma resposta, não é a mesma relação não tem como, não é não orgânico.”

E: “Perfeito, a gente volta agora para aquela situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém da sua rede de relações, só que agora a gente tá na pandemia, como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

5: “Então na verdade eu fiz isso por duas vezes e eu usei um aplicativo de entrega, para não expor a pessoa e nem me expor.”

E: “Bacana! E qual reação você esperou nesses casos?”

5: “Esperei a mesma reação que pessoalmente: animação, felicidade, empolgação, só que com um extra que ela me mande uma mensagem ou ligue pelo menos, para agradecer, para explicar para contar dessa reação... Eu acho que isso que muda no caso do isolamento.”

E: “E você acha que é possível perceber a reação dessa pessoa, mesmo que não presencialmente?”

5: “Olha eu acho que é bem mais difícil, porque a pessoa primeiro recebe e depois ela vai te mandar uma mensagem ou te ligar, fazer um vídeo, eu acho que não tem muito como ter noção de como foi na hora, porque você não tá ali, não é como quando você entrega o presente e já vê cara da pessoa, é uma reação que é postergada. Você pode até pedir pra pessoa gravar, mas aí já não é surpresa e a pessoa pode até atuar sabendo que você vai ver, não é como na surpresa inesperada.”

E: “Legal, bom a gente já está se encaminhando para as duas últimas perguntas tá bom?”

5: “Tá ok!”

E: “A gente sabe que a pandemia alterou muito as regras de etiqueta e atitudes que antes seriam consideradas polidas, como cumprimentar, chegar perto para conversar, chamar pessoa para entrar no mesmo elevador que você, segurar uma porta, hoje em dia já não são vistas como gestos educados e sim como um fator potencial de risco né... E pensando nisso queria saber se você vivenciou alguma situação na qual você foi menos educado ou menos acolhedor do que você seria fora de um contexto de distanciamento social.”

5: “Olha, no meu caso realmente cumpri muito o isolamento, eu acho que sai três vezes em quase um ano, então não encontrei outras pessoas, mas teve a questão de amigos meus que voltaram a jogar bola agora por último e eu me recusei e não achei legal deles, acho que a gente tem que priorizar a saúde de todo mundo em detrimento da diversão e as vezes que eu expressei isso, talvez um pouco menos educado, tiveram repercussões chatas, fui zoadado, chamado de bobo, mas não foi nada muito impactante pras essas relações.”

E: “E pensando ainda nessas alterações, mudanças de etiqueta e de protocolo de higiene, eu queria saber se você viveu ou observou alguma situação na qual uma pessoa, ou mesmo você, teve que reagir de maneira diferente por causa da pandemia, mas que acabou culminando em alguém se sentindo chateado, ofendido ou discriminado.”

5: “Uma situação mais extrema que eu vivi, foi que um amigo perdeu o pai dele, ele morreu de Corona e não só eu não pude ir no velório e tudo mais, como não pude estar sequer perto dele nesse momento de tanta fragilidade, nesse momento tão ruim emocionalmente falando e ele tava mal, então ele não entrava em aplicativo e não respondia mensagem, seria um momento no qual eu iria lá na casa dele bater e dar um abraço e falar: ‘vou ficar aqui com você, nem que seja para ficar quieto’ só a presença sei que faria diferença e aí que tá o problema, nesse momento a única coisa que eu poderia oferecer para ele seria minha presença e nem isso eu consegui, não consegui contato com ele e não pude ir na casa dele para não expor ele e não me expor.”

E: “E para você qual o impacto desse tipo de situação para a relação?”

5: “No nosso caso não teve um impacto para a relação de amizade, porque tanto eu entendo a posição dele, como ele entende a minha, mas em caso de relações mais frágeis, eu acho que deve ter vários exemplos de pessoas que se afastaram e de situações que prejudicaram relações de forma permanente por conta dessas necessidade de afastamento do distanciamento.”

E: “Entendi... Bom, era isso, eu queria te agradecer muito pelo seu tempo, pela sua disponibilidade essa entrevista é muito importante para o desenvolvimento da minha dissertação, obrigada mesmo! E se você lembrar de qualquer coisa que você ache válido acrescentar ou que você queira me contar, eu estou à disposição.”

APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 6

Entrevista 6: Realizada com Gabriela, 24 anos em Paulo, no dia 11/02/2021. Tempo de Duração: 21'56".

Entrevistado 6: "6"

Entrevistador: "E"

E: "Primeiro eu queria agradecer muito pelo seu tempo e pela sua disponibilidade e pedir para você se apresentar... Contar um pouco sobre você."

6: "Meu nome é '6', tenho 24 anos e hoje eu moro em São Paulo, mas sou natural de Varginha, Minas Gerais. Eu me formei lá e trabalho em São Paulo como advogada... Eu me considero uma pessoa mais extrovertida e carinhosa... Uma pessoa bastante família e ligada aos amigos... É isso!"

E: "E qual foi o significado da pandemia pra você, me conta?"

6: "A pandemia tem sido bem complicada principalmente na minha relação com a minha família e com meu pai porque ele mora em outro estado e é do grupo de risco, então basicamente não vi mais meu pai desde o começo da pandemia ví pouquíssimas vezes. Fora isso eu tô trabalhando pela primeira vez em home-office, então tá sendo um desafio também, fora a questão de não poder ver meus amigos, está sendo uma fase de adaptação completa, eu mudei para São Paulo e começou a pandemia em seguida."

E: "Você mora sozinha?"

6: "Não, moro com meu namorado."

E: "E com exceção do seu namorado, que mora com você, você tem relações importantes para sua vida?"

6: "Sim, tenho os meus amigos e meus familiares, são as pessoas que estão do meu lado quando eu preciso, quando eu tô passando por um momento difícil e também são essas

peessoas que eu quero estar do lado quando precisam de mim. São pessoas que também quero por perto nos momentos bons e importantes, são relações essenciais para minha sanidade e para minha vida emocional de maneira geral .”

E: “Bacana... Agora eu vou fazer algumas perguntas para você, mas essa primeira parte da entrevista eu quero que você foque na sua vida social no período pré-pandemia, quando ainda não tinha necessidade do distanciamento social... A primeira coisa que eu queria é quais eram as principais formas de contato que você tinha com essas relações que a gente conversou, que são importantes para você, mas que não moram junto com você?”

6: “A principal forma de contato era marcando eventos, marcando de sair, marcando de ir um na casa do outro e com meu pai, eu visitava ele a cada 15 dias pelo menos.”

E: “E como você mostrava para essas pessoas que você queria manter essa relação, que você queria continuar mantendo esses vínculos?”

6: “Eu acredito que eu sempre demonstrei isso marcando esses encontros, chamando para fazer alguma coisa, demonstrando que eu faço questão mesmo de ter elas por perto nesses momentos de distração e também demonstrando carinho e afeto.”

E: “E como você percebia que a recíproca era verdadeira?”

6: “Acredito que da mesma forma... Mostrar que gostariam de ficar perto de mim, de me ver, quando me chamam para participar dos momentos delas mesmo.”

E: “A gente agora vai pensar nos encontros físicos: festa, jantar, evento, happy-hour, em qualquer momento que as pessoas se encontravam fisicamente, qual que era a frequência desse tipo de encontro para você?”

6: “Era uma frequência de pelo menos duas vezes por semana.”

E: “E como você enxerga a importância desse tipo de encontro para as relações?”

6: “Para mim era extremamente importante, porque acredito que nesses encontros presenciais a gente consegue conversar, prestar atenção de verdade, se conectar de verdade com a pessoa, sentir ela sabe? Então eu acredito que naqueles momentos realmente as relações se conectavam e as pessoas sentiam que de fato estavam juntas.”

E: “Nós agora vamos imaginar uma situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém dessa sua rede de relações, ainda no período anterior a pandemia, tá bom? Como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

6: “Se fosse para alguém da mesma cidade eu mesma levaria e no caso de outra cidade, mandaria entregar.”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa?”

6: “Bom... Eu esperaria que ela ficasse feliz, não pelo presente, mas pela minha atitude de presenteá-la, sabe? Não pela questão material, mas pela atitude de surpreender a pessoa e tentar deixar ela feliz!”

E: “E me fala uma coisa, como você perceberia essa reação?”

6: “Eu acho que através de sorrisos, de expressões, observando as feições da pessoa.”

E: “E pra você, qual a importância da reação da pessoa, em relação ao ato de dar o presente?”

6: “Para mim é bem importante pela entrega, por perceber que ela entendeu o que eu tô fazendo por ela, que eu tive vontade de dar algo para ela e não que eu precisasse, mas que eu quis, então é legal ver que ela gosta daquilo que vem de mim... Da minha entrega à ela.”

E: “E me conta: o que é um presente pra você?”

6: “Para mim muita coisa é presente, palavras bonitas podem ser presentes bens materiais podem ser presentes, atitudes positivas podem ser presentes, mas eu acho que resumindo, presente é aquilo de positivo que uma pessoa entrega pra outra.”

E: “A gente vai agora para um outro momento da entrevista e nesse momento, vamos focar na sua vida social e nessas suas relações que estamos conversando, mas agora durante o processo de distanciamento social da pandemia, ok? Quais foram as principais formas de contato que você teve com essas relações importantes durante o distanciamento social?”

6: “Foi através de celular, computador, rede social... Foi por meio eletrônico.”

E: “E você notou alguma forma de adaptação nessas relações?”

6: “Eu acho que as pessoas tiveram que se adaptar de diversas maneiras para manter as relações... Eu acho que desde se adaptar a usar mais tecnologia para ter contato e até uma adaptação emocional: ter mais paciência, ter mais empatia... Eu acho que todo mundo que tinha diversas relações teve que se preparar, entender o momento e se adaptar mesmo a esse período de distanciamento para poder dar continuidade às suas relações... Então acho que é uma adaptação que cada indivíduo teve que ter em vários aspectos, de maneira conseguir perpetuar os vínculos que tinha. Um exemplo que eu tenho é meu pai, ele teve que aprender a mexer em redes sociais e entender como conversar por vídeo para gente continuar tendo uma relação mais próxima... A gente tem que descobrir como sentir a energia do outro por um novo meio.”

E: “Na sua visão, qual a importância dessa adaptação?”

6: “Essa adaptação é extremamente importante, porque se a gente não se adapta, a gente distancia dessas pessoas e como para mim o contato com essas pessoas é vital, mesmo que seja reduzido, mesmo que tenha interferência do meio eletrônico e do distanciamento, é algo que precisa continuar... Então essa adaptação é tão importante a ponto de permitir que as relações continuem... A pandemia trouxe muita coisa negativa emocionalmente falando, muito medo e essas relações que deram forças, que animaram, que levantaram... Então foi uma adaptação muito importante.”

E: “E pensando nesse momento de distanciamento, como você manifestou interesse de manter a relação com as pessoas já que não podia mais encontrar fisicamente?”

6: “Eu acho que na pandemia a principal forma de demonstrar que a gente queria manter o vínculo era estando presente da maneira possível, as vezes era uma mensagem, as vezes era um tchauzinho na janela de quem mora perto, mas eu acho que tanto de demonstrar interesse, quanto de perceber interesse em continuar relação, a pandemia precisa de doação mesmo... Simplesmente demonstrar que está ali mesmo que não fisicamente... Então mudou a forma de se fazer isso, mas não dou importância!”

E: “Voltando agora a focar naqueles encontros físicos que conversamos, qual foi o impacto do impedimento desses encontros para as relações?”

6: “Então, eu acredito que, apesar da gente ter contato com as pessoas por meio das redes sociais, para mim não é a mesma coisa, então teve um impacto sim... Abala emocionalmente, afeta. Eu não acho que destrói a relação, mas traz algum prejuízo porque a gente não tem a sensação de estar com alguém, de tocar, de falar de olho no olho, é tudo muito diferente... A gente não consegue ver a reação das pessoas pessoalmente, então para mim tem um impacto sim, não é a mesma coisa. A relação continua, mas diferente e um pouco pra pior.”

E: “Você notou algo que substituiu o encontro físico?”

6: “Sinceramente... Não! Acho que ameniza a falta do contato físico, a possibilidade de ver por vídeo, de ouvir a voz mas não substitui... Porque, para mim o contato físico permite a gente sentir a energia da pessoa e é tudo mais verdadeiro, tudo mais real... Eu acho que só estar fisicamente junto tem esse benefício.”

E: “Pensando novamente naquela situação hipotética, na qual você gostaria de presentear para alguém da sua rede de relações, mas que agora a gente tá na pandemia... Como você faria para esse presente chegar até a pessoa?”

6: “Através de terceiros, pela própria empresa que eu comprei o presente, ou pelo correio.”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa ao receber o presente neste caso?”

6: “Eu acredito que a reação que eu espero não mudaria, esperaria que ela ficasse feliz, emocionada com algo que vem de mim!”

E: “Mas você acredita que é possível perceber a reação da pessoa, mesmo não estando junto?”

6: “Não da mesma forma, eu acho que a gente consegue perceber a reação da pessoa momentos depois, por exemplo, a pessoa recebe e te manda uma mensagem, ou alguém tá perto grava um vídeo, mas você não tá lá na hora e não estar na hora muda tudo, então você percebe, mas não com tanta veracidade.”

E: “Outra pergunta: essa reação ficou mais importante pra você durante a pandemia?”

6: “Não, não muda... Só quero que a pessoa se sinta bem e feliz mesmo!”

E: “Bom... Como sabemos, a pandemia alterou várias regras de boa convivência, então o que antes era educado, considerado polido... Hoje em dia pode ser considerado até um fator de risco para as pessoas, muitos hábitos mudaram e eu queria saber se, devido a esse contexto de novas regras de etiqueta, você viveu alguma situação na qual você precisou ser menos educada ou até menos acolhedora do que você seria no período pré-pandemia.”

6: “Certo, sim eu me senti assim, eu fico inclusive sem graça de encontrar alguém e não poder dar um beijo, não poder abraçar, eu fico muito sem saber o que fazer e esse toque de cotovelo que inventaram eu acho horrível, eu me sinto indelicada, pouco acolhedora... É bem esquisito!”

E: “E pensando nesse tipo de situação que aconteceu durante a pandemia, da gente não poder agir da maneira como a gente agiria antes, você viveu algum caso ou sabe de algum caso que alguém sentiu chateado, ofendido, ou até mesmo discriminado por uma vivência desse tipo?”

6: “Eu não cheguei a vivenciar, já chegou a ser um pouco constrangedor, como essa situação de não cumprimentar, mas eu particularmente não vivenciei... Ouvi muitas histórias de outros e todas muito cheias de subjetividade e até rancor então não vou nem contar, porque não sei se bate muito com a realidade, as pessoas estão carregadas de muita emoção e tudo mais... Mas eu não vivenciei não.”

E: “Mesmo não tendo vivenciado, você acredita que esse tipo de situação gera algum impacto pra relação das pessoas envolvidas?”

6: “Assim, eu acho que uma situação nova na qual um acaba ofendendo o outro, mesmo que sem querer, acaba afastando, não quer dizer que relação vai se desfazer mas eu acho que traz um desafio sabe... Até porque, pelo o que eu sei, esses constrangimentos foram muito relacionados a não poder se encontrar, não poder receber, ao medo de se contaminar... Então eu acho que de uma forma ou de outra traz ali uma problemática para relação, sim, dá para ser superada com entendimento e com paciência, mas que traz, traz!”

E: Bom, era isso, eu queria novamente agradecer e reforçar a importância da sua participação pro meu trabalho, obrigada!”

6: “Eu que agradeço, obrigada!”

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 7

Entrevista 7: Realizada com Giulia, 26 anos, em São Paulo, no dia 12/02/2021. Tempo de Duração: 24'50".

Entrevistado 7: “7”

Entrevistador: “E”

E: “Eu queria agradecer pelo seu tempo e sua disponibilidade e pedir para você se apresentar... Contar um pouquinho sobre você.”

7: “Eu tenho 26 anos, sou estudante de fisioterapia e estou no último ano, sou estagiária, moro uma parte da semana na casa da minha mãe e uma parte de semana na casa do meu pai... Eles são separados. Eu sou bastante ligada à área da saúde, tanto na minha vida acadêmica, quanto na minha vida pessoal, sou muito ligada aos esportes... Acho que é isso!”

E: “E me fala uma coisa, qual foi o significado da pandemia pra você?”

7: “Eu acho que definiria em algumas palavras que vêm à minha mente: isolamento social, impossibilidade do contato físico, aumento da demanda de trabalho e necessidade de viver consigo mesmo.”

E: “E me conta uma coisa, com exceção das pessoas que você mora, você tem relações importantes para sua vida?”

7: “Sim tem minhas relações de amizade e de família que não moram comigo, são relações boas, saudáveis com pessoas tranquilas que eu conto e que ajudam a trazer tranquilidade para minha vida e são relações que eu posso dividir em vários âmbitos, tem os amigos da faculdade, tem os amigos da academia, tem os amigos da vida mesmo e tem a minha família. São relações que permitem que a vida tenha mais leveza, apesar de lidar com ser humano nem sempre ser leve, mas as relações dão motivo, dão suporte... Eu acho que gente está no planeta vivendo coisas mais ou menos semelhantes, por mais que de formas diferentes e é interessante compartilhar as experiências, compartilhar o que estamos vivendo com outras pessoas que também estão vendo coisas parecidas.”

E: “Perfeito... Eu vou fazer algumas perguntas para você, mas essa primeira parte da entrevista eu quero que você foque na sua vida social no período pré-pandemia, quando ainda não tinha necessidade do distanciamento social... A primeira coisa que eu queria é quais eram as principais formas de contato que você tinha com essas relações que a gente conversou, que são importantes para você, mas que não moram junto com você?”

7: “Era um contato pessoal, era um encontro do dia-a-dia.”

E: “E como você mostrava para as pessoas que você queria manter essa relação, que você queria continuar nutrindo esse vínculo?”

7: “Eu sempre fui uma pessoa muito afetuosa, então eu sempre tentei demonstrar carinho, seja um abraço, um beijo, um presente ou estar perto simplesmente e eu acho que é um bom jeito de mostrar esse interesse.”

E: “E como você percebia que a recíproca era verdadeira?”

7: “Eu acho que da mesma forma, quando a pessoa procura a gente para viver momentos, para demonstrar afeto, para se fazer presente, você acaba percebendo que ela quer manter a relação e quando eu não tem essa procura você também tira conclusões.”

E: “Nós agora vamos pensar nos encontros físicos: festa, jantar, evento, happy-hour, em qualquer momento que as pessoas se encontravam fisicamente, qual que era a frequência desse tipo de encontro para você?”

7: “Era diário com pessoas da faculdade e academia e com as outras relações que não compartilhassem uma rotina em conjunto, pelo menos semanal duas vezes por semana.”

E: “E na sua opinião, qual a importância desses encontros para as suas relações?”

7: “Para mim no momento do encontro é momento que a gente podia sair um pouco da rotina, do momento de obrigação para um momento de relaxar, esquecer os problemas, porque

estando com quem a gente gosta fica tudo mais fácil, eu acho que é o momento que as relações se alimentam e crescem.”

E: “Agora eu quero que a gente imagine uma situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém dessa sua rede de relações, ainda no período anterior a pandemia, ok? Como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

7: “Levaria esse presente até a pessoa.”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa?”

7: “Eu acho que um sorriso, uma expressão de felicidade... Nem esperaria que ela dissesse nada, acho que só o sorriso já tava bom!”

E: “E como você perceberia essa reação?”

7: “Eu acho que pela expressão corporal que a pessoa se entrega nesse momento.”

E: “Entendi... E qual a importância da reação dessa pessoa para você em relação ao ato de dar o presente?”

7: “Para mim é a sensação de saber que a pessoa se sentiu confortável e feliz com aquilo que eu fiz para ela, então traz uma satisfação, eu vejo que acertei.”

E: “E o que é um presente pra você?”

7: “Nossa, que pergunta difícil, mas acredito que seja a demonstração de cuidado, é algo que você dá sem obrigação, dá porque você quer dar, é aquilo que você tem vontade de entregar.”

E: “Agora a gente vai se encaminhar para um outro momento da entrevista e vamos focar na sua vida social e nas suas relações durante o processo de distanciamento social da pandemia... Quais foram as principais formas de contato que você teve com essas relações importantes durante o distanciamento?”

7: “Foi pelas redes sociais WhatsApp, Instagram, vídeo chamada e as plataformas de aula online.”

E: “E você notou alguma forma de adaptação nessas relações?”

7: “Eu acho que as vídeo chamadas foram uma grande adaptação nesse momento, virou algo frequente, uma ferramenta para você estar ali com a pessoa, mesmo sem estar pessoalmente, você tá vendo ela, conversando em tempo real e isso é um pouco mais verossímil do que apenas ler uma mensagem.”

E: “E pensando nesse momento de pandemia, como você manifestou interesse de manter a relação com as pessoas já que não podia mais encontrar?”

7: “Eu acho que na pandemia as formas de contato mudaram, ficou natural demorar mais para se ter uma resposta, para ter algum momento com a pessoa né... E aí eu acho que cabe a cada um entender, até porque cada um reage de uma forma mentalmente , então acho que demandou um pouco mais de paciência na hora de entender as intenções de manutenção de relações... Tanto para expressar, quanto para perceber a intenção do outro em manter o vínculo.”

E: “Voltando agora a pensar naqueles encontros físicos, qual você acha que foi o impacto do impedimento desse encontro para as relações?”

7: “Eu achei um impacto psicológico porque o ser humano é social, a gente vive em sociedade e foi algo que ninguém nunca vivenciou, que ninguém tava esperando vivenciar, tem gente que fica bem nesses momento de solidão, mas eu acho que a maioria das pessoas se assustou e sentiu alguma agonia, porque o nosso normal é interagir, encontrar. Pras relações, eu acho que elas tomaram um susto e depois foram se acostumando, elas mudam, mas se mantêm .”

E: “E você notou algo que substituiu o encontro físico?”

7: “Não, nada substitui o encontro pessoal, até por questão de sentir todas as variáveis que estão ali no momento, eu acho que é uma experiência holística mesmo você estar junto com outro. E por mais que tenha vídeo chamada, a experiência é muito reduzida, é um quebra

galho... Mas não é igual não substitui...Você vê um pedaço da situação, mas você não vivencia ela, não tem a troca de energia, é uma parcela do que seria um encontro mesmo.”

E: “Voltando agora para aquela situação hipotética na qual você quer dar o presente para alguém, só que agora a gente tá na pandemia. Como você faria para esse presente chegar até a pessoa?”

7: “Eu pediria para empresa que eu comprei entregar e surgiram várias empresas que intensificaram esse tipo de serviço!”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa ao receber o presente?”

7: “Esperaria que a pessoa comunicasse que recebeu, no mínimo!”

E: “E você acha que dá pra perceber a reação da pessoa mesmo não estando perto?”

7: “A reação verdadeira não, a pessoa pode até falar que gostou por educação e não ter gostado ou vice-versa, eu acho que a reação de verdade a gente só tem quando a gente está junto, no momento, porque o que a gente vai saber é o que a pessoa relatou, mas se ela relatou de fato o que sentiu, aí já é outra história.”

E: “E essa reação ficou mais importante pra você durante o distanciamento?”

7: “Eu acho que a importância da reação da pessoa mudou para mim na pandemia sim, eu acho que ficou mais importante porque pela impossibilidade do contato físico as relações estão um pouco menos afetuosas, então a resposta da pessoa a em relação a um ato de afeto, como dar um presente, começou a ter mais importância, virou uma forma de troca de carinho.”

E: “Então, como a gente sabe, o momento da pandemia alterou várias regras de boa convivência, então o que antes era educado, considerado polido... Hoje em dia pode ser considerado um fator de risco para as pessoas, os hábitos mudaram muito e eu queria saber se, devido a esse contexto houve alguma situação na qual você precisou ser menos educado ou até menos acolhedor do que você seria no período pré-pandemia.”

7: “Eu acho que a simples questão de não poder cumprimentar uma pessoa conhecida ou abraçar e beijar uma pessoa querida é um exemplo claro da gente sendo menos acolhedor durante a pandemia... É algo que a gente não faria antes, porque a primeira coisa a se fazer quando encontra alguém que você gosta é abraçar, mas hoje em dia você sai correndo praticamente. Para mim foram mais essas questões de não tocar, não cumprimentar... Surgiram essas novas formas de cumprimentar com cotovelo e tudo mais, mas eu acho que tornam a situação ainda mais constrangedora.”

E: “E considerando essas situações que aconteceram com você e com várias outras pessoas durante a pandemia, da gente não poder agir da maneira como a gente agiria antes, você viveu algum caso ou sabe de algum caso que alguém sentiu chateado, ofendido, ou até discriminado por uma situação como essa?”

7: “Sim, eu fui bastante discriminada e meus pais também, somos da área da saúde e eles da linha de frente, são médicos e toda a minha família foi bastante discriminada... É irônico porque ao mesmo tempo que a população tava muito grata por essas pessoas que estavam lutando pela vida dos outros, elas não queriam que a gente chegasse perto... É lógico que a gente tinha também essa preocupação por ser da área da saúde, até por ter mais conhecimento, mas machuca muito você ser excluído, alguém falar ‘se você for, eu não vou’ simplesmente porque sua família tá se dedicando nem salvar os outros né... Foi um preconceito, as pessoas não queriam que eu estivesse perto, que eu estivesse no mesmo ambiente, porque supostamente ofereceria mais risco e eu entendo isso, mas ainda assim machuca não é algo tão simples de ser digerido.”

E: “Nossa, muito complicado mesmo... E na sua opinião, qual o impacto de uma situação como essa na sua relação com essas pessoas?”

7: “Eu acho que esse tipo de atitude mostra muita coisa, desde demonstrar que a pessoa está com medo, o que é compreensível, só que também mostra que a pessoa não se importa com você, é horrível você ser julgado e isso traz um impacto negativo para relação, afasta, não tem como, cria um atrito, um problema na relação... Ser discriminado não é algo que você esquece rápido então é triste porque dá para entender o medo das pessoas, só que parece que elas esquecem que tem outro ser humano do outro lado!”

E: Eu queria agradecer mais uma vez pelo seu tempo e reforçar que sua participação é muito importante para a minha dissertação, obrigada mesmo!"

7: "Obrigada, eu adorei participar!"

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 8

Entrevista 8: Realizada com Danilo, 25 anos, em São Paulo, no dia 14/02/2021. Tempo de Duração: 21'13".

Entrevistado 8: “8”

Entrevistador: “E”

E: “Eu queria agradecer pelo seu tempo e sua disponibilidade e começar pedindo para você se apresentar e contar um pouco da sua vida.”

8: “Tenho 25 anos, sou formado em administração, hoje eu trabalho como consultor, faço duas pós-graduações e moro com a minha namorada.”

E: “E me conta uma coisa, qual foi o significado da pandemia pra você?”

8: “Olha, o significado da pandemia para mim foi algo que mostrou o quanto a gente é globalizado e quanto uma coisa pequena, em um pequeno lugar do mundo pode alcançar o mundo inteiro, trazendo uma mudança absurda... O que é bom para o ser humano se colocar no seu lugar, uma coisa que era para ser tão pequena, uma feira, tomou proporções gigantescas e me fez pensar quanto o ser humano tem que prestar cada vez mais atenção nas suas ações, porque pode afetar não só assim mesmo, como de repente uma escala global de pessoas. Para mim foi um momento difícil, de preocupação de dar mais valor para as relações.”

E: “Entendi e deixa eu te perguntar, com exceção da sua namorada, que mora com você, você tem relações importantes para sua vida?”

8: “Sim, meus pais e meus amigos e são relações de importância gigantesca e quanto mais eu tô longe, mais eu percebo o quão importante é estar próximo dessas pessoas, eu sinto saudade, quero tá sempre perto... são ações que tem vários aspectos importantes para vida, desde lazer até apoio, força... São relações que me energizam.”

E: “Entendi, agora vou fazer algumas perguntas para você, mas essa primeira parte da entrevista eu quero que você foque na sua vida social no período pré-pandemia, quando ainda não tinha necessidade do distanciamento social... Primeira coisa que eu queria saber: quais eram as principais formas de contato que você tinha com essas relações que a gente comentou, que são importantes para você, mas que não moram junto com você?”

8: “Geralmente eu ia para casa dessas pessoas ou essas pessoas venham na minha casa, era um contato físico.”

E: “E como você mostrava para as pessoas que você queria manter essa relação, que você queria continuar nutrindo esse vínculo?”

8: “Eu convidava eles para a minha casa ou me convidava para casa deles simplesmente e o simples fato de estar presente já demonstrava.”

E: “E como você percebia que a recíproca era verdadeira?”

8: “Eu acho que essa própria dinâmica já mostra que a recíproca é verdadeira...Elas escolherem me ver.”

E: “Agora vamos focar nos encontros físicos: festa, jantar, evento, happy-hour, em qualquer momento que as pessoas se encontravam fisicamente, qual que era a frequência desse tipo de encontro para você?”

8: “Era uma frequência semanal no mínimo.”

E: “E qual a importância desses encontros para as suas relações?”

8: “Para mim a importância do encontro físico era gigantesca, porque era o momento no qual a relação existia, era o momento para conversar, para ver, para interagir, para falar o que tá acontecendo na minha vida e saber o que que tá acontecendo na deles.”

E: “Agora eu quero que você pense numa situação hipotética na qual você gostaria de presentear alguém dessa sua rede de relações, ainda no período anterior a pandemia, ok? Como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

8: “Olha, não sou muito de dar presente, mas eu entregaria pessoalmente.”

E: “Entendi e qual reação você esperaria da pessoa?”

8: “Felicidade e surpresa.”

E: “Mas como você perceberia essa reação?”

8: “Percebia pela fisionomia da pessoa, pela expressão .”

E: “Sei... E qual a importância da reação dessa pessoa para você em relação ao ato de dar o presente?”

8: “Essa reação traz felicidade, você fica feliz de ver a pessoa feliz por algo que você fez, sabe?”

E: “E me fala uma coisa, pra você o que é um presente?”

8: “Nossa acho que muita coisa, pode ser desde algo físico a algo sentimental, uma cartinha pode ser um presente, uma festa surpresa... Acho que um presente para mim é a intenção de deixar alguém feliz.”

E: “Agora a gente já vai se encaminhar para segunda parte da entrevista e a partir desse momento a gente vai focar na sua vida social e nas suas relações durante o processo de distanciamento social da pandemia... Quais foram as principais formas de contato que você teve com essas relações importantes durante o distanciamento?”

8: “Vídeo Chamada.”

E: “E você notou alguma forma de adaptação nessas relações?”

8: “Olha, teve a adaptação do contato, por exemplo, nunca fiz vídeo chamada e agora faço sempre... Eu acho que é uma adaptação de importância absurda porque agora, por exemplo, eu

já tô acostumado à vídeo chamada como uma nova forma de contato que antes eu tinha quase desprezo e agora eu já acho totalmente válido.”

E: “Perfeito... E pensando nesse momento de pandemia, como você manifestava interesse de manter a relação com as pessoas já que não podia mais encontrar?”

8: “Eu acho que na pandemia você ligar para pessoa, mandar um WhatsApp, perguntar como ela está, já é uma boa manifestação de interesse.”

E: “E como você percebia que a recíproca era verdadeira?”

8: “Eu acho que da mesma forma, ela procurar como falar comigo, tenta fazer uma call, acho que dessa forma dava para ver... Mais uma coisa que alterou na pandemia é que agora, quando você não pode ver as pessoas, ou se quiser ver tem que fazer todo um isolamento, ter todo um cuidado, isso foi uma nova forma de perceber a importância que você tem para pessoa, porque agora além de tudo ela vai ter que se cuidar, se isolar e garantir que tá bem para poder te ver, eu acho que isso demonstra o interesse... Então acho que aí é uma forma diferente de perceber a intenção e acho que é bastante relevante .”

E: “E agora voltando a pensar naqueles encontros físicos, qual você acha que foi o impacto do impedimento desse encontro para as relações?”

8: “Eu acho que foi um impacto muito grande, para mim pessoalmente, tenho pessoas idosas da minha família como minha avó, que não consegue usar a tecnologia e esse tipo de coisa e ela mora no sul, a gente se vê um ano sim um ano não e bem no ano que eu ia ver ela foi o ano da pandemia, então vai bater já já três anos que eu não a vejo e o impacto é gigantesco, ainda mais na vida de uma pessoa idosa. E com os meus amigos que eu via semanalmente, simplesmente não poder mais ver é uma mudança enorme na vida, eu não acho que impacta definitivamente a relação, ela continua mas, o impacto na forma dela acontecer é absurdo, eu acho que eu posso dizer que no mínimo traz muito aprendizado.”

E: “Você notou algo que substituiu o encontro físico?”

8: “Na minha opinião nada substitui o encontro físico, a tecnologia ajuda a sentir menos falta, mas o contato físico, estar no mesmo ambiente, olhando no olho, o calor humano, esse não tem como ser substituído por nada.”

E: “Perfeito. Agora a gente vai voltar para aquela situação hipotética na qual você quer dar o presente para alguém, só que agora estamos no distanciamento. Como você faria para esse presente chegar na pessoa?”

8: “Mandaria entregar através de uma empresa preparada para entregar de uma maneira mais segura.”

E: “E qual reação você esperaria da pessoa ao receber o presente?”

8: “Bom, nesse caso eu esperaria como reação um retorno avisando que recebeu, um WhatsApp, um áudio, uma mensagem e até uma ligação para ela tentar mostrar a reação dela, eu acho que esperaria isso.”

E: “E você acredita que dá pra perceber a reação da pessoa mesmo não estando perto?”

8: “Eu acho que é possível perceber a reação, mas não de maneira imediata então talvez não seja a reação 100% honesta... Pelo menos é uma reação que você observa com menos intensidade, porque você não tá ali no momento... Se a pessoa mandar um vídeo você consegue ter noção da expressão dela, se ela mandar um áudio só da voz se ela mandar uma mensagem escrita, você não tem a percepção de basicamente nada, então até dá para ter uma noção da reação, mas acho que bem menos intensa e verdadeira.”

E: “Então, como a gente sabe, o momento da pandemia alterou várias regras de boa convivência, então o que antes era educado, considerado polido... Hoje em dia pode ser considerado um fator de risco para as pessoas, os hábitos mudaram muito e eu queria saber se, devido a esse contexto houve alguma situação na qual você precisou ser menos educado ou menos acolhedor do que você seria no período pré-pandemia.”

8: “Sim sim, eu mudei de residência e eu não pude apertar a mão das locatárias, vou morar na casa das pessoas, elas são super legais eu não pude nem cumprimentar, dar um abraço, nem

ser caloroso, eu achei bem hostil isso, tipo: ‘vou morar na sua casa, mas não posso nem chegar perto de você’”.

E: “E considerando essas situações que aconteceram com você e com várias outras pessoas durante a pandemia, da gente não poder agir da maneira como a gente agiria antes, você viveu algum caso ou sabe de algum caso que alguém sentiu chateado, ofendido, ou até discriminado por uma situação como essa?”

8: “Olha, no meu grupo de amigos aconteceu isso sim, porque as vezes que a gente optou por se cuidar e se isolar para depois se encontrar, a gente não chamou uma pessoa que tinha parentes que trabalhavam na linha de frente e também teve uma outra pessoa que a gente deixou de chamar porque sabia que ela não tava se cuidando tanto, que tava saindo com mais frequência e essas pessoas ficaram chateadas, a gente ficou chateado, foi uma situação no geral bastante constrangedora que envolvia medo e depois arrependimento, foi bem complicado.”

E: “E na sua opinião, qual o impacto de uma situação como essa na relação das pessoas envolvidas?”

8: “Olha eu acho que pode gerar um impacto negativo, no nosso caso a gente conseguiu contornar com uma certa eficácia e as pessoas entenderam que talvez elas oferecessem risco maior, mas de toda forma é uma discriminação e isso não é legal.”

E: “Bom, nós paramos por aqui, eu queria agradecer mais uma vez pelo seu tempo e reforçar que sua participação é muito importante para o desenvolvimento da minha dissertação, obrigada!”

8: “Obrigado, Érika!”